

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Lilian Godoy Santos Alves**

**O PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS - MG E A  
COMERCIALIZAÇÃO DE SUA IMAGEM TURÍSTICO-MÍSTICA: ENTRE A  
RESISTÊNCIA E A INCORPORAÇÃO**

**Juiz de Fora**

**2024**

**Lilian Godoy Santos Alves**

**O patrimônio cultural de São Thomé das Letras-MG e a comercialização de sua imagem turístico-mística: entre a resistência e a incorporação.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

**Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti**

**Juiz de Fora**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alves, Lilian Godoy Santos Alves.

O patrimônio cultural de São Thomé das Letras-MG e a comercialização de sua imagem turístico-mística: entre a resistência e a incorporação. / Lilian Godoy Santos Alves Alves. -- 2024.

99 f. : il.

Orientador: Rodrigo Christofolletti Christofolletti

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

1. São Thomé das Letras. 2. patrimônio cultural . 3. memória. 4. turismo. 5. misticismo . I. Christofolletti, Rodrigo Christofolletti, orient. II. Título.

**Lilian Godoy Santos Alves**

**O patrimônio cultural de São Thomé das Letras-MG e a comercialização de sua imagem  
turístico-mística: entre a resistência e a incorporação.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 27 de março de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

---

Prof. Dr. Marcos Olender  
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

---

Danilo José Zioni Ferreti  
Universidade Federal de São João del Rei

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente minha base estrutural, meus familiares que sempre me deram incentivo e condições aos meus estudos e trabalhos. Ao meu pai João Carlos, que sempre foi um exemplo e inspiração na sede pelo conhecimento. A minha mãe Maria Inês, que na sua vontade de contar intermináveis histórias sobre sua trajetória nascida em São Thomé das Letras e de sua família, me deu a matéria prima para esta pesquisa. Ela que nunca me deixou desistir de meus sonhos e colabora incessantemente em minha rotina de conciliar a pesquisa e a docência. Ao meu irmão João Pedro, por todos conselhos de vida e alegria de ter me tornado tia de uma criança que irradia luz, a Clara, que me inspira e me lembrava ao olhar para sua pequena foto em meu ambiente de estudo sobre as pequenas alegrias da vida.

A Universidade Federal de Juiz de Fora e seu corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História, que colaborou para a formação desta pesquisa em tempos turbulentos que iniciei no programa em um governo negacionista, porém ali encontrei pessoas que me deram fomento para continuar mostrando a importância deste estudo. Ao meu orientador Rodrigo Christofolletti, combustível e fonte de inspiração diante de sua brilhante trajetória, sou grata por cada orientação e tempo disponibilizado virtualmente, tornando mais leve e concreto os caminhos percorridos em uma pós-graduação feita majoritariamente online diante de uma situação de pandemia.

Aos moradores entrevistados de São Thomé das Letras, que disponibilizaram seu tempo para contar a sua história que resulta na finalização por hora desta pesquisa. A Marcela Bossiger, que sempre me acolheu, compartilhando suas pesquisas para fins de documentário e me indicando possíveis caminhos que seriam valorosos.

Aos meus colegas de mestrado, Leonardo Brandi e Marina Guilarduci, por dividirem comigo todos anseios, inseguranças e conhecimentos durante a trajetória de pesquisa que é tão solitária.

Aos meus amigos mestres, Bianca Colvara, meu primo Thiago Sales e Henrique Corrêa, profissionais brilhantes que compartilharam de suas experiências e foram acalanto para que eu pudesse seguir, estando presente até mesmo em campo de pesquisa.

Ao meu companheiro Patrick, por ser meu apoio psicológico, que me lembrava de acreditar na minha capacidade e de descansar para que no outro dia eu voltasse a escrever com mais clareza e ânimo.

Ao meu Deus, que encontro em singelos detalhes da natureza, que surgiram ao decorrer desta pesquisa.

*A revista pro turista anuncia a boa vista tão normal*

*A lixeira que aqui cheira*

*Tudo cheira, cheira mal*

*Urubu não voa no cartão-postal*

*Que cidade é essa que não é mais a nossa cidade*

*Que maldade é essa que ameaça à beça nossa integridade*

*Quem são vocês?*

*Que criam as regras e negam as leis*

*(Pobre de Ti – Luís Perequê)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os lugares de memória na cidade de São Thomé das Letras - MG e as narrativas sobre seu patrimônio cultural. Com isto, busca-se elencar através da memória coletiva evidências de resistências ou incorporações entre as práticas culturais que ainda prevalecem ou lutam pela permanência em meio ao crescente turismo com a narrativa mística. O recorte temporal proposto é o desdobramento dos anos 2000 até os dias atuais, porém inicialmente abordamos o processo de povoamento do local através de revisões bibliográficas para então tratarmos da construção da narrativa mística divulgada pela mídia e alguns estudos de casos de manifestações culturais locais, sendo contrapostos entre as narrativas elencadas com a metodologia da historial oral e notícias veiculadas através de jornais e mídias atuais.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; turismo; misticismo; memória; São Thomé das Letras.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the sites of memory in the city of São Thomé das Letras - MG and the narratives about its cultural heritage. Therewith, we seek to list through collective memory evidence of resistance or incorporation between cultural practices that still prevail or fight for permanence amid the growing tourism with the mystical narrative. The proposed time frame is the unfolding of the 2000s to the present day, although we initially approach the process of populating the place through bibliographical reviews and then deal with the construction of the mystical narrative disseminated by the media and some case studies of local cultural manifestations, being contrasted between the narratives listed using the oral history methodology and news disseminated through newspapers and current media.

**Keywords:** cultural heritage; tourism; mysticism; memory; São Thomé das Letras.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entorno da Gruta da Toca do Leão .....	52
Figura 2 – Placas informativas sobre a Gruta Toca do Leão.....	52
Figura 3 – Lotação na casa da Pirâmide durante final de semana da Festa de Agosto .....	56
Figura 4 – Imagens de divulgação do STL Festival de 2024 .....	60
Figura 5 – Nota de esclarecimento sobre alteração do nome no portal da cidade, postada em janeiro de 2022 em uma página de divulgação da cidade. ....	61
Figura 6 – Comentários divergentes na publicação do Minas Ninja em relação ao local ser uma “terra sem lei” .....	65
Figura 7 – Comentários na publicação do Minas Ninja classificando as diferenças e percepções entre malucos de br e artesões. ....	66
Figura 8 – Comentário na publicação do Minas Ninja sobre uma outra perspectiva sobre a malucada de br e conflitos locais com este grupo. ....	67
Figura 9: Continuação do comentário pelo mesmo seguidor sobre conflitos no espaço material e simbólico, como também a solicitação ao Minas Ninja em mostrar uma outra perspectiva do ocorrido.....	68
Figura 10 – Comentário na publicação do Minas Ninja, a favor da liberdade artística mesmo elencando os problemas enfrentados no contexto local. ....	69
Figura 11: Comentários na publicação do Minas Ninja em defesa da malucada de br.....	70
Figura 12: Pedaco de pedra colocado no jardim da praça central com a mensagem “Não vicie em Drogas, vicie-se em cuidar da natureza”. ....	71
Figura 13: Banner da entrada da exposição que consta como objetivo citado trazer “Uma das perspectivas que foi jogada para as margens. Um trecho das muitas letras apagadas..” .....	76
Figura 14: Recorte do banner de informações sobre a história da cidade, evidenciando a história do negro na região como protagonista.....	77
Figura 15: Foto elaborada por Marcela, da moradora Dona Fátima, conforme placa informativa, nasceu na Fazenda Bela Cruz, palco da Revolta mais importante do Sul de Minas. ....	78
Figura 16: Divulgação da programação da Festa da Rua de Baixo de 2023, em que é possível observar uma programação diversa. ....	85
Figura 17: Apresentação do grupo Afoche Vozes de Orum e mesa de comidas típicas, na Festa da Rua de Baixo de 2023. ....	87

Figura 18: Imagem de divulgação da Festa da Rua de Cima (Arraiá do Sô João) com pedido de doação para festa ser realizada. ....	88
Figura 19: Momento da Rua Jefferson Gonzaga (rua de cima) ocupada durante a Festa da Rua de Cima de 2023. ....	89

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	26
São Thomé das Letras: lugares de memórias entre conflitos e interseções.....	26
1. Da origem do povoado à interpretação de seu adjetivo místico.....	26
2. O patrimônio cultural local: um espaço de disputas.....	33
CAPÍTULO II.....	46
A construção de uma identidade, sob a ótica da mídia, do turismo e moradores nativos .....	47
CAPÍTULO III .....	74
Desdobramento do uso do espaço para manifestações culturais locais: análise de casos e seus significados de sociabilidades .....	74
1. Festa de Agosto .....	79
2. Semana Santa .....	82
3. Festa da Rua de Baixo .....	84
4. Festa da Rua de Cima.....	88
Considerações finais .....	91
Referências .....	94
APÊNDICE A – Perfil dos entrevistados.....	98

## INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é analisar a relação entre os lugares de memória e a imagem mística altamente propagada pelo turismo na cidade de São Thomé das Letras, MG, tendo o turismo como uma problemática ativa (mas não central) da análise. Com isto, busca-se elencar evidências de conflitos ou pontos de interseções na construção da memória coletiva local, entre as práticas culturais que ainda prevalecem ou lutam pela permanência em meio ao crescente turismo. Assim, fazendo uma análise entre a ótica da nova geração dos moradores nativos e a de seus antecessores que estiveram ali antes do turismo impulsionado pelo misticismo, ecoturismo e eventos, buscaremos dar voz a esses personagens e compreender quando se dá aquilo que chamamos de virada no *modus vivendi* da cidade. Pesquisando na visão destes – detentores da memória, tradição e identidade – o sentimento de pertencimento neste campo transformado, as preocupações com o patrimônio cultural, impactos advindos do turismo em seu cotidiano, como também, buscando compreender como eles incorporam em sua memória as influências possivelmente advindas das práticas em prol do turismo.

Ademais, notícias veiculadas nas grandes mídias e na mídia local serão relacionados com a memória dos moradores, a fim de compreender como a cidade tem sido divulgada resultando na construção de sua imagem. Isto será posto em contraste com as narrativas dos nativos, objetivando o entendimento do que há por trás do misticismo divulgado dentro do cotidiano real. O recorte proposto compreende de 2000 – período que remonta ao início dos investimentos em prol do turismo por parte da administração local e até mesmo de investidores externos – até os dias atuais (FLEISHER; FALEIRO, 2012, pp.253-259). Para compreender melhor as mudanças no local, notícias dos anos anteriores ao do recorte inicial eventualmente serão resgatadas. Com o intuito de pensar as nuances entre resistência ou incorporação da imagem “mística” comercializada, debateremos aqui alguns acontecimentos, como a tentativa de venda da casa da Pirâmide<sup>1</sup>, os fenômenos entorno da “tradicional” “Festa de Agosto”, também conhecida como “Festa da Colheita”, a Festa da Rua de Baixo, dentre outros.

São Thomé das Letras é uma cidade localizada no sul de Minas Gerais, atualmente considerada uma cidade turística e com um crescente calendário de eventos. Tem seu processo de ocupação de novos moradores acontecendo desde a década de 1970, que de acordo com

---

<sup>1</sup> A casa da pirâmide fica localizada no Parque Antônio Rosa, sendo um dos pontos turísticos mais visitado.

D’Auria (2000) estas visitasões a cidade e “novo” povoamento aconteceram por diversos motivos desde a época citada. Contudo, a partir do ano 2000, os olhares para o turismo nesta cidade é um dos predominantes. Os “produtos” oferecidos aos visitantes são de diversas áreas, perpassando pelo turismo ecológico, místico e uma escala crescente de eventos – que estão tomando proporções estruturais maiores.

Na época de sua fundação, a Vila de São Thomé das Letras, tinha como base econômica a agricultura. O início de seu povoado ocorreu no entorno de onde hoje é a Igreja Matriz, um dos pontos de referência e central da cidade. A construção desta e o nome da cidade caminham lado a lado, carregado de muita religiosidade oriunda de uma lenda que conta sobre a aparição misteriosa da imagem de São Tomé na gruta próxima a Igreja. Nesta gruta, se encontram inscrições rupestres que, de acordo com pesquisas do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) foram feitas pelos índios Goitacazes que habitaram a região (FLEISHER; FALEIRO, 2012, p.259).

O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Centro Histórico de São Thomé das Letras foi tombado em 1996, após um equívoco em 1986 ao tombar somente o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Capela de Nossa Senhora do Rosário. Ambos se encontram inscritos em mais de um dos Livros de Tombo.<sup>2</sup> São diversos os bens inventariados entre o ano de 2001 a 2011, como sítios arqueológicos, sítios naturais, modos de fazer, celebrações, dentre outros.<sup>3</sup> O patrimônio material e ambiental sempre foi muito divulgado, diferentemente dos bens culturais imateriais que, excepcionalmente até a década de 2010 foram encontradas poucas notícias veiculadas como a apresentada em uma imagem da revista *Manchete*, de um menino com sua fantasia de reisado empunhando sua bandeira.<sup>4</sup>

São Thomé das Letras pertenceu a diversos municípios até que em 1962 a cidade foi emancipada politicamente (FLEISHER; FALEIRO, 2012, p.259). De acordo com Carla D’Auria (2000, pp.322-323) ocorreram grandes transformações na cidade na década de 1970, como a chegada de energia elétrica, melhores estradas de acesso e o uso de explosivo nas

---

<sup>2</sup> Dados do IEPHA – Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/75/bens-tombados-centro-hist%C3%B3rico-e-igreja-matriz-de-s%C3%A3o-thom%C3%A9-das-letras> . Acesso em: 02 de setembro de 2020.

<sup>3</sup> Cultura e Setor de Patrimônio de São Thomé das Letras – Disponível em: <https://saotomedasletras.mg.gov.br/2017/10/24/listagem-de-bens-inventariados/>. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

<sup>4</sup> Os mistérios da cidade de pedra, *Manchete (RJ)*, 1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22S%C3%A3o%20Tom%C3%A9%20das%20Letras%22&pagfis=234172> . Acesso em: 04 de setembro de 2020.

pedreiras, que movimentam até os dias atuais a economia local. A maior facilidade de acesso à cidade, resultou na descaracterização do antigo arraial com as novas técnicas de construção de casas com estilo mais moderno, devido ao custo menor e a possibilidade de chegada destes novos materiais de construção.

A historiadora citada também discorre sobre os novos moradores e visitantes, que buscavam um lugar alternativo para viver longe do capitalismo. Conforme a pesquisadora e com base em sua entrevista com um dos primeiros forasteiros<sup>5</sup>, este conta que os “*hippies*” começaram a se instalar em São Thomé das Letras logo depois que o próprio forasteiro os levou até a cidade, após o Festival do Som, que ocorreu em 1973 em Três Corações, cidade vizinha (2000, pp.325-331). Os forasteiros, “*hippies*”, foram se integrando ao cenário da cidade, do cotidiano dos moradores e trabalhando com os mineradores que era uma das poucas chances e locais de onde poderiam conseguir emprego. Mas já na década de 1980 com um certo crescimento da vila, os novos moradores estabeleceram seus comércios local (D’ÁURIA, 2000, p.260).

Estes novos moradores e seus estilos de vida alternativo são como uma identidade da cidade com os misticismos que trouxeram, que segundo Fleisher e Faleiro (2012, p.260), inclusive causaram conflitos com as crenças locais, que são diversas para um município pequeno, como: a Igreja Católica, Assembleia de Deus, a Comunidade Espírita, a Umbanda, o Candomblé, o Santo Daime e a mística Sociedade Eubiose. Ao longo de 30 anos (1980-2010) ocorreram diversas transformações e ciclos turísticos na cidade, principalmente o número de moradores que saltou de cerca de mil habitantes para seis mil.

A cidade tornou-se um dos principais locais de refúgio para moradores de capitais, como Belo Horizonte e São Paulo. Conforme mencionado pelos pesquisadores Fleisher e Faleiro (2012, pp.253-259), a partir da década de 2000, o turismo passou a ser uma importante fonte de renda, um dos pilares econômicos local, com moradores empreendendo diante das necessidades para atender as demandas dos setores turísticos que estavam crescendo. Após quase perder o título de cidade com potencial turístico, por desinteresse da gestão municipal entre 1996-2000, passou receber investimentos da EMBRATUR – Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo - para estabelecerem uma infraestrutura para atender o turismo. Consequentemente, várias áreas passaram a ser preservadas, principalmente no que diz respeito ao patrimônio natural, colocando até mesmo restrições a mineração e seu uso de explosivos que até a década de 1990 não haviam regras para tal atividade. Com relação a estas regras e mudanças em prol

---

<sup>5</sup> Adjetivo para aqueles novos moradores e visitantes usado na pesquisa de Carla Afonsina D’Auria.

do turismo, D’Auria (2000, p.347) aponta que majoritariamente eram os novos moradores já estabelecidos na cidade com seu comércio que protestavam a favor da preservação do patrimônio ambiental e arquitetônico.

A partir da institucionalização do turismo no local, despontaram descaracterizações, conflitos e divisões sociais, entre nativos (moradores antigos) e forasteiros (recém-chegados). Para uns a nova atividade econômica trazia seus benefícios, e para outros, não, como no caso dos donos de pedreira que passaram a ter que se enquadrar nas novas normas de preservação ambiental. Os benefícios econômicos na época concentraram-se em grande maioria circulados entre os forasteiros. Porém com o aumento da demanda turística os nativos começaram a investir neste novo ramo (FLEISHER; FALEIRO, 2012, pp.276-281). A descaracterização do ambiente chegou a impactar até mesmo no nome de alguns locais conforme apontado por D’Auria (2000, p.337), explicando que tinham essa prática de mudanças de nomes com o intuito de atender as expectativas turísticas. É elencado como exemplo, a mudança do nome de um pico para o que hoje conhecemos como “Pedra da Bruxa”, localizado no centro da cidade. Além disto, os turistas podem produzir impactos também ao entrarem no imaginário vendido pela cidade, reforçando uma imagem negativa, de um ambiente com consumo exacerbado de álcool e drogas. O SEBRAE tentou mudar este referencial que de certa forma atrai muitos turistas que não gastam, mas vandalizam (D’AURIA, 2000, p.357).

Desde a década de 1970 até 1990, foram despertados diferentes tipos de turismo na cidade que hoje todos estes são comercializados. A pesquisadora D’Auria (2000, p.357) divide-os em “ondas turísticas”. Sendo na década de 1970 a primeira onda turística em que foram recebidos jovens aventureiros ou os chamados “hippies”. Na década de 1980, deslocaram para o turismo místico e esotérico (iniciado pelos eubiotas) como também a revitalização do chamado turismo em cidade histórica pelas arquiteturas peculiares e tradição oral. Este turismo místico foi e é divulgado fortemente na imprensa até mesmo internacional e por vezes com bastante sensacionalismo, apoiados na presença da Sociedade Eubiose na cidade. Por fim, na década de 1990 o ecoturismo foi muito expressivo, com a prática de esportes radicais e pessoas se especializando em abrir trilhas.

Outro setor que atraem turistas são as realizações de eventos, seja em feriados ou não, sendo motivos para aparecerem conflitos entre a população local.<sup>6</sup> De forma geral e tratado na pesquisa de David Fleisher e Rodrigo Faleiro (2012, pp.263-265), estes são: o carnaval, páscoa, festa de agosto e halloween. O feriado de carnaval é marcado pela ausência de festa, pois este

---

<sup>6</sup> Fleisher, David; Faleiro, Rodrigo, *Op.Cit*, 2012, pp.258-261.

segue sendo comemorado uma semana antes, recebendo entre 5 e 7 mil visitantes nessa época<sup>7</sup>. A páscoa, estes pesquisadores apontam como um feriado mais tranquilo na cidade devido a imposição de respeito da Igreja Católica. A Festa de Agosto, chamada antigamente de Festa da Colheita, perdeu seu intuito inicial passando para um sentido totalmente comercial, com shows e barraquinhas. Já o halloween, o público que frequenta é mais específico, ligado a bruxaria ou apenas curiosos sobre o tema. A realidade quanto a expectativa, visibilidade e número de turistas destes eventos ou feriados, nos últimos anos têm se transformado, principalmente em relação ao feriado da Páscoa e a Festa de Agosto. Fora estes, tem acontecido a tentativa de resgate da “Festa da Rua de Baixo”, com rodas de causos, capoeiras, folias de reis, roda de viola, congado, forró, pagode e brincadeiras antigas, realizadas por moradores e familiares da rua Camilo Rios (Rua de Baixo).<sup>8</sup>

A Festa de Agosto acontece no final do mês, sendo três dias de festa com shows e atualmente com um viés comercial, tendo sua mudança de rumos e intuítos tomada por volta dos anos 2000. Anteriormente enquanto Festa da Colheita, conforme discorrido por D’Auria (2000) esta era realizada com a finalidade de que as famílias que passavam o ano na zona rural dedicando-se à agricultura e a colheita pudessem depois descansar na cidade. Atualmente, precisamente em dados encontrados a partir de 2014, a cidade recebe cerca de 10 a 15 mil turistas durante os três dias de eventos, sendo realizada por empresas terceirizadas e com apoio da prefeitura municipal.<sup>9</sup> Quanto ao intuito inicial desta festa, em páginas do Instagram da DECULP (Departamento de Cultura e Patrimônio) e do Site da Prefeitura no Setor Cultural, foi divulgado no ano de 2019 um evento com objetivo de resgate do que inicialmente era a Festa

---

<sup>7</sup> Dados quantitativos de 2012.

<sup>8</sup> Evento em São Tomé das Letras valoriza tradições culturais, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11120727/>

<sup>9</sup> Festa de Agosto espera receber até 15 mil em São Thomé das Letras, *G1 Sul de Minas*, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/08/festa-de-agosto-espera-receber-ate-15-mil-em-sao-tome-das-letras-mg.html> . Acesso em: 5 de setembro de 2020.

Festa de Agosto agita final de semana em São Tomé das Letras, *G1 Sul de Minas*, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2015/08/festa-de-agosto-agita-fim-de-semana-em-sao-tome-das-letras-mg.html> . Acesso em: 5 de setembro de 2020.

Além de Teatro Mágico e Banda Onze:20 mais três shows fazem parte da Festa de Agosto de São Tomé das Letras, *TV São Thomé das Letras*, 2017. Disponível em: <https://karenparadatvstl.wixsite.com/tvsaotomedasletras/single-post/2017/07/27/A1%C3%A9m-de-Teatro-M%C3%A9gico-e-Banda-Onze20-mais-tr%C3%AAs-shows-fazem-parte-da-Festa-de-Agosto-de-S%C3%A3o-Tom%C3%A9-das-Letras> . Acesso em: 6 de setembro de 2020.



de Agosto, intitulado de “Resgatando Nossos Sabores”, com produção gastronômica e apresentações culturais local.<sup>10</sup>

O feriado da Páscoa, que era relativamente tranquilo e a Festa de Agosto que era a mais esperada do ano sofreram mudanças com a presença do turismo. Ocorreu a chegada de mais um novo evento, o “STL Festival” realizado desde 2016<sup>11</sup> que vem tomando proporções gigantescas e tendo algumas de suas edições sendo realizada no feriado da páscoa. O número de pessoas deste evento foi aumentando a cada ano até que em 2018 um grupo de proteção ambiental por meio de petição solicitou uma regulamentação de eventos de grande porte na cidade,<sup>12</sup> – como este que atraiu cerca de 30 mil turistas no evento realizado em apenas um dia. Esta petição, resultou em 2019 a realização de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) entre os organizadores do evento e a prefeitura.<sup>13</sup>

Diante das problemáticas locais apresentadas faz-se necessário elencar alguns pontos de José Newton de Meneses (2006) durante a pesquisa, em que ele aponta a atividade turística entre uma dualidade com um grande abismo, entre desenvolvimento econômico e exclusão social. Essa dualidade para o autor, “passa a ser vista, muitas vezes, nas comunidades receptivas, como mal necessário” (2006, p.56). Em São Thomé das Letras esta dualidade pode ser algo que em grande intensidade seja recente mesmo com seu processo de ocupação de pessoas de fora acontecendo desde a década de 1970.

De acordo com a Organização Mundial de Turismo, são diversos os tipos de prática turística, porém nesta pesquisa duas tem grande destaque no objeto estudado, o ecoturismo e o turismo místico e esotérico. O primeiro, é definido como “atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a

---

<sup>10</sup> São Tomé das Letras participará da 7ª Jornada de Patrimônio Cultural de Minas Gerais. Disponível em: <https://saotomedasletras.mg.gov.br/2019/08/23/sao-tome-das-letras-participara-da-7-a-jornada-de-patrimonio-cultural-de-minas-gerais/>. Acesso em: 6 de setembro de 2020.

<sup>11</sup> STL Music Festival já é considerado o maior festival anual de música em São Tomé das Letras e acontece no próximo dia 15 de abril, *TV São Thomé das Letras*, 2017. Disponível em:

<sup>12</sup> Grupo de proteção ambiental cria petição para regulamentar grandes eventos, *G1 Sul de Minas*, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/grupo-de-protecao-ambiental-cria-peticao-para-regularizar-grandes-eventos-em-sao-tome-das-letras-mg.ghtml>. Acesso em: 5 de setembro de 2020.

STL Music Festival Considerado o maior Festival Anual. Disponível em:

<https://karenparadavstl.wixsite.com/tvsaotomedasletras/single-post/2017/04/05/STL-Music-Festival-%C3%A9-considerado-o-maior-festival-anual-de-m%C3%BA-sica-em-S%C3%A3o-Tom%C3%A9-das-Letras-e-acontece-no-pr%C3%B3ximo-dia-15-de-abril>. Acesso em: 6 de setembro de 2020.

<sup>13</sup> Festival que deve receber cerca de 15 mil pessoas gera acordo entre prefeitura e organizadores, *G1 Sul de Minas*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2019/04/19/festival-que-deve-receber-15-mil-pessoas-gera-tac-entre-prefeitura-e-organizadores-em-mg.ghtml>. Acesso em: 05 de setembro de 2020.

formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”.<sup>14</sup> E o segundo caracteriza-se por “atividades turísticas decorrentes da busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos.”<sup>15</sup>

Para fundamentar essa pesquisa, serão trabalhados conceitos de patrimônio, lugares de memória, memória coletiva, costumes e enquadrando-a dentro da “história do tempo presente”. Conforme Marly Rodrigues (2001, p.16) o patrimônio visa referenciar as memórias sociais e identificar aqueles que vivem no mesmo espaço, compartilham da mesma memória e identidade, que de acordo com José Reginaldo Gonçalves (2009, p.25) tem grande relevância para a vida social e mental de uma determinada coletividade humana. Um conceito que não podemos deixar de pensar em suas implicações de usos e aplicações devido ao seu “nomadismo”, como elencado por Françoise Choay (1992, p.11) ao descrever patrimônio histórico como “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade”, como um sujeito de uma alegoria.

Ao se tratar de memórias e identidade de um grupo, os costumes são importantes componentes na formação destes. Thompson (1998) nos encaminhará à ideia de que os costumes estão alocados sobre o que as pessoas fazem em seu cotidiano, com frequência, havendo transmissão que só existe quando há um eixo de referência, considerando-o como um fio condutor. Todavia, ao considera-los como plurais (costumes) perdeu-se “o intenso sentido do costume no singular (embora com variadas formas de expressão) – o costume não como posterior a algo, mas como *sui generis*: ambiência, *mentalité*, um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa” (1998, p.14), deixando assim de perceber detalhes no cotidiano. Disto será necessário posteriormente pensar ainda a ideia de cultura, da qual o costume já foi utilizado para denotar uma parte do que é cultura, que também pode nos distrair de oposições, como será defendido pelo autor. Sendo assim, este conceito nos auxiliará no entendimento de como os moradores inserem em seu cotidiano os costumes presentes em sua cidade, como novas práticas culturais e eventos grandiosos – a saber, a “nova” Festa de Agosto, o Stl Festival, Festa da Rua de Baixo, dentro outros.

A pesquisa também será respaldada no conceito de “memória coletiva” do sociólogo Maurice Halbwachs, a fim de analisar como os moradores estão inserindo em suas memórias, os acontecimentos relacionados ao uso turístico da cidade após o ano de 2000. O sociólogo

---

<sup>14</sup> Secretaria Nacional de Políticas de Turismo - Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação, p.9.

<sup>15</sup> Ibidem, p.17.

Halbwachs (2006, p.31) entende que memória é um fato coletivo, que deve ser relacionado aos contextos sociais, que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós”. Contudo, o estudo da memória coletiva permitirá elencar as mudanças e impactos nos costumes locais, no campo em geral daqueles que estão pouco mais de duas décadas inseridos em um novo uso da cidade – assim será possível analisar onde estes moradores se encontram nesse novo cenário.

Por fim, essa pesquisa se enquadra naquilo que denominamos de história do tempo presente, pois conforme delimitação de Serge Bernstein e Pierre Milza (1999, P.127), se busca “compreender por que o processo se chegou a situação presente: ele se dedica a descrever as estruturas cujas transformações dão conta da emergência factual de fenômenos cuja gênese se situa sempre a médio ou a longo prazo”.

A percepção da necessidade desta pesquisa surge à vista de experiências anteriores em pesquisa sobre tensões entre o desenvolvimento turístico e o patrimônio cultural,<sup>16</sup> como também atuação no programa do ICMS cultural do estado em uma cidade turística.<sup>17</sup> Com análises já feitas em outro local sobre sua recepção de grandes e diversos eventos, concluiu-se através dos moradores nativos, percepções negativas e sentimentos de exclusão em âmbitos sociais, econômicos e culturais – este último representando quase uma inacessibilidade dos moradores naquilo que representava sua memória, tanto material quanto imaterial.

Em relação a realização de grandes eventos, esta cidade anteriormente pesquisada, há quase dez anos vem trabalhando em uma lei regulamentadora (promulgada em 2012) para realização deste empreendimento. Esta traz benefícios à população local o que foi recentemente e semelhante discutido com a implementação de uma TAC em São Thomé das Letras. O grande investimento em prol do turismo em uma cidade e seu olhar mais atento (ou quase exclusivamente) ao patrimônio material e ambiental pode ofuscar a possibilidade de incentivo por parte da administração local em outras vertentes relacionadas aos bens culturais, que podem também serem importantes para a população e suas sociabilidades.

O entendimento do que é patrimônio cultural e o direito à cultura, muitas vezes é percebido pela sociedade muito em relação ao que é de caráter material e deixa à margem modos de viver. Isto pode deixar sequelas como, uma menor preocupação aos ritos que deram o signo aos lugares materiais, que aos poucos podem perder seu espaço para atender ao mercado

---

<sup>16</sup> Pesquisa com objeto central de estudo na cidade de Tiradentes-MG.

<sup>17</sup> Experiências resultadas de estágio na Secretaria de Cultura de São João del-Rei.

turístico. Isto não diminui a atenção necessitada pelo material, uma vez que pode fazer parte da completa continuidade de uma tradição e ser colocado em risco diante de conflitos entre dominantes e dominados. Mesmo com este entendimento atual de patrimônio cultural de forma integral, muitos podem estar distantes do direito ao acesso, propagação e preservação de sua cultura.

Em São Thomé das Letras o número de turistas tem aumentado – como apontado em pesquisas anteriores. Nesta última década, a recepção dos turistas em grande escala na mesma época provavelmente está aliada a realização de eventos, ou seja, para além do feriado como causa principal de uma possível sobrecarga. Como pauta para maior atenção, o recém “STL Festival” e a “tradicional” “Festa da Colheita” nos direciona para a problemática da prática de um turismo sustentável e democrático.

Pesquisas sobre este objeto de estudo estão voltadas para o processo de institucionalização do turismo no local ou de quando ainda não eram realizados eventos grandiosos que tomam os espaços comuns do cotidiano. Muito se fala em danos ao patrimônio material e ambiental, entretanto nesta proposta, o principal é a questão social e as perspectivas para a cidade diante do que a nova geração defende como batalhas necessárias dentro do campo, se são os mesmos de seus antecessores e se envolvem como por exemplo, em eventos como Resgate à Festa da Colheita e/ou Festa da Rua de Baixo.

O conflito entre forasteiros, nativos e turistas é fato, mas como eles inserem a vivência de uma cidade “normal”, em meio as situações provocadas pelo crescente número de turistas em feriados, como os religiosos, enquanto atendem aqueles que ali estão para o entretenimento? Existem mais pontos de interseções em detrimento de pontos de conflitos? Ou seja, onde estão os espaços para as práticas culturais nativas em meio à multidão dos eventos? Estes espaços existem e são incentivados? A nova geração também luta por esse espaço ou será uma batalha que se perderá no tempo?

Com este debate é dado como objetivo central analisar e investigar os lugares de memória local em relação a propagação da narrativa mística fortemente divulgada pelo turismo desde a década de 2000 até os dias atuais. Entender como a “nova geração” de nativos – aqueles que ali nasceram com a ideia mística propagada pelo turismo já inserida no contexto da cidade - se relaciona com a memória dos seus antecessores nativos – que tiveram mais experiências anteriores aos anos 2000 - diante das problemáticas atuais enfrentadas com a comercialização da cidade. Propondo, uma comparação entre narrativas destes nativos, sobre o seu olhar perante a relação do patrimônio cultural (material e imaterial) com o que é disposto pelo turismo sobre o adjetivo “místico” dado a cidade.

Detalhadamente, temos os seguintes objetivos específicos: a) verificar onde hoje encontra-se a sociabilidade dessas duas gerações, seus pontos de encontro com a comunidade local, como práticas culturais locais (imaterial) que com o tempo puderam ter sido encobertas e ou enfraquecidas pelas imagens vendidas da cidade – o misticismo e o ecoturismo; b) investigar qual narrativa a “nova geração” nativa se apropriam e têm como perspectiva: das tradições de seus antecessores nativos, das místicas chegadas na década de 70 e fortemente divulgada pela mídia e/ou um olhar mais apegado ao desenvolvimento turístico, como também a possibilidades de transições entre estas narrativas; c) observar as lutas travadas no campo com o crescimento de eventos, utilizando a regulamentação de realização de eventos de grande porte – requerida em 2018 e em vigor – como ferramenta para o seu entendimento. Buscar conhecer o contexto, entre dominantes e dominados, por quem, para quem e os objetivos principais em que a TAC foi feita e seus resultados. Assim, analisando também como os moradores enxergam o posicionamento e interesses da administração pública perante a realização de grandes eventos; d) coletar informações das alterações no cotidiano dos moradores em época de alta temporada turística, como feriados e eventos; e) por fim, elencar os pontos de conflitos e intersecções da memória coletiva, perante aos lugares de memória, podendo ser estes antecessores ao turismo e ou aqueles que surgiram neste novo contexto, sendo alguns deles: Festa de Agosto, Festa da Rua de Baixo, Semana Santa, Casa da Pirâmide, dentre outros que poderão surgir ao elencar as narrativas dos moradores.

Almejando concluir estes objetivos, teremos os caminhos da pesquisa respaldados na metodologia da História Oral que, segundo Verena Alberti (2008, p.155), “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e presente”. Estes relatos, conforme sugerido por Alberti (2008) não serão tomados como verdades absolutas, mas sim incluídos à discussão historiográfica. Justifico a escolha da utilização da técnica da história oral por trabalhar com a memória dos moradores da cidade, aspirando dar voz e percepção destes que são agentes da história local.

Este método, consiste em três etapas dentro da pesquisa: preparação, realização e por fim o tratamento separados em tópicos pelos lugares de memória investigados. Quanto a preparação do número de entrevistados, vale ressaltar que mesmo em pesquisas desenvolvidas por este método levar em consideração um grande número de entrevistas até a saturação – como apontada por Daniel Bertaux<sup>18</sup> – é pretendido inicialmente uma média de 10 entrevistas tomadas

---

<sup>18</sup> ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.35.

de modo qualitativo. Será dividida em dois grupos, sendo as duas diferentes gerações de nativos já mencionadas e a ordem pretendida para entrevistar inicia-se pelos mais velhos (ALBERTI, 2008, pp.171-172). Nesta ordem, possibilitará entender a memória destes para formular acréscimos a serem especulados na entrevista com a geração mais nova, sobre continuidade, pontos de conflitos, intersecções e rompimentos com tradições e práticas culturais.

Referente ao perfil dos entrevistados, serão selecionados de diferentes meios sociais (comerciantes, trabalhadores do setor público e estudantes) capazes de trazer informações diversificadas para a pesquisa, que poderão ser comparadas às diferentes versões sobre o passado e presente, como também entre as duas gerações, contribuindo para viabilizar generalizações para a pesquisa. Considerando o turismo instalado e investido na cidade há cerca de 20 anos, o primeiro grupo será composto pela faixa etária por volta de 45 anos, a fim de que consigam falar das mudanças no campo estudado e as lutas enfrentadas. E com o objetivo de entender as rupturas e continuidades levadas pelos mais novos depois do turismo instalado, a faixa etária mínima do segundo grupo a ser entrevistado é de 18 anos, nascidos posterior a década de 1990s.<sup>19</sup>

O tipo de entrevista a ser realizada será temática, de acordo com Verena Alberti (2008, p.175), esta dispõe-se adequadamente para quando se trata da participação do entrevistado no tema escolhido, especificamente quando ele está envolvido ou tem experiência em conjunturas determinadas, no caso, congruentes para trabalhar a memória sobre os eventos e acontecimentos da cidade. As entrevistas serão feitas por gravação de áudio, poderão ser utilizados codinomes, sendo decidido conforme a preferência e conforto de quem irá conceder o depoimento. Serão perguntas abertas, que podem resultar em uma conversa com o entrevistado e também será incluso durante a entrevista a solicitação de fotos, recortes de jornais ou lembranças dos eventos trabalhados nesta pesquisa, que podem ser úteis para reavivar acontecimentos passados (ALBERTI, 2008, p.179).

Como fonte também será trabalhado a imprensa, periódicos desde o ano de 1980 até a atualidade em que poderão ser elencados debates em redes sociais, para obter conhecimento de como a cidade e seus eventos vem sendo divulgados nacionalmente e relacioná-los com a memória dos moradores. A análise desta fonte compreende-se em um recorte temporal maior do que a pesquisa em si, com o intuito de captar e entender melhor como foi construída a imagem da cidade que hoje é divulgada, mesmo antes dos efetivos investimentos locais no turismo. Esse levantamento nos permite conhecer a sua proporção e conteúdo de cada um dos

---

<sup>19</sup> Conferir “Apêndice A” para mais informações do perfil dos entrevistados.

periódicos, que conforme José Rodrigues (apud LUCA, 2006, P.116) podem ter influenciado na memória e tradição dos moradores ou, até mesmo, atuaram inconscientemente na formação ou expressão da opinião pública, como um periódico é capaz de instigar e proporcionar.

Foram consultados o acervo digital “O Estado de S. Paulo” e na Biblioteca Nacional Digital, periódicos como “Jornal do Brasil”, “O fluminense” e “Manchete”, dos quais em pesquisa são os veículos de informação que mais foram encontradas notícias sobre nosso objeto de estudo. Serão também observadas mídias locais, como “Portal do G1 Sul de Minas” que por diversas vezes noticiam os acontecimentos locais e também “TV São Thomé das Letras” – esta última, mídia independente local. Diante das matérias publicadas, será feita também análise do discurso, importante na problematização da relação entre a narração do acontecimento e o acontecimento em si, com relação também a memória dos moradores atualmente sobre aquela época (LUCA, 2006, p.139). Além destas fontes, será recorrido também o uso de documentos oficiais, como leis desenvolvidas no município.

Após os desdobramentos gerais aqui expostos sobre a cidade, objetivos da pesquisa perante as justificativas e um breve respaldo teórico, o desenvolvimento perpassará por três capítulos. O primeiro capítulo de aporte teórico, abordará questões conceituais para respaldo dos dois capítulos subsequentes a fim de apontar as inquietações que serão tratadas posteriormente. Assim, será apresentado um debate conceitual entre lugares de memória, patrimônio e a memória coletiva entre conflitos e interseções, dentro da realidade de nosso objeto de pesquisa e finalizando levantando as problemáticas a serem trabalhadas com primazia nos demais capítulos.

O segundo capítulo, colocará em evidência a construção da identidade da cidade divulgada pela mídia e pela realização de eventos locais. Serão feitos alguns estudos de casos voltados para o turismo, como a realização do “STL Festival” que provocou a criação da lei regulamentadora de eventos; narrativas e desdobramentos sobre alguns pontos turísticos como a “Casa da Pirâmide”, Gruta do Carimbado; figuras “representativas” da cidade de viés místico ou não; e outros. Estes citados nos ajudarão levantar possíveis pontos de interseção ou conflitos, pautados também no uso dos relatos orais coletados. O terceiro capítulo ficará a cargo de mostrar a memória coletiva e seus espaços, costumes e práticas culturais locais para além do místico. Seus enfrentamentos em um novo contexto que a cidade está inserida e a adesão dos moradores. Novamente e com primazia sendo pautados com o uso da história oral, uma vez que ainda não foram encontrados trabalhos específicos sobre o que se pretende ser abordado, como a Festa de Agosto, Semana Santa, Festa da Rua de Baixo, dentre outros, que serão esmiuçados nesta parte final da pesquisa.

Em suma, abordaremos nestes capítulos os conflitos entre os grupos existentes para além dos esperados impactos do turismo que são possivelmente uma realidade em qualquer cidade em que esta atividade econômica é inserida. Os conflitos entre nativos e os novos moradores que chegaram gradativamente desde a década de 1970 já foram identificados em pesquisas anteriores, porém hoje a cidade com uma visibilidade nacional e com a possibilidade de debates para além dos moradores é necessário ser feito uma nova análise dos desdobramentos das rupturas e continuidades destes conflitos, inserindo a pesquisa na história de um tempo presente. A questão do místico como uma identidade da cidade divulgado há anos com sucesso, não havia sido abordado até o momento como os nativos enxergam, a opinião destes sobre como sua história e cidade é vista além de suas fronteiras. Fomos ao longo deste trabalho elencando festas de rua feitas pela população local, que ainda não foram encontrados trabalhos sobre, e que se mostrarão como ponto de encontro, resistência e a necessidade de revisitar a história do local em contraposição ao que sempre foi divulgado pela mídia, dando luz ao que o povo da cidade vive, respira e transforma enquanto a narrativa mística é escancarada e dominante.



*Tornou-se um clichê dizer que nós não devemos tratar as pessoas como coisas. Mas trata-se de um clichê equivocado. O que fizemos com as coisas para devotar-lhes um tal desprezo? E quem pode se permitir ter esse desprezo? Por que os prisioneiros são despojados de suas roupas a não ser para que se despojem de si mesmos? Marx, tendo um controle precário sobre os materiais da autoconstrução, sabia qual era o valor de seu próprio casaco.*

*(Peter Stallybras – O casaco de Marx)*

## CAPÍTULO I

### São Thomé das Letras: lugares de memórias entre conflitos e interseções

#### 1. Da origem do povoado à interpretação de seu adjetivo místico

Origens são sempre controvertidas. A nomeação resulta-se de uma história, de um evento, um fato verídico ou não, e não diferente disto, no nome da cidade de São Thomé das Letras há referência de lendas e vestígios sobre a origem do município. Passou por alterações com o desenvolvimento do povoado, que por muito tempo esteve isolado e diante disto a pesquisa historiográfica tem encontrado caminhos árduos. Conforme Jocysre Souza (2015,p.185) “designar é fazer significar, é produzir sentido”, assim, “Serra das Letras” (primeiro nome) que fazia referência as pinturas rupestres encontradas em grutas e cavernas foi reescriturado por “São Thomé das Letras”. Este último e atual nome, particularizou moradores específicos do povoado adeptos da fé ao apóstolo São Thomé ou que acreditavam sobre sua passagem ali enquanto arraial (2006, p.56).

Estes desdobramentos ligados ao nome da cidade serão apresentados, diante do resultado de uma intensa busca de referências bibliográficas sobre a cidade, tendo a pesquisa de Carla D’Auria (2000) como a mais completa já encontrada. Ainda assim, a mesma aponta que a pouca existência documental sobre a cidade fez com que fosse invertido a ordem de pesquisa, caminhando “forçadamente” ao campo ao invés de saturar as pesquisas documentais. Em contrapartida, D’Auria (2000,p.210) argui que “a dificuldade encontrada pelos historiadores em precisar as causas da gênese do povoamento no alto da serra não é compartilhada pelos habitantes de São Thomé das Letras, que guardam na memória, uma expressiva tradição narrativa, transmitida de geração em geração, de boca à orelha”. Esta narrativa esteve presente há cerca de 20 anos atrás (ano de conclusão da pesquisa citada) e que será aqui abordada alguns pontos posteriormente, como também questionada sua presença na atualidade. Mesmo sendo uma grande referência sobre o estudo de forma geral sobre a historiografia da cidade, ao elencar pontos de Walter Benjamin, a autora aponta que é uma obra que não deve ser considerada acabada ou uma história fechada.

O minucioso trabalho de D’Auria pode ser visto como uma analogia ao filme “Narradores de Javé” (2003) de Eliane Caffé. Este filme se desdobrou sobre um problema enfrentado por moradores de uma cidade que estava ameaçada a ser inundada diante da construção de uma usina hidrelétrica. No caso, para mudar os rumos dos acontecimentos do suposto “progresso” os moradores tentam reescrever a história da cidade para poder preservá-

la. Assim, a historiadora busca no interior do que foi considerado por muito tempo a principal (ou única) fonte de renda da cidade e uma oportunidade de progresso, ou seja, a atividade de extração de quartzito (trabalho em pedreiras), investigar a história do município tomando esta atividade como ponto de partida, mesmo que esta importante fonte de renda tenha sido questionada posteriormente como uma ameaça ao patrimônio ambiental local.

Questionou o processo desafiador de “unir fragmentos de memória e construir com eles, a trajetória histórica local sem diluir, no texto final, as várias presenças e vozes que, cada uma delas, à sua maneira (determinada por sua experiência que é sempre particular) contou uma história que foi comum a todos” (p.177,2000). Porém, esta atividade que foi tomada pela autora como seu fio condutor para pesquisa, mais tarde entraria em conflito com a atividade turística, sua nova população e interesses por trás da preocupação com a preservação ambiental ameaçada pelas pedreiras. Se houve anteriormente a preocupação em não diluir essas narrativas que foram registradas, busca-se hoje encontra-las diante de um cenário totalmente modificado também pela indústria turística.

Entre a origem do povoamento e os posteriores motivos de urbanização será notável neste último processo a existência de maiores conflitos e o caminho para um possível silêncio de uma fração da memória coletiva. A cidade estruturada no alto da serra, conforme Cristiano Sales (2008, p.185), carrega em seu nome o termo “Letras” em decorrência das pinturas rupestres encontradas nos diversos sítios arqueológicos ali existentes, catalogados ao menos 12 pelos alunos do Projeto Itaguatiara da Universidade Federal de São João del Rei. O historiador diante das pesquisas em campo defende que as pinturas encontradas espalhadas na cidade e no seu entorno, de forma abundante e de diversos tipos, sugerem que o local “pode ter sido uma região de intensos contatos, de domínio sucessivo de diferentes grupos ou, ainda, de significativas transformações culturais” (2008, p.187). Ainda que pouco difundido, D’Auria (2000, p.194) aborda a questão de povos indígenas e as heranças por estes ali deixadas, que nos sítios arqueológicos já foram encontrados vestígios (instrumentos de pedra polida e colares). Esta pouca difusão do debate sobre povos indígenas até mesmo nas narrativas locais e fazendo associação destes somente em relação as “letras”, segundo a autor, deve-se ao convívio forjado destes povos entre o padrão dos homens brancos e negros.

As causas do povoamento de São Thomé das Letras, como já mencionado, há ainda muito a ser aprofundado cientificamente. Porém já foi evidenciado que se deu no ciclo da mineração no século XVIII, mais precisamente em 1750, com o deslocamento do eixo do Brasil colonial para o Centro-Sul e de pessoas começando a habitar novas regiões. Assim, o imigrante português João Francisco da Junqueira estabeleceu a Fazenda Campo Alegre na Serra de São

Thomé, fazendo com que a região passasse a lhe pertencer. Documentado, há registros iniciais de 1770 relacionado a família Junqueira, que motivam a ereção da Capela de São Thomé. As narrativas e lendas sobre a cidade já são ligadas desde aos eventos relacionados a ocupação da serra e construção da capela, que esteve muito presente na fala dos moradores na década de 2000, mesmo com a estranheza de pretextos que levariam o estabelecimento de um povoado em terras de difícil acesso e desprovida de riquezas auríferas e terras férteis. (D’AURIA, 2000)

Também foram levantadas hipóteses, segundo D’Auria(2000,p.260), de um dos motivos do povoamento acontecer estar ligado a possibilidade do local ter se integrado a rota do ouro, sustentando na ideia de que o arraial estava próximo a antigas áreas de mineração (Baependi, Campanha...) e por ser um pico que proporcionava um visual facilitador para aqueles que se inseriam na região. Saindo do campo das hipóteses, a construção do povoado se deu entorno da ermida construída em homenagem a São Thomé, iniciada pelo João Francisco da Junqueira e finalizada por seu filho Gabriel Francisco Junqueira, sendo hoje a Igreja Matriz que ao lado possui um cemitério e a praça. Conforme a referida autora (2000,p.274), aos poucos construíram a praça que seria rodeada por casas – atualmente grande parte vem se tornando comércios<sup>20</sup> – de uma forma de construção particular devido o difícil acesso a região para obter materiais “comuns” de construção e também por terem desenvolvido a atividade de extração de quartzitos paulatinamente ao desenvolvimento do arraial.

A narrativa compartilhada por um dos entrevistados da pesquisa de Carla D’Auria (2000) sobre o que se sabia do início do arraial, há a presença de pessoas negras, escravizadas, reconhecidas como as responsáveis pela construção da igreja e das pedras carregadas. Enquanto sobre o cotidiano vivido (entrevista datada entre 1998-2000) é elencado algumas festividades (Festas de Agosto, Encerramento Semana Santa...) e algumas lamentações de suas transformações ao longo dos anos. Eram esses “eventos” que movimentavam o arraial no início do século XIX até que na década de 1980 começam a sofrer alterações por conta do convívio com o turismo e ou o turista. Essas festas que haviam procissões, barraquinhas de quitandas, bandas, dentre outros elementos, ao disputar espaço com o turismo, a procissão da Festa de Agosto e as atividades externas do Encerramento da Semana Santa, foram perdendo força.

Os caminhos para o suposto “progresso” deixando vagarosamente de ser uma cidade reclusa, de difícil acesso e conseqüentemente mais adiante dando passos para uma fração de silenciamento de algumas tradições, começam sorrateiramente no final do século XIX, mais

---

<sup>20</sup> Observação feita em trabalho de campo e de experiências individuais pela proximidade com o objeto. O entorno da praça é composto por lojas de artesanato, restaurantes, lanchonetes, dentre outros tipos de comércio direcionado ao turismo.

precisamente em 1884, com a construção da Estação de São Thomé, para transporte ferroviário. Localizava-se a 18km do alto da serra e facilitou o transporte de mercadorias e pessoas. Há dois grandes momentos de impulsionamento econômico, na década de 1940 com instituição da indústria de pedra e com o turismo na década de 1970. No intervalo de ambos ocorreu em 1962 a elevação de São Thomé das Letras a categoria de município, desta forma, emancipou-se de Baependi. (D'AURIA, 2000)

Estas festividades ou quando recebiam visitantes resultava em uma quebra de reclusão em que viviam distanciados de outras pessoas que não eram moradores, recebendo compradores de pedras, esotéricos da Sociedade Brasileira de Eubiose e posteriormente os turistas. Mesmo com o fluxo de visitantes desde a década de 1970 e os esotéricos da Eubiose frequentando o local desde 1930 o turismo ainda era visto apenas como uma alternativa há cerca de 20 anos atrás. Desta forma, D'Auria (2000, p.13) discorreu que “a mineração mantém-se até os dias de hoje como a principal fonte de renda e o turismo já se firmou como uma alternativa, recebendo incentivos da iniciativa pública e privada”.

Algumas mudanças foram acontecendo na década de 70, positivamente para as duas atividades econômicas presente (turismo e a extração de quartzito). A chegada de energia elétrica e estradas melhoradas impulsionaria os dois possíveis eixos da economia, porém a novidade do uso de explosivos, colocaria as duas atividades em uma posição de conflitos, tornando complicado o desenvolvimento simultâneo de ambos. Já haviam interessados no ramo turístico, como por exemplo, a pousada “arco íris” sendo um dos primeiros no ramo da hotelaria, porém desenvolvidos por pessoas que não eram nativas. Na década seguinte (1980) a imagem de cidade mística já havia se difundido naquela sociedade que até o momento era majoritariamente rural. (D'AURIA, 2000)

A historiadora Carla D'Auria (2000) mostra um ponto de intersecção entre os hippies recém-chegados de forma abundante na década de 70 e os moradores nativos do município. Fizeram surgir desta convivência um tipo de artesanato na década de 80, a casinha de pedra. Este artesanato faz referência a arquitetura local, porém os hippies também começaram a disseminar através da arte de “durepoxi” referências ao místico, produzindo duendes, fadas, gnomos, dentre outros.<sup>21</sup> Desta mesma forma, a imprensa também vem caminhando, inicialmente divulgou o turismo em uma arquitetura peculiar, ambiental e ou histórico,

---

<sup>21</sup> Todos esses tipos de artesanatos ainda são encontrados no comércio local, com grande primazia os itens relacionados a gnomos, fadas, bruxas, que já até viraram manchete de jornal que será elencado no último capítulo – sendo o “gnomo de garrafa”.

posteriormente começou a explorar (literalmente) a ideia de um turismo místico que ainda hoje é divulgado expansivamente.

A presença de mitos e lendas remontam as narrativas sobre a origem do arraial, não sendo algo relativo somente sobre o turismo, apesar deste último apresentar uma outra narrativa mística (duendes, fadas, etc...). O próprio motivo do povoamento da serra e a ausência de documentação oficial “deixam lacunas, que a memória mítica tenta sanar” (D’AURIA, 2000, p.271). A construção da ermida em homenagem a São Thomé que foi um dos primeiros passos para o desenvolvimento do arraial em seu entorno, traz na sua narrativa que foi motivada devido a aparição de São Thomé na gruta, como consta em um panfleto turístico circulado na cidade em 1998 apresentado na pesquisa citada.<sup>22</sup> Outro “personagem” presente na narrativa dos moradores é o Chico Taquara (de poderes sobrenaturais) que segundo D’Auria (2000, p.247) a imprensa contribuiu muito para preservá-lo na memória das pessoas. Há atualmente uma estátua dele na cidade, em meios as ruas com comércios onde são exploradas e comercializadas a imagem mística.

Foram diversas as narrativas da origem das “letras” e os questionamentos sobre como se deu o início do povoamento, da aparição do santo na gruta, mas que “sem preocupações acerca da ‘verdade-histórica’, os contadores de história de São Thomé das Letras, cultivavam as suas verdades, contando-as de geração à geração. Fizeram assim com que a narrativa sobre a origem resistisse, vigorosa, unindo e identificando gerações”. A respeito da origem das letras, há suposições lógicas, sensacionalistas e também um grande desafio de preservação. Estas “letras” (pinturas rupestres) já foram atribuídas à mão do apóstolo São Thomé como também são atribuídas a indígenas ou extraterrestres. (D’AURIA, 2000, pp.235-236).

Sobre os desafios de preservação destas “letras” que ainda não passaram por estudos de datação e que poderiam explicar um pouco sobre a origem, tem a raiz de seu problema majoritariamente concentrado na forma de execução de extração de quartzito. Essas “letras”, conforme Cristiano Sales (2012, p.185) são “um tipo de grafismo incomum, muito característico das ocorrências locais, que realmente lembra a forma de códigos de linguagem escrita antiga”. Esta característica incomum possivelmente pôde contribuir para a formulações das narrativas místicas que ganham força devido à falta de preservação destes sítios, que no

---

<sup>22</sup> Uma das versões circuladas é sobre um escravizado da Fazenda Campo Alegre que fugiu e se abrigou na gruta ao lado da ermida posteriormente construída (atualmente Igreja Matriz). Apareceu a este escravo um senhor de vestes brancas que lhe entregou um bilhete para entregar ao Fazendeiro João Francisco Junqueira que o perdoaria. O fazendeiro foi até a gruta e encontrou uma imagem de São Thomé, fazendo que lhe era pedido no bilhete e pedindo que construísse uma ermida em homenagem a São Thomé.

início dos anos 2000 foi elencado por D’Auria e ainda em 2012 não havia solucionado conforme pesquisa de Sales. Nesta última pesquisa mais recente, abordam que essas pinturas rupestres são uma identidade da cidade uma vez que as “letras” acoplado no nome do município faz referência e constataria a passagem de São Thomé, porém

é extremamente contraditório que o todo o conjunto de sítios incomuns existentes ali seja tratado com absoluto descaso, como constatamos nos trabalhos de campo. O patrimônio rupestre da cidade vem sofrendo impactos de toda ordem, desde os naturais (intemperismo, erosão, ação de fungos, líquens e insetos que constroem ninhos sobre os paredões) até (e principalmente) vandalismo – raspagem dos grafismos... Entre todas essas as ações destrutivas devemos destacar a espantosa degradação ambiental imposta pela mineração, atividade que tem provocado uma perda irreversível e crescente de áreas com sítios arqueológicos, muitos ainda sequer descritos, da Serra de Itaguatiara. (SALES, 2008, pp.187-188)

O adjetivo espantoso para degradação ambiental praticada pela mineração se justifica em alguns casos elencados por Sales (2008), como a imagem anexada a sua pesquisa de lascas de pedras utilizadas em construções urbanas que foram constatadas pinturas rupestres. A preocupação com a preservação ambiental e arquitetônica já era uma inquietação desde a década de 1980, levantada pelos novos moradores. Porém pouco foi observado diante de resultados de pesquisas anteriores o olhar desses agentes locais para o âmbito imaterial, especificamente identitário. Enquanto estes recém-chegados a cidade e a atividade turística lutou pela preservação ambiental e a indústria da pedra estava em um caminho oposto dificultando a pesquisa, esta última inconscientemente deixou caminhos abertos para a propagação de alguma imagem comercial difundida pelo turismo, uma vez que os caminhos para a pesquisa se encontravam cada vez mais estreitos.

Não se pode negar que havia um “mundo mágico” como elencado por D’Auria (2000,p.298) ao discorrer sobre o século XVIII e a população local “expressa pelas lendas e pelas crenças em feitiços e benzimentos. Essa visão ultrapassou fronteiras seculares e chegou até os dias de hoje... Algumas mulheres acumulavam as funções de parteiras, benzedeiros e curandeiras, que cuidavam de doentes e vítimas de malefícios”. O que pode ser questionado é a interpretação sobre o místico ali feita, com a intenção de “venda”, sendo o produto o turismo místico na cidade.

O entendimento do que deveria ser considerado místico pode ter gerado muitas interpretações inicialmente a respeito da cidade, falou-se em benzimentos, parteiras, curandeiras e hoje muito é difundido sobre extraterrestres, gnomos, fadas, bruxas, dentre outros. Destes benzimentos e a possível proximidade com a questão religiosa, é necessário evidenciar a arguição de Lanquar (apud PEREIRA et al., 2008, pp.5-6) sobre a necessidade de buscar a proximidade entre o turismo religioso e o místico, tendo este último como uma categoria do

primeiro citado. Pautando na ideia de que o turismo religioso abrange mais do que religiões institucionalizadas, mas também todo o âmbito espiritual, assim o turismo místico-esotérico se enquadra por ser uma atividade de que busca espiritualidade e/ou autoconhecimento “em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. O turismo, nesse contexto, relaciona-se ao deslocamento para estabelecer contato e vivenciar tais práticas, conhecimentos e estilos de vida, que configuram um aspecto cultural diferenciado do destino turístico.”

A cidade veio passando por alterações neste contexto turístico, como já introduzido anteriormente em que nomes de alguns pontos que passaram a ser turístico sofreram alterações no nome para ser mais atrativo e ligado ao místico (de fadas, bruxas, gnomos...). Assim, os comércios entre restaurantes, hotelarias, padarias também adotaram adjetivos que fizessem associação a esta imagem. Ao analisar os nomes dos estabelecimentos, Souza (2015, p.190) defende que o nome é “um texto carregado de sentido”, e no ano de conclusão de sua pesquisa a contagem de nomes com adjetivos místicos era três vezes maior que os nomes de estabelecimento de cunho estritamente de religiões institucionalizadas (principalmente ligado ao nome São Thomé). Desta contagem é necessário elencar a ideia de um possível enfraquecimento da narrativa de reconhecimento da origem ligada ao São Thomé e uma propagação cada vez maior de uma identidade de uma cidade alternativa.

O desafio de manter viva uma narrativa está atrelada ao espaço material em que ela circula e assim, é colocado a problemática da transferência de identidade, tradições ,para a formação da memória coletiva, que é tomada como um fator para o reconhecimento de algo como um patrimônio cultural. Halbwachs (2006, p.72) ao defender que a memória é sempre construída em grupo, na ideia de memória coletiva, mostra que o indivíduo que recorda está inserido em um meio social que possui pelo menos um grupo de referência. Mesmo que a “memória coletiva contém as memórias individuais” a lembrança sempre irá necessitar de pontos de afetos dentro de uma comunidade e seu convívio social, das relações de um indivíduo com seu grupo. Além dos grupos e convívio social, todo o contexto contribuiu de alguma forma para recolher as migalhas, inclusive o espaço.

O espaço é moldado pelo grupo social que se insere nele, mas que também se flexiona a materialidade do lugar em que está inserido, fixando marcas individuais e de outros. Porém ao Halbwachs defender a ideia de que (2006,p.159), o “local recebe a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em tempos espaciais”, é necessário pensar qual grupo seria este dentro do cotidiano, podendo trazer ali uma memória imposta de um grupo vencedor em um determinado contexto social e ou econômico. E se é necessário o espaço para



que seja possível uma lembrança aparecer, torna-se necessário o debate entorno de preservação, difusão e educação patrimonial.

## **2. O patrimônio cultural local: um espaço de disputas**

Como ponto de partida de cunho conceitual, é primordial abordar a questão patrimonial e um pouco sobre o turismo em relação a esta primeira, dado a realidade de nosso objeto de estudo. Conforme Marly Rodrigues (2001) a palavra patrimônio traz consigo um conceito muito amplo e debatido, tem a sua origem relacionada à herança familiar e à propriedade de bens materiais, porém discutiremos aqui a noção de patrimônio histórico e artístico. A criação deste de acordo com a autora, intensificou-se no século XIX, com o intuito de criar referências comuns entre habitantes de um mesmo território, dando base cultural idêntica a todos, que para autora isto recai em problemas de exclusão em locais multiculturais. Patrimônio cultural, segundo Meneses (2006) designa um legado histórico socialmente determinado e preservado pela memória coletiva, da qual a cultura se constrói na vivência coletiva, resultados de intercâmbios culturais e criações.

No Brasil, somente na década de 1920 começam a trabalhar a noção de patrimônio artístico e histórico e as propostas de leis para sua proteção (BOTELHO, 2006). Em 1937, o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto nº25 que cria os procedimentos de tombamento e os procedimentos do conselho do IPHAN. A compreensão de que patrimônio não era só relacionado a bens materiais vem desde 1930, com o projeto de Mário de Andrade, elaborado para o SPHAN em 1936, mas não foi colocado em prática na época (FONSECA, 2009, p.66-67). O denominado patrimônio imaterial tem presença recente nas políticas públicas, que de acordo com Regina Abreu and Mario Chagas (2009, p.13) com a aprovação do Decreto 3.551 do ano 2000, o patrimônio imaterial brasileiro começou a viver um momento muito fértil, direcionando os caminhos a uma preocupação cada vez maior em registrá-los.

Portanto, a noção de patrimônio também inclui lendas, mitos, ritos, tradições, saberes e técnicas – estes que são patrimônios imateriais, também são conhecidos como patrimônio intangível. Assim, patrimônio é a relação da sociedade com sua cultura (FONSECA, 2009). Para a construção dessa identidade do patrimônio histórico imaterial, apostava-se na reconstrução da memória coletiva para enfatizar determinados costumes e tradições como marcas de uma nação.

Para Rita Cruz (2013) não há patrimônio, seja ele material ou imaterial, que não seja cultural, uma vez que cultura conforme Ulpiano Meneses (apud CRUZ, 2013, P.95) é “uma

condição de produção e reprodução da sociedade”. Como demonstrado por Maria Cecília Fonseca (2009, P.64), na Constituição Federal de 1988, uma ementa de 2003, com a inclusão do artigo 216, entende como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial que e referem à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

as formas de expressão; os modos de criar, viver e fazer; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Esta ampla significação de patrimônio cultural pode resultar em efeitos negativos ou de cuidados, como apontados por Chastel e Babelon (apud FONSECA, 2009, pp.72-73), pois estas abrangências podem acabar banalizando o processo de construção do que pode ou deve tornar-se patrimônio.

Inicialmente, a questão de patrimônio no Brasil excluía os bens culturais da maioria da população, pois em um país de herança escravista, os objetos que haviam preocupação em serem protegidos na época eram apenas relacionados ao período colonial e às classes proprietárias, situação que esteve presente fortemente até 1980, quando movimentos sociais reivindicavam a democracia e começaram a reconhecer seu espaço e papel de construtores de uma identidade e sociedade. Assim, por volta da década de 1970 começaram a ter um maior entendimento de identificar o patrimônio cultural como um fator de memórias da sociedade, permitindo o homem de recordar e sentir pertencente de um mesmo espaço, porém isto também resultaria em embates. Os conflitos em definir o patrimônio como parte da memória social são ocorridos entre as classes sociais, onde na maioria das vezes as dominantes fazem as imposições (RODRIGUES, 2001).

Contudo, a noção de patrimônio passou por um longo trajeto até que atingiu sua concepção como mercadoria. Foram despertados os sentimentos preservacionistas, de restauração e conservação aliados ao desenvolvimento turístico. A prática do turismo, mesmo que somente para a intenção de lazer pode estar sempre sujeita a troca de experiências e culturas. Em meados do século XIX que começam a enxergar no turismo um produto comercial, em que se oferece o consumo de bens culturais (RODRIGUES, 2015).

De acordo com José Newton Meneses, o turismo passou por um momento em que foi vista como um dos poucos setores da economia que poderia crescer, porém por dois caminhos diferentes. Poderia se estruturar economicamente trabalhando aliada à inclusão social e a distribuição de rendas, como também poderia desenvolver segregação social e econômica, com

uma proposta de consumo de massa sem viabilizar a sustentabilidade da produção econômica. Sob a perspectiva de José Newton Meneses (2006, p.13), ele aponta que

é triste observamos cidades onde o chamado Turismo Histórico exclui a comunidade, que preservou e guardou o bem histórico, do usufruto de sua apreensão e das perspectivas de melhoria de qualidade de vida a partir da comercialização sustentável desse bem patrimonial. É possível e estimulante pensar em um planejamento diferente [...] onde o bem histórico-cultural possa ter tratamento de construção de história dinâmica e em andamento e possa propiciar inclusão identitária e social de quem participa ativamente dessa dinâmica.

Cidades turísticas são ocupadas em ciclos, geralmente de acordo com o calendário de eventos promovidos que atraem turistas, o que pode causar sobrecarga na infraestrutura local, que provavelmente não foi planejada inicialmente para este uso. A relação de cidades turísticas como “cidades mercadorias” intensificam-se na década de 1990, e embora elas não tenham surgidos para fins turísticos, atualmente existem muitas disputas de interesses econômicos (CAMPOS, 2012, p.184-185). O consumo massificado da indústria cultural pode alterar significativamente um conjunto considerado patrimônio histórico, correndo o risco até de destruição. O turismo vende esses objetos de diversas maneiras, dividindo-os em tipos turísticos, como o de festas (religiosas ou profanas), religiosos, gastronômicos, de eventos e outros setores. As preocupações são devidas a muitos desses municípios de uso turístico não apresentarem infraestruturas de preservação patrimonial e atenção com a contrapartida social com os moradores do local, principalmente em incluí-los no usufruto do bem patrimonial. A ausência dessas medidas que deveriam ser tomadas, como planos diretores de ocupação urbana, formas de prevenção de acidentes contra incêndio e de planejamento de eventos culturais podem ser o que contribui para a “exclusão de vidas e de possibilidades econômicas para a própria sobrevivência da aglomeração enquanto bem patrimonial, identidade, herança e tradição” (MENESES,2006, pp.26-27).

A produção deste calendário, conforme Francisco Paulo Neto (2001) são formas de sustentar a indústria do entretenimento, da qual empresas decidem sobre os melhores produtos culturais para vender ao público. O alto número de turistas concentrado em uma mesma época, podem acarretar negativamente nos valores estéticos da cidade, nas tradições religiosas ou populares fazendo com que estes percam sua expressão ao ocupar estes espaços de forma massiva. Ao visar somente o circuito comercial, deixando de lado a questão de conservação patrimonial (material e imaterial), pode-se ser esquecido de desenvolver âmbitos sociais, educacionais e comunitários para os moradores de cidades turísticas.

Contudo, conforme Neto (2001) o turismo também pode ter seus pontos positivos, de elemento dinamizador do entorno dos mercados locais e podem ser agentes da cultura local,

regional ou nacional, mas não é só por ele que se pode desenvolver o patrimônio cultural. Mesmo com o aumento do fluxo econômico do local, isto não é suficiente para fortalecer o patrimônio cultural que conseqüentemente é consumido (mesmo que indiretamente) na época de realização de eventos. Para ele o cerne dos problemas causados pelos impactos de um evento está na sua pouca, ou nenhuma, utilização como elemento de revitalização do patrimônio cultural local, resultando em uma “arte banalizada porque subjugada e submetida às leis de mercado e de consumo fácil”.

Os motivos de viajar, para estudo ou lazer, a busca do homem em conhecer o outro e algo que seja fora de sua rotina e comunidade, de acordo com Meneses (2006, pp.13-20) é uma forma de uso da cultura, onde, em interpretações advindas da própria História e do Turismo cultural, “monumentalizam eventos e musealizam existências”. Segundo Meneses (2006, p.32) buscar o contato com heranças culturais, do passado, deixou de ser uma mera curiosidade da sociedade contemporânea por algo diferente de seu cotidiano e começou a fazer parte de nossa cultura, esta busca de compreensão do que é o mundo em que vivemos.

Esta busca em conhecer, geraram conflitos em São Thomé das Letras com sua nova ocupação iniciada na década de 70, entre os nativos e os “forasteiros”. Hoje o que é divulgado pelo turismo pode distanciar um pouco sobre uma outra história local, que atualmente em certas ocasiões são percebidos os interesses em ressurgir e ocupar lugares, dando continuidade a uma certa memória coletiva que pode estar silenciada, oculta, mas não morta.<sup>23</sup> Essas ocasiões em que há a busca pela tradição, mostra a memória como algo social e vivo, assim como elencado por Nora (1993, p.9), onde o passado busca um elo no presente. No caso, possivelmente tentando reafirmar uma identidade pela repetibilidade, pela memória-dever e resistência em meio a uma narrativa prevalecente – a mística.

O patrimônio pode ser resultado de uma imposição e não construção diante dos mecanismos de patrimonialização, com pouca participação democrática e social que é capaz de mascarar conflitos ao almejar que este resuma a cumplicidade da memória coletiva. Uma vez que, pode haver aqueles que não tiveram voz e conforme Pollak (1989,p.8) “a fronteira entre o dizível e o indizível, separa, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor”. Desta forma, ao aproximarmos de um objeto patrimonializado deve-se atentar ao contexto do processo de sua instituição.

---

<sup>23</sup> Estas ocasiões são os eventos “Resgate da Festa da Colheita”, “Mostra Cultural da Rua de Baixo” que serão esmiuçados no próximo capítulo.

O historiador José Newton Coelho de Meneses nos atenta para pensar a distância que existe entre informação cultural e a prática cultural em si (informação verbal)<sup>24</sup>, assim como, há um grande abismo entre bem cultural e patrimônio como apontado pela pesquisadora Ariane Lima (informação verbal).<sup>25</sup> No objeto estudado que é inserido em uma cidade turística que tem diversas informações culturais divulgadas, para além dos patrimônios ligados a história da cidade, há uma imagem mística amplamente veiculada como uma informação cultural, possivelmente ofuscando demais práticas culturais.

Há também diferenças entre bens culturais (ou práticas culturais) de patrimônio, pois este segundo já passou por processos institucionais para sua ativação como representação de uma memória coletiva, sendo feito de forma construída por agentes locais ou por uma suposta imposição. Este processo de imposição pode ser relacionado ao Estado, que conforme Lima (2022) “o Estado também estabeleceria uma relação ambivalente ao promover e financiar ações de salvaguarda mas se utiliza politicamente ao forjar uma homogeneidade da identidade nacional diluindo as particularidades e conflitos”.<sup>26</sup>

A preservação da cultura traz dilemas desde o ato em si de “guardar”, arquivar e proteger um bem até a propagação e continuidade deste em um meio social, em que neste segundo momento trata-se da salvaguarda, da transmissão e dos lugares de memória. Aleida Assman, discorre sobre a discrepância entre o desejo de posterioridade da área cultural em relação as demais áreas do conhecimento que tratariam esta posterioridade como acúmulo de lixo tudo aquilo que consiga atingir o futuro. A autora ao problematizar e relatar como Francis Bacon apontou a importância da imprensa como protetora de uma possível perda da memória da humanidade, não podemos deixar de elencar que resumir a incumbência deste ofício somente a ela não é suficiente, uma vez que, conforme já mencionado há diferenças entre informação cultural e prática cultural.

Os deveres do Estado perante ao patrimônio conforme Assmann (2011, p.382) também aborda uma questão democrática e de participação da população, correspondendo a “obrigação da conservação mas não necessariamente a da seleção”, perpassando por uma discussão pública advinda de um meio multicultural. Porém, com o consumo cultural urbano os políticos se esforçam em uma lógica mercadológica apresentada por Henri Pierre Jeudy (2005, p.9)

---

<sup>24</sup> Informação obtida durante conferência (online) do III Colóquio de Gestão do Patrimônio Cultural do Centro de Memória UNICAMP, realizado em 2021.

<sup>25</sup> Informação obtida durante Seminário Patrimônio, Sociedade e Educação em Museus: Entre o lembrar e o esquecer os processos de patrimonialização e a pesquisa, realizado em formato online em 2022, integrado as atividades da Universidade Federal do Piauí.

<sup>26</sup> Ibidem.

na lógica contemporânea de consumo cultural urbano, a cultura passou a ser concebida como uma simples imagem de marca ou grife de entretenimento, a ser consumida rapidamente [,,] a competição, principalmente por turista e investimentos estrangeiros, é acirrada, e os políticos se empenham para melhor vender a imagem de marca de suas cidades.

Nesta lógica contemporânea de consumo cultural urbano pode-se obter o problemático resultado da gentrificação, da expulsão de habitantes de seu meio e substituição das práticas culturais locais por simulacros culturais turísticos. Entretanto, encontra-se um dilema, uma contradição, em que “por um lado os patrimônios não podem ser tratados como produtos de marketing mas, por outro, não existe desenvolvimento cultural sem comercialização” (JEUDY, 2005, p.19). Assim, Jeudy, aponta como este contexto trata-se de uma grande problemática a conservação patrimonial que teve em meados da década de 1970, período da redemocratização, a especulação imobiliária como a maior ameaça ao trabalho de preservação. Se de um lado a comercialização das práticas culturais já são um problema por si só, o próprio conceito de “cultura” enraíza esta adversidade, pois segundo Thompson (1998, p.17) “o próprio termo ‘cultura’, com sua invocação confortável de um consenso pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro de um conjunto”.

Desta forma, Maria Araújo Bertini (apud OLENDER, p. 2017, p.339) designa duas variáveis para vida urbana: a primeira “quando as cidades são transformadas abruptamente a partir de uma política exterior à organização dos cidadãos enquanto sociedade, cercando os da participação das decisões, os sujeitos podem não mais assemelhar com os espaços da cidade”, afastando-os da afetividade com seu meio e sentimento de pertencimento; e segundo, “a cidade é comum quando os cidadãos se sente parte da mesma e quando as mudanças urbanas não distanciam os indivíduos do sentido da sua própria cidade”, uma realidade possivelmente distante das realidades das cidades turísticas.

Os fundamentos de lugares de memória para os estudos que abrangem o patrimônio cultural, são de extrema importância. Assim, pensemos em patrimônio cultural como definido por Meneses (2006), sendo um legado histórico socialmente determinado e preservado pela memória coletiva, da qual a cultura se constrói na vivência coletiva, resultados de intercâmbios culturais e criações. É essencial pensarmos também nas dicotomias do conceito de patrimônio (entre material, imaterial...) que para José Newton de Meneses (2006, p.24-25),

é falsa e não se sustenta nem didaticamente, posto que a inteligibilidade de uma manifestação cultural só tem sentido se percebido em conjunto. O universo material media sentidos, valores, significados. Separá-los em sua compreensão, buscando uma compartimentação irreal da vida, seria destruir a possibilidade de apreensão da construção de uma cultura. [...] O patrimônio é vivo. [...] Material ou imaterial, as construções culturais são parte de um

uníssono de experiências históricas, vivificadas de forma integrada, portanto, dinâmicas no tempo.

O patrimônio encontra-se como a representação da memória de uma comunidade, uma vez que conforme Maurice Halbwachs (2006), toda memória é coletiva e mesmo sozinhos nós somos guiados por grupos. Porém é necessário semelhanças entre o grupo para a reconstrução do passado, deste modo, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos”(2006,P.30). Ainda, o autor defende que mesmo que certos momentos do passados não se coincidem entre os indivíduos, não significa que apenas o testemunho de um pode bastar, mas sim pensar que o determinado grupo que se reunira para algum evento tenha se dividido dentro do mesmo ou também tal disparidade possa estar relacionada com a intensidade dedicada pelo sujeito.

Sobre o envolvimento em algum evento resultando em momentos do passado que não se coincidem é abordado um dos motivos por José Reginaldo Gonçalves (2009, p.29). As manifestações de patrimônio imaterial podem ser vistas de diversas formas por tudo o que ela engloba, como uma seleção entre um bem de culinária, música, religião, rituais, técnicas, estéticas, entre outras, mas sempre com apuração de seu reconhecimento ou valor social. O autor, por exemplo, ao estudar a Festa do Divino Espírito Santo e os materiais (como a coroa, a bandeira, as comidas...) que integram a festa, mostra que cada um enxerga a manifestação e os objetos que a compõe de uma maneira. Os devotos enxergam esses objetos como a manifestação do próprio Espírito Santo; os padres, apenas como símbolo ou representação, em que a matéria não se confundem com o espírito; já nas visões dos intelectuais, são apenas objetos que servem para representar uma identidade ou memória.

A memória também é conflito como elencado por Michael Pollak (1989) em crítica a Halbwachs ao deixar esta lacuna. Pollak então aborda que o não dito deve ser analisado por uma suposta resistência. Em um sentido genérico, segundo Walter Benjamin (2012), o ofício do historiador encontra-se em recuperar a memória com o agora, acredita que a transmissão só ocorre quando o receptor tem algo em comum. A transmissão pressupondo a negociação da memória individual para a construção da memória coletiva, recai sobre as críticas ao sociólogo Maurice Halbwachs feitas por Pollak (1989, p.3) ao afirmar que

“Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção mas pela adesão afetiva ao grupo [...] insinua não apenas a seletividade da memória, mas também um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memória individual”.

O autor (1989) discorre que estas memórias subterrâneas fora dos tempos de conflitos são difíceis de localizar, como também existem nelas problemas a longo prazo que é o da própria transmissão que permanece intocável até o momento em que tentam tomar o espaço público e sair da categoria do “não-dito” à reivindicação. Assim, se faz necessário recorrer a história oral para captar o que alguns indivíduos resistem em se enquadrarem do que foi posto por uma “memória coletiva”. Dando voz aos excluídos, Pollak aponta como a história oral traz a importância destes dominados que se opõem a uma “memória oficial”, que “uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...] esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas” (1989, p.5).

Acrescidos dos possíveis pontos de disputas ou negociações da memória, estendemos o entendimento da memória como algo vivo como apontado por Nora (1993), que está aberta a questionamentos e sendo um elo vivido no presente. Segundo o autor, “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (1993, p.9), esta última concretizando o que o homem faz do passado para não se esquecer, em que a “memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (1993, p.25).

A memória também se apropria do espaço para se compor, “a forma dos objetos que nos rodeiam têm significado [...] como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos, porquê tem um sentido que familiarmente deciframos” (HALBWACHS, 2008, p.158). Portanto, a tradição, aquilo que se resulta em repetibilidade, pode-se apegar neste contexto espacial, como também o lado material de uma cidade e os lugares que ali passamos corrobora uma relação de troca com o meio, que conforme Olender (2017, p.327), “nós vestimos a arquitetura da cidade e elas nos vestem”.

Não há uma memória coletiva que não aconteça em um contexto deste, assim, como elaborado por Maurice Halbwachs (2008, p.170) “espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda”. Desta forma, o grupo social que se está inserido em um determinado espaço molda-o em sua referência, ao mesmo tempo que este mesmo grupo se adapta a materialidade daquele local que também persiste as influências ali aplicadas.

Sobre as dicotomias citadas, os problemas se encontram na compreensão de entender as três dimensões dos lugares de memória. Os aspectos dos lugares coexistem, a dicotomia não consegue assim ser aplicada na prática. Tem um sentido material, simbólico e funcional. De acordo com Nora (1993, p.22), “é material por seu conteúdo demográfico; funcional por



hipótese, pois garante ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza um acontecimento ou uma experiência”. Ampliando o conceito, Aterlane Martins (2020, p.103) aborda da autora alemã Assmann o referencial de “locais de recordação” que ele o descreve como

fragmentos irrompidos da explosão de circunstancia de vida perdidas ou destruídas. Pois mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas [...] mediadores na renovação da memória cultural. Não são os lugares em si, mas o que nele está contido e como eles são acessados pelos indivíduos e grupos sociais que se apropriam, sempre no presente, que os pode fazer seguir existindo, por vezes determinando-os sob nova significação e sentido.

É também trabalhado por Meneses (2006, pp.17-21) o tema das dimensões do patrimônio dentre as dicotomias, como também se pode analisar no referido exemplo seguinte, como um coletivo pode criar diferentes memórias sobre uma acontecimento. O exemplo dado por ele trata-se de uma aproximação da prática do turismo com a história em foco e do patrimônio material e imaterial interligados. A análise é do momento em que uma beata se encontra rezando, em sua atitude de fé, na Igreja do Carmo em Diamantina, enquanto um grupo de turistas entra no mesmo local acompanhado por um guia turístico em seu discurso sobre a construção da cultura e da arte barroca em Minas Gerais. Neste caso, a beata também poderia ser vista como um objeto de mediação entre o barroco edificado e a herança social, de pessoas que contribuíram para a história do templo visitado e que mantém a memória e a prática viva desse passado.

Esta incompreensão resulta-se hoje em lacunas para o entendimento da necessidade de preservação e o que se deve preservar, e de enxergar as dimensões de um patrimônio “intangível” dentro dos lugares de memória. Como um exemplo elencado por Aterlane Martins (2020, p.113), há uma problemática em registrar um bem imaterial como uma “celebração” – que neste caso é composta por procissões – e não enxergar ali a necessidade de inseri-lo também no “registro de lugares”, sendo que os lugares mediam a renovação da memória, como explicitado pelo autor ao elencar pontos da pensadora alemã Aleida Assmann.

Apresentado as inquietações dos lugares de memória também existem os direcionamentos que formam os objetivos de preservação elencados por Lima (2022), perpassando por muitas variações e problemáticas. O primeiro deles se enquadra em um “tradicionalismo substancialista”, que enxerga o patrimônio como uma relíquia, esquece que ele é vivo e romantiza este; há também o “mercantilista” que visa o patrimônio como um produto que é capaz de gerar lucros; o “conservacionista monumentalista”, que o enxerga

apenas pelo lado material enquanto monumento; e por fim, o “participacionista”, com olhar de ação e política de memória para a construção de um patrimônio.<sup>27</sup>

As problemáticas de preservação do patrimônio muito se encontram nas utilizações e normas de intervenção internacional, sem levar em conta a realidade local, sendo que o que interessa “é a forma pela qual um certo enquadramento simbólico assegura a transmissão de sentido. A questão patrimonial se torna cada vez mais um problema de transmissão de sentido”(JEUDY, 2005, p.10). Alguns objetos assim como os lugares de memória dão o sentido biográfico, e isso seria incapaz de ser realizado com normas padrões não considerando a realidade local. Como elencado por Violette Morin (1969) por mais que pareçam inanimados, estes objetos (no caso, também os lugares) têm alma, correm risco quando são algo que representa uma cultura e que possa virar moda, resultando-se em um objeto protocolar (que não acaba e pode ser substituído) com a sua mecanização, descolando de seu sentido inicial. Além disto, este formalismo, conforme o Jeudy (2005,p.17), da conservação patrimonial e transparência de transmissão, não deixa margens para imaginar algo que foi ocultado da memória, assim, voltando a ideia de que o “não-dito” também pode dizer muito.

Dentro destes lugares de memória é necessário pensar a questão também da afetividade da qual Olender (2017) discorre sobre a importância do valor afetivo na identificação da preservação de um bem, que é um ponto confrontado, alvo de resistências mesmo sendo amparado por lei. Este valor deveria estar muito ligado a preservação de um bem sendo resultado de uma construção e não imposição, porém como já elencado por ele, é uma faca de dois gumes podendo influenciar positiva ou negativamente um determinado processo de preservação.

Estes enfrentamentos da resistência de ser efetivamente adotada a afetividade como fator importante, podem ser analisados pelo possível e constante atrelamento do patrimônio cultural ao mercado turístico. Conforme Stallybrass (2008, p.65), é necessário tornar um bem nu para que este seja comercializado “pois somente se um objeto é desnudado de sua particularidade histórica ele pode novamente se tornar uma mercadoria e um valor de troca”. Assim vão afastando os agentes dos lugares que eles mesmo preservaram para que este possa ser comercializado livremente atendendo as demandas do mercado, uma vez que “da perspectiva da troca comercial, cada prédio ou “memória” constitui uma desvalorização da

---

<sup>27</sup> Informação obtida durante Seminário Patrimônio, Sociedade e Educação em Museus: Entre o lembrar e o esquecer os processos de patrimonialização e a pesquisa, realizado em formato online em 2022, integrado as atividades da Universidade Federal do Piauí.

mercadoria” (STALLYBRASS, 2008, p.66). Em contrapartida “nele [objeto biográfico], o consumidor redescobre o dia de ontem e presente o de amanhã” (MORIN, 1969, p.192, tradução nossa), assim dotado de afeto, em que segundo Olender (2017,p.) podem ser individuais, coletivos, para alguém ou para algo. Então, cria-se aqui a problemática e a indagação de como comercializar e divulgar algo afetivo.

Lugares de memória são frágeis ao sofrerem modificações, podendo conforme Olender (2017, p.336) abalar os membros dos grupos sociais que compartilham deste espaço. Preservar estas coisas não é suficiente para ele, sustentado na ideia de Halbwachs na relação mútua entre espaço e sujeito. Por fim, recaindo novamente sobre a afetividade e sua importância e infeliz recusa deste fator, o autor (p.2017, 329) aponta que pela recusa estamos penhorando estes bens, uma vez que a “afetividade constitui-se em um indício socialmente e historicamente construído na nossa relação cotidiana com esse bem, diretamente e proporcional à sua importância para construção da própria memória coletiva”.

Dentre os conceitos abordados, a pensar agora nas metodologias, encontra-se agora os problemas de proximidade e recuo com o objeto de estudo, em que Jean Pierre Rioux (1999, pp.42-43), influencia essa pesquisa arguindo que a “própria sociedade que impulsiona o historiador a não desistir, que lhe sugere não tropeçar diante do obstáculo da proximidade e até mesmo utilizá-lo para saltar”, mostrando assim a vantagem da proximidade com o objeto em que essa pesquisa se encontra dada as justificativas anteriormente citadas. Ademais “pode ajudar as gerações que crescem a combater a atemporalidade contemporânea, a medir o pleno efeito destas fontes originais, sonoras e em imagens, que as mídias fabricam” (1999, P.46).

Com os propósitos necessários a ser investigado sobre o objeto e analisando de uma conjuntura metodológica, apoiamos em pontos trabalhados por Carlo Ginzburg em “História Noturna”(2012), afim de nos guiarmos até nossos objetivos. Ao pensarmos em questões metodológicas e fontes, é imprescindível clarificar que como apontado por Robert Darton (2014, p.16), a leitura se difere de acordo com o que é necessário buscar em um texto.

Em refutação a uma “história-síntese”, caberá aqui uma análise das relações culturais pela reconstrução do vivido, necessária segundo Edoardo Grendi (1998). Carlo Ginzburg (2009) nos direciona para uma “história vista de baixo”, dar vozes ao indivíduo do cotidiano e “recolher migalhas”, através de uma análise conjetural e de eventos, não apenas da estrutura que a permeia. Com as duas fontes trabalhadas, análise de periódicos e a história oral, considera-se que uma não substitui a outra. Ademais, conforme ressaltado por Darton ao elencar Lévi Strauss (apud Darton, 2014, pp.14-15), esta última pode nos abrir mais caminhos ao adentrar o

campo, porém sempre tomadas devidas cautelas diante de tal metodologia com as possibilidades de falsas impressões de familiaridade advindas de possíveis expectativas criadas.

Assim como nasce a pesquisa de Ginzburg (2012, p.6) onde ele teceu questionamentos de “Como e por que se cristalizou a imagem do Sabá? Que se esconde por trás disso?”, desdobramos este presente trabalho, no que se encontra por trás do misticismo divulgado pelo turismo, entre o estereótipo divulgado e que pode estar ditando as regras dentro do campo. O autor aponta que no caso do seu estudo com foco naqueles que eram os perseguidos, os que não eram o vencedores, “mediante a introjeção do estereótipo hostil proposto pelos perseguidores, as vítimas acabavam perdendo a própria identidade cultural” (2012, p.22). Não é sobre o turismo que ali prevalece como um vencedor da dinâmica do cotidiano mas sim sobre aqueles que são atingidos pela crescente atividade, podendo resultar em memória subterrâneas, campos de conflitos e interseções.

Conforme K. Thomas (apud GINZBURG, 2012, p.11), há problemas nas certas dificuldades ao questionar “estruturas mentais invisíveis” no lugar de apenas “estruturas sociais profundas”, sendo menos atencioso aos signos dos símbolos e de uma cultura até começarem a refletir também sobre o evento em si. Fator este, necessário para compreendermos os conflitos (ou interseções) dentro da cultura e patrimônio local, sobre o que para eles a cidade significa para além do material e da imagem turística comercializada.

Entender que assim como documentos de repressão não apresentam relatos fiéis devido ali representar o que no caso, os inquisidores gostariam de saber sobre o Sabá, reforçando e repassando um estereótipo que é passado como verdade absoluta, podemos aplicar o mesmo as notícias veiculadas sobre o lado místico da cidade, que possivelmente apresentam retalhos da cultura popular local. A escuta também não deve ser engessada a compreensão daquilo que ali é passado, um dos motivos é o gravador que inibe a pessoa e pode fazer dela ali um ator. Mannheim (1972, p.76) argui que se o objeto e o sujeito são da mesma natureza, é necessário o conhecimento sociológico, para não deixar de lado o contexto existencial e estar sempre em compreensão de que os indivíduos não agem e pensam isoladamente, mas em grupos, transformando a realidade dentro de uma semelhante produção de pensamento.

Guiaremos os próximos capítulos na compreensão de que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus” (CHARTIER, 1990, P.16). Ambas podem se encontrar interligadas, porém com primazia serão aqui detalhadas no próximo capítulo esta última, a fim de compreender valores possivelmente

ocultos ou obscuros diante das lutas econômicas. Serão elencando alguns eventos<sup>28</sup> que acontecem ou aconteceram na cidade, sendo lutas de representação de forma explícita ou que inconscientemente podemos denotar valores que são explanados através destes.

---

<sup>28</sup> Nesta pesquisa considera-se eventos divididos em duas linhas: aqueles que são demarcados por datas específicas para o acontecimento de uma ou diversas atividades, como por exemplo, manifestações culturais, shows, exposições, dentre outras do gênero; ou uma casualidade dentro de um contexto não programado, mas que constituiu em uma ocasião coletiva.

*A gente não quer só o pão  
Quer também a rosa  
Que a gente não quer só o concreto  
Quer também o simbólico  
Porque é no simbólico que mora nossas paixões  
Nossos sonhos, nossa fé  
Nossa utopia de um mundo diferente  
(Duda Salabert – Discurso Carnaval Belo Horizonte  
2024)*

## CAPÍTULO II

### **A construção de uma identidade, sob a ótica da mídia, do turismo e moradores nativos**

Serão apresentadas neste capítulo algumas narrativas de moradores coletadas através das entrevistas, contrapondo com a identidade mística divulgada na mídia e pelo turismo que tem suas raízes profundas constituídas com a presença da Sociedade Teosófica Brasileira em São Thomé das Letras desde a década de 1930. Carla D’Auria (2000, p. 249) aponta que “ a presença da Eubiose no alto da serra certamente determinou parte expressiva do público turístico que consome São Thomé das Letras, pois ali o ‘esoturismo’ é nos dias de hoje uma forte frente do turismo local”. Esta sociedade citada é constituída com base no princípio de fraternidade essencial da humanidade, com a finalidade de viver em harmonia com as leis universais e direcionamento para o autoconhecimento de cada ser.<sup>29</sup> Partindo brevemente para uma análise macro, faz-se necessário elencar alguns pontos de como um determinado movimento que teve início por volta dos anos 1960, reconhecida como “Nova Era”, causou impactos na cultura e espiritualidade contemporânea. Buscamos desta forma evidenciar primeiramente sua composição para que possamos entender de forma sucinta este público de turistas voltados para o esoterismo.

O movimento “Nova Era” pode ser dividido em dois sentidos conforme Hanegraaf (apud Guerriero *et al.*, 2016): a primeira de “sentido estrito”, originada em 1950 que enquadra aqueles que tinham uma expectativa de uma nova época melhor que a atual, pautada no culto a OVNI e na chegada da Era de Aquário de perspectivas da astrologia de que o planeta atingiria características mais pacíficas, menos dualistas, mais espiritualizadas, se organizando em comunidades alternativas e recusando a cultura dominante; e a segunda de “sentido amplo”, que representa uma parte da primeira enunciada, porém com foco no presente imediato, foi iniciada na década de 1970 e “adquiriram um peso superior no interior do movimento em relação ao esoterismo anteriormente cultuado” (GUERRIERO, 2016, p.13).

A de “sentido amplo” foi a que mais se propagou com uma postura inicial anticapitalista (SILAS, 2016), das mesma forma como D’Auria (2000) descreveu os primeiros aventureiros, hippies e turistas que fizeram parte do primeiro ciclo de turistas em São Thomé das Letras na década de 1970, na tentativa de fugir das grandes cidades de “estrutura capitalista”. Essa

---

<sup>29</sup> Definição sobre essa sociedade retirada dos sites oficiais destas. Disponível em: <https://www.eubiose.org.br/> e <https://sociedadeteosofica.org.br/>.

movimentação de “hippies” que tentavam fugir da poluição, do capitalismo, da metrópole e adentrar a uma vida mais natural, em busca de paz e liberdade, foi notícia na revista *Manchete* (RJ) em 1989, falando do deslocamento destes para cidades como São Thomé das Letras, Mauá (RJ), Trancoso (BA) e Chapada dos Guimarães (MT).<sup>30</sup>

O próprio movimento da nova era se apresenta como uma “colcha de retalhos”, uma vez que sem hierarquia e ou líder como em uma religião institucionalizada, ela tomava ideias de diferentes culturas como detalhadas por Silas *et al* (2016) que serão algumas destas percorridas. Em suma, neste movimento buscavam uma ciência espiritualizada, através da física quântica, elementos das ciências, campos eletromagnéticos; trabalhavam com o conceito de energia, sendo esta universal e manipulável; intuição; magia; busca do self perfeito, onde o próprio indivíduo através do cultivo de pensamentos se encontrava como expressão das divindades; busca por estados alterados da consciência através de psicoativos, meditações, respirações, e invocações (SILAS, *et al.*, 2016). São Thomé das Letras ainda um pouco isolada na década de 1970, com tradições de benzimentos, curandeiras, parteiras, campos eletromagnéticos como a Ladeira do Amendoim<sup>31</sup>, a presença da Eubiose, indubitavelmente se definiria como um campo perfeito para receber adeptos do movimento Nova Era que por fim divulgaria a cidade.

A indústria do entretenimento também contribuiu para a difusão do movimento, segundo Silas *et al* (2016) “a mídia, sempre atenta às novas tendências, encarrega-se de mesclar tudo no imaginário de seus consumidores, adicionando a essa mistura uma forte carga emocional”. São Thomé das Letras desde então, foi e ainda é um objeto de especulação altamente divulgado desde o século passado, como em uma notícia encontrada na revista *Manchete* (RJ) em 1985. Nesta em questão apesar de abordar um pouco para além do lado místico, é intitulada “Os mistérios da Cidade de Pedra” e descrevem a cidade como

“Mágica. Que atrai pessoas com uma força que ninguém sabe explicar o que é. Mas que está lá. Gente de todo país e até mesmo estrangeiros fazem da pequena cidade o seu refúgio, a sua nova proposta de vida. Muitas lendas

<sup>30</sup> Os hippies ocuparam Aldeia Velha, onde o novo não tem vez, *Manchete (RJ)*, 1989. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22S%20a3o%20Tom%20a9%20das%20Letras%22&pagfis=256681>. Acesso em: julho de 2022.

<sup>31</sup> Ponto turístico em que as pessoas visitam para testar se o carro entra em movimento mesmo que desligado em um morro, pelo local ser um ponto magnético. Matéria divulgada sobre este local: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/06/desligados-e-em-ponto-morto-carros-sao-atraidos-e-sobem-morro-em-mg.html>



correm pelo lugar. Falam-se em discos voadores, até mistérios circunscritos pela cruel geometria da pedra, por uma cenografia toda talhada na rocha.”<sup>32</sup>

Esta longa reportagem do jornal a respeito da cidade, conta dos progressos do local, em que um entrevistado diz “aqui de tão feio, era até bonito” referindo aos poucos anos anteriores e demonstrando as evoluções da cidade que já tinha neste momento três pousadas, despontando então estruturas turísticas. O turismo ainda não era uma atividade predominante, e o próprio jornal elenca isso ao falar das características pedras que “para alguns, as pedras de São Tomé são fonte de energia cósmica. Para a maioria dos habitantes, a grande fonte de renda”. Situação que hoje pode estar invertida, diante de pesquisas elaboradas por Sarah Bordonal e Guilherme Souza (2018, p.7), quando perguntado para os residentes as áreas de atuação “65% das pessoas responderam que atuam no setor de turismo e outras 35% atuam em outros setores. A partir destes dados é possível verificar que a atividade turística na cidade é fonte de renda para a maioria dos munícipes”.

Já em 1987, uma nova série da revista *Manchete* (RJ) intitulada “UFOs – Os ETs estão chegando”, aborda um relato do oriental Luís Noronha (conhecido como Tatá) que se mudou para São Thomé das Letras, sobre seu contato com extraterrestres ao ter sido levado para uma outra dimensão da Terra.<sup>33</sup> Essa série volta a mencionar a cidade outras vezes até que em 1996, ela aponta que esta cidade é a campeã sobre histórias de OVNI e ETs, discorrendo que no local

“seitas esotéricas se multiplicam: Gnose, Santo Daime, Druidas, Eubiose, Comunidade Harmonia, Ufologia Científica, Ufologia Espiritual etc. Segundo uma lenda, quem entra na caverna do Carimbado, que fica lá, sai em pleno Machu Picchu, no Peru. E isto acaba provocando piadas. Uma delas diz que uma senhora, veio de muito longe para fazer a travessia, como não conseguiu ficou *mutcho pitcha*”<sup>34</sup>

No ano 2000, o *Jornal da Cidade* (RJ), divulgou alguns pontos turísticos da cidade que aqui também serão trabalhados. Na ocasião, citam a Casa da Pirâmide em que apontam ser um dos pontos mais turísticos da cidade e que muitos vão até o seu topo na esperança de avistar discos voadores. Mencionam as Grutas, do Labirinto, do Carimbado, do Chico Taquara, do

<sup>32</sup> Os mistérios da cidade de pedra, *Manchete* (RJ), 1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22S%c3%a3o%20Tom%c3%a9%20das%20Letras%22&pagfis=234172> . Acesso em: 04 de setembro de 2020.

<sup>33</sup> UFOs – Os ETs estão chegando, *Manchete* (RJ), 1985. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=S%C3%A3o%20Tom%C3%A9&hf=memoria.bn.br&pagfis=248046>. Acesso em: julho de 2022.

<sup>34</sup> Em São Thomé das Letras, OVNI sequestram pessoas e algumas delas nunca mais voltaram, *Manchete* (RJ) 1996. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22S%c3%a3o%20Tom%c3%a9%20das%20Letras%22&pagfis=292168>. Acesso em julho de 2022.

Sobradinho, que são carregadas de diversas lendas. Também cita sobre o misticismo, que o local possui portais para outras dimensões.<sup>35</sup>

A Gruta do Carimbado foi amplamente divulgada com a minissérie “Filhos do Sol” que foi ao ar em 1991, sobre ufologia e tentativas de contatos de extraterrestres que estavam em Machu Picchu, e os mistérios são ampliados quando encontram um túnel que liga esta cidade até São Thomé das Letras, sendo a Gruta do Carimbado.<sup>36</sup> Em entrevista com um morador, Padre Edson Pereira de Oliveira, mais conhecido como Pe. Edinho, ele conta de sua infância relembrando de quando foi guia local até os 10 anos de idade, pois sua família já alugava quartinhos para turista e quando não estava na escola, guiava-os na cidade, e um dos pontos era a Gruta do Carimbado.

Este morador acredita que a versão sobre ali ser uma passagem para Machu Picchu foi muito difundida com a minissérie Filhos do Sol, pois até meados da década de 1990, o que ele contava para os turistas sobre o local era a seguinte lenda que nos relata em entrevista:

diz que tinha um senhor muito ruim, um capitão do mato, que chamava Zé Carimbado. E esse homem era muito bruto com os escravos. Nisso ele morreu, foi enterrado naquele cemitério – referindo ao cemitério municipal. O corpo dele secou. E aí eles enterraram de novo. E a terra cuspiu o corpo para fora para mostrar que a ruindade da pessoa foi tanta que a terra não descomeu o corpo dele. Nem a terra quis ele de tão ruim que ele era. Aí pegaram o corpo desse homem e guardaram embaixo da escada do sino. E nisso ficou muitos anos, até que veio um padre trabalhar e fez uma reforma da igreja e encontrou aquela coisa embaixo da escada e falou que era pra jogar aquilo num buraco, sumir com aquilo. Aí eles jogaram esse corpo no carimbado, nesse buraco. E aí lá passou a chamar carimbado por causa de ter sido jogado o Zé Carimbado lá dentro.<sup>37</sup>

Em uma pesquisa de graduação de 2022, realizada pelo historiador Fábio Marques Ferreira Santos, com o objetivo de abordar manifestações culturais relacionadas ao discurso místico de São Thomé das Letras e sua relevância na construção da memória cultural patrimonial, o autor aborda alguns pontos turísticos da cidade e um deles é a Gruta do Carimbado que conforme o autor (2022, p.78)

a gruta está cercada de relatos de mistérios. Menciona-se que nunca foi possível chegar ao seu fim, e por isso especula-se que tenha uma possível ligação com a cidade inca de Machu Picchu, além da indicação de uma possível civilização intraterrena com acesso pela gruta. Esotéricos apontam como um local de grandes energias e um portal para outras dimensões. Gruta em que se encontram inúmeras bifurcações, desnivelamentos, presença de grandes salões intermeados por passagens pequenas, tem-se a impressão, ou para alguns a certeza, de que a mesma “não tem fim”. Por degradação e grande

<sup>35</sup> Ecologia com verniza esotérico, *Jornal do Brasil (RJ)*, 2000.

<sup>36</sup> Sinopse: <https://teledramaturgia.com.br/filhos-do-sol/>

<sup>37</sup> Trecho da entrevista com Padre Edinho.

número de visitantes, a justiça decretou sua interdição e proibiu o acesso à Gruta do Carimbado.

Vale ressaltar que não se trata apenas desta gruta que não se pode mais ter acesso, tanto por decreto ou por condições de difícil acesso por conta da exploração das pedreiras e ou do turismo, como o caso da Gruta do Feijão. Mencionada pelo Pe. Edinho, ao contar de sua infância como guia turístico, explica que os trabalhos advindos das pedreiras resultaram em uma grande “sujeira” de pedra na entrada que está soterrando o local. Mesmo diante das adversidades da preservação destes locais em relação ao turismo e ou os trabalhos das pedreiras (ambos em prol do “progresso” em diferentes nuances), a Gruta do Carimbado é divulgada em um tom chamativo pela “Pousada Viva” em seu site que encontramos ao procurar sobre a Gruta suas lendas e embargo. Alegando que a gruta está fechada porquê “acredita-se que seres Reptilianos (atraídos pela energia de São Thomé) habitam nela, e este é um dos motivos para ela ter sido lacrada”, não mencionando a questão da destruição nela ocorrida.<sup>38</sup>

Esses diferentes contextos que se encerram sobre o significado de um lugar, o que ele representa, ainda pode ser observado até mesmo nos dias atuais. Um exemplo disto, é a Toca do Leão, situada no Parque Antônio Rosa, que conforme informativo localizado em sua área, trata-se de uma formação rochosa com pinturas rupestres monocromática do corpo do animal que originou o nome de Toca do Leão. De acordo com moradores locais, como consta no informativo, este local também foi alvo de destruição por um visitante que descolou a cabeça da figura da superfície. Além da descaracterização material, a forma como o local hoje se encontra nos faz pensar em uma possível insistência com o tema místico ou insegurança de não ter sua presença. Levantamos essa hipótese pois o local conta com apenas uma pequena placa (um pouco deteriorada) informativa sobre a gruta ao lado de um ET colorido carregando um *crashpad*<sup>39</sup> - escultura provavelmente feito em alusão ao local e demais outros da cidade ser um ponto de escalada - abrindo caminhos para o desvio de atenção sobre um local com pinturas rupestres que contém registros de povos que ali habitaram.

Figura 1 – Entorno da Gruta da Toca do Leão

---

<sup>38</sup> <https://www.pousadaviva.com/post/grutacarimbado>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

<sup>39</sup> Colchão de escalada;





Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 2 – Placas informativas sobre a Gruta Toca do Leão



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

A preservação de espaços como estes sempre foi questionada e ou reagida com o fechamento, e conforme Choay (1992) apresentam algumas dissonâncias com a inflação de

lugares destinados a preservação por questões de “custo de manutenção, inadequação aos usos atuais e paralisação de outros grandes projetos de organização do espaço urbano”. Seria então a presença do ET na enunciada gruta uma tentativa de reorganização para o progresso sempre em cima de uma narrativa mística vendida com “sucesso”, sem deixar de lado completamente outros contextos como o que a Toca do Leão em si representa sobre a história da comunidade?

Ademais, figuras e monumentos de ETs e similares pela cidade já são uma realidade, seja por iniciativa de empresa privada ou não. Porém pouco se encontra monumentos de pessoas que fizeram parte da construção social e ou econômica do local. Isto foi questionado em entrevista com moradores da cidade, sobre uma pessoa que para eles foi importante para a história local e alguns deles questionavam a ausência de homenagem e que quando feita, foi de forma errônea, como apontado por Sebastiana da Silva, mais conhecida como Tiana. A moradora aborda sobre o nome do receptivo turístico “Escravo João Antão”<sup>40</sup>, indagando: “eles nunca vai desescravizar João Antão?”. Mostrou muitas vezes durante a entrevista como a memória dos negros no local, responsáveis pela construção da cidade, é apagada ou ocultada e hoje encontra-se em momento de lutas por aparição – veremos mais adiante movimentos em prol disto. A ausência destas figuras, de monumentos que objetivam e tem como conceito de “tocar, pela emoção, uma memória viva... para lembrar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos... uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança” (CHOAY, 1992, p.25), pode influenciar na construção de uma memória coletiva, mostrando um possível campo de conflitos, de apagamentos.

Não se pode negar que há alguns pontos turísticos e monumentos que representam e carregam o nome destas pessoas em meio as criações místicas, como a imagem do lendário Chico Taquara. Figura lembrada pela entrevistada Jenifer Souza contando que desde a infância sempre ouviu as lendas sobre ele. Elencado também pelo pesquisador Santos (2022) como uma figura representativa local que descreve brevemente a lenda deste homem que era “de comportamento peculiar, respeitado por seus poderes incomuns como de locomover-se miraculosamente entre locais diferentes, poderes curativos, domínio do comportamento de animais, e de viver recluso nas cavernas da região... foi incerto seu nascimento e desaparecimento” (2022, p.66-67). Há também uma praça em homenagem aos trabalhadores das pedreiras que já foi uma das principais fontes de renda local. Entre as narrativas místicas, este autor também aborda sobre o ufólogo Henrique José de Souza (Noronha) já mencionado anteriormente e o cantor Ventania, hippie e andarilho que se estabeleceu em São Thomé das

---

<sup>40</sup> Figura lendária, sem comprovação da existência, que atribuiu os motivos da criação do arraial.

Letras que “com sua arte, atrai outros integrantes do movimento *hippie* para a cidade, e assim inclui-se na galeria de ‘personagens influentes’ do misticismo local” (2022, p.70).

A moradora entrevistada Elifelete Rosa (mais conhecida como Felet) ao ser perguntada sobre figuras locais, menciona seu avô Antônio Rosa, que apesar do Parque Municipal carregar seu nome como homenagem, pouco ou até mesmo nada é informado sobre ele inclusive no próprio parque. A moradora exalta a importância deste homem na história social, econômica e cultural do município, sem deixar de lado a grande importância de sua avó Messias Constância Rosa, relatando que “a galera falava mais dele, mas a minha avó...Minha avó era parteira da cidade, e trouxe mais de 200 pessoas no mundo... Ela era parteira e meu avô era cozeiro da cidade... eu não cheguei a conhecer ele mas ele é conhecido como contador de causos, contador de histórias”. Tiana também exalta a imagem deste casal e questiona em entrevista sobre a ausência de uma imagem: “A gente chama ela de vó porque ela fez o parto de nós tudo. E ela criou a mãe também. Entendeu? O Antônio Rosa foi o primeiro guia turístico de São Thomé. Isso lá ... eu não tinha nascido.... Entendeu? Foi o primeiro guia turístico. Cadê um marco desse homem? Existe o Parque Antônio Rosa... Parque ou lixão? E é lindo o lugar”.

O questionamento sobre o Parque Antônio Rosa por Tiana, nos encaminha para uma grande polêmica, o anúncio de venda da Casa da Pirâmide situada neste parque. Trata-se de um dos pontos turísticos mais visitados da cidade de São Thomé das Letras. O parque em que ela está situada é tombado pela prefeitura municipal como um Conjunto Paisagístico e também composto por outros pontos turísticos, são eles: Mirante, Cruzeiro, Toca da Bruxa e Toca do Leão. Apesar de se encontrar nessa área tombada, a pirâmide é uma propriedade particular construída na década de 1970. Em fevereiro de 2021, foi encontrada a venda no site e nas redes sociais de uma imobiliária por R\$1,2 milhão. O “G1 EPTV Sul de Minas” acompanhou o caso, buscando informações através da prefeitura, opiniões dos moradores e tentativas – falhas – de contactar o proprietário que não é residente na cidade.

Moradores em redes sociais e através de entrevistas concedidas à reportagem veiculada, se mostravam surpresos com a tentativa de venda, pedindo desapropriação e que dentre os desdobramentos não ocorresse mais uma exploração e privatização do bem.<sup>41</sup> Esse preocupação de mais uma privatização pode ser decorrente as cobranças para entrada na maioria das

---

<sup>41</sup> Pirâmide de São Thomé das Letras é colocada a venda e revolta moradores de MG, *G1 Sul de Minas*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2021/02/04/piramide-de-sao-tome-das-letras-e-colocada-a-venda-e-caoa-revolta-de-moradores-em-mg.ghtml>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2021.

cachoeiras que vêm acontecendo nos últimos anos.<sup>42</sup> Porém, para um dos entrevistados não seria uma opção tão ruim à respeito da Pirâmide, assim Felet argumenta até mesmo diante de sua experiência trabalhando na entrada da Cachoeira Eubiose:

“se cuidasse, velho, seria bom. Porque, assim, sabe, lá virou um ponto de droga, a galera fica lá dentro fumando pedra, ou o outro fica vendendo, sabe? Quando eu era criança, às vezes na escola, a atividade mais da hora da escola era limpar o parque. Sabe? Era ir tirar lixo. A gente tirava sacos e sacos de lixo de dentro da pirâmide”.

A maioria dos moradores não sabe sobre o desenrolar da venda da pirâmide e pouco é encontrado em documentos oficiais e ou novas notícias, e as opiniões sobre o caso se dividem em três opções: concordar em privatizar para melhoria do espaço; desapropriação do bem por parte da prefeitura; ou dar liberdade para o dono fazer o que ele quiser uma vez que foi ele quem construiu.

Em um sentido afetivo, dentre os moradores entrevistados, o que mais apresentou memórias afetivas relacionadas a este ponto, foi o Padre Edinho, mas não destacando a Pirâmide como o principal lugar, mas seu entorno e principalmente o Mirante, onde brincava de Pique Latinha na infância. Já a moradora Jenifer, ressalta seu encantamento com o local, contando que para todos os lugares que viajou nunca encontrou um pôr do sol como o que é visto em cima da Casa da Pirâmide. Em uma reportagem anteriormente elencada nesta pesquisa, se falava na busca da pirâmide para observação de OVNI's, e nos dias de hoje as pessoas comparecerem a este local com maior frequência próximo ao horário do “pôr do sol”. Este fato é destacado pelo entrevistado Ivan Medeiros (mais conhecido como Sancho) como uma das mudanças na rua da sua casa com o crescimento do turismo, explicando que neste horário hoje há um grande fluxo de turistas subindo para a pirâmide passando pelo caminho em que reside que é uma das principais rotas, resultando em segurar o fluxo de carro para este sentido em alguns momentos.

---

<sup>42</sup> A taxa de visitação nas cachoeiras varia entre R\$10,00 a R\$30,00 para turistas e para moradores com comprovante de residência não é cobrado nenhum valor. Segundo a moradora Felet essa cobrança vem sendo realizada há cerca de 8 anos.



Figura 3 – Lotação na casa da Pirâmide durante final de semana da Festa de Agosto



Fonte: Blog “O Guardião da Montanha” (2015). Disponível em: <https://oblogdoguardiao.blogspot.com/2015/08/por-do-sol-na-festa-de-agosto-2015-em.html>. Acesso em: novembro de 2023.

Como arguido por Carla D’Auria (2000), alguns pontos que hoje são turísticos na cidade tiveram alterações em seu nome para atender a demanda turística. A narrativa mística que chegou até a cidade com os ditos “forasteiros”, que causaram conflitos, se apresenta materializada em alguns destes locais. Estes estudos de casos abordados, nos faz pensar até mesmo sobre uma possível incorporação por parte dos nativos em relação a imagem mística trazida na década de 1970, ou pelo menos a incorporação por parte de seus descendentes nascidos no final da década de 1990, já que se inserem em um ambiente transformado pelo turismo. Esses locais divulgados pela imprensa e aqui tratados não são os únicos que se apropriaram da narrativa mística para comercializar e divulgar a cidade, um grande setor é o de eventos, que vem dividindo opiniões na cidade, principalmente o “STL Festival”.

O “STL Festival” se configura hoje como um dos maiores eventos em estrutura e público que ocorre na cidade, veio crescendo desde sua primeira edição em 2016 que ocorreu no feriado da Semana Santa. Os conflitos foram surgindo em 2018 quando um grupo de proteção ambiental local denominado “Todos pela água” gerou uma petição para regulamentação para grandes eventos. Em reportagem ao G1 Sul de Minas<sup>43</sup>, é possível observar contestações sobre

<sup>43</sup> Grupo de proteção ambiental cria petição para regularizar grandes eventos em São Tomé das Letras, MG, *G1 Sul de Minas*, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/grupo-de-protecao-ambiental-cria-peticao-para-regularizar-grandes-eventos-em-sao-tome-das-letas-mg.ghtml>. Acesso em: setembro 2020.



o evento até mesmo vindo de comerciantes que podem aumentar o faturamento nestas épocas com o grande fluxo de turistas. Nesta ocasião, primeiramente foram levantados os impactos ambientais ocasionados pelo evento que chegou a receber 30 mil turistas no feriado da Semana Santa. De acordo com o biólogo entrevistado na reportagem, Paulo Sampaio, o grande fluxo de pessoas no Parque Municipal durante o evento causa riscos à biodiversidade, que gerou até um incêndio no Parque Antônio Rosa, local que segundo ele é composto por

“uma das vegetações mais raras e importantes aqui do nosso país, que é a vegetação do campo rupestre. E ali são plantas raras, estão presentes em listas de plantas ameaçadas de extinção a nível nacional. E essa quantidade de pessoas muito grande, sem caminhos pré-definidos, fez com que elas se espalhassem por todo o parque e pisoteassem essa vegetação que é tão rara”<sup>44</sup>.

Já uma outra entrevistada pela reportagem, a comerciante Ana Maria Sigaud, deixa claro não ser contra o evento, mas sim receber essa quantidade de pessoas em um período só, relatando os problemas enfrentados durante a realização deste evento: “Não tinha estacionamento direito, filas para restaurante, as pessoas dormiram na rua, dormiram nas praças, dormiram aqui no fundo de casa, em uma captação de chuva que eu faço, porque a cidade não comporta tanta gente de uma vez”.<sup>45</sup> Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa a posição da maioria deles foi semelhante a de Ana Maria, em que concordam com a realização do evento porém sendo feito em uma outra época que não seja a de um feriado prolongado. O evento recebeu grandes elogios pelos entrevistados desta pesquisa, como por Sancho e Jenifer, em estrutura e organização, principalmente atualmente que o local é fora da cidade em uma estrutura própria dos organizadores, acontecendo desta forma desde 2019.

Em 2019, para que o evento ocorresse, foi gerado um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) intermediado pelo Ministério Público e assinado entre a prefeitura e organizadores do evento, conforme notícia veiculada também pelo portal G1 Sul de Minas.<sup>46</sup> Os organizadores se posicionaram explicando que toda a parte de energia ocorreria através de geradores próprios e a de água por sistema de esgotos também próprios. Este foi o ponto de partida para regulamentação dos eventos, que gerou debates na câmara municipal no dia 22 de outubro de

---

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Festival que deve receber 15 mil pessoas gera acordo entre prefeitura e organizadores em MG, *G1 Sul de Minas*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2019/04/19/festival-que-deve-receber-15-mil-pessoas-gera-tac-entre-prefeitura-e-organizadores-em-mg.ghtml>. Acesso em: janeiro 2023.

2019, em que alguns se posicionaram a favor da flexibilização da lei que proibia grandes eventos com limitações de participantes em feriado prolongado.<sup>47</sup>

No dia 03 de dezembro foi assinado pelo prefeito Tomé Reis Alvarenga a Lei 1.499/2019 que estabelece normas e limitações para a realização de eventos musicais no município. No capítulo II, artigo 2<sup>a</sup>, dispõe-se que “No período de SEMANA SANTA e do CARNAVAL, é vedada a realização, no território do município de São Thomé das Letras, de quaisquer shows e eventos musicais, públicos ou particulares, com cobrança de ingressos (seja de forma direta ou indireta)”. No artigo 2<sup>o</sup> é vedado a realização de shows e eventos particulares durante o período do Réveillon. Já no artigo 4<sup>o</sup>, é disposto sobre eventos que possam vir ocorrer em demais feriados prolongados:

“Art.4<sup>o</sup>. Sem prejuízo do disposto nos artigos 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup>, nos demais feriados prolongados somente será permitida a realização de shows e eventos musicais, públicos ou particulares, no território do município de São Tomé das Letras, que atendem às seguintes condições:

I - A duração total do evento não poderá ultrapassar a 9 (nove) horas corridas contadas a partir do horário previsto no alvará de licença municipal para o início das apresentações ou para a abertura do evento;

II - O número de atrações artísticas de renome nacional e/ou internacional a se apresentar no evento não poderá ser superior a 3 (três);

**III - O público do evento não poderá exceder o número máximo de 10.000 (dez mil) pessoas, não podendo também o número de ingressos colocados à venda ser superior a este quantitativo. (grifo meu)**

§ 1<sup>o</sup> - Consideram-se como feriados prolongados, para os fins deste artigo, o conjunto de 3 (três) ou mais dias composto pela junção de um ou mais feriados oficiais, ou de um feriado com um final de semana (sábado e domingo), inclusive englobando, quando for o caso, um dia útil intermediário entre os feriados, ou entre o feriado e o final de semana.

§ 2<sup>o</sup> - As limitações previstas neste artigo aplicam-se às datas de:

a) Feriados nacionais, tanto oficiais quanto tradicionais;

b) Feriados estaduais que ocorrerem nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro; e

c) Feriados municipais que ocorrem nas respectivas capitais dos Estados na alínea “b”.” (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2019)

O STL Festival não ocorreu nos anos de 2020 e 2021 devido a pandemia do covid-19, retornando em 2022 no dia 18 de junho, feriado prolongado de Corpus Christi. Com a lei em vigor ele não pode ocorrer mais na Semana Santa, porém Tiana expõe sua opinião sobre a realização deste evento no Corpus Christi, deixando claro que não é contra o evento:

---

<sup>47</sup> Flexibilização de lei que proíbe grandes eventos começa a ser discutida em São Tomé das Letras, *G1 Sul de Minas*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2019/10/23/flexibilizacao-de-lei-que-proibe-grandes-eventos-em-feriados-prolongados-comeca-a-ser-discutida-na-camara.ghtml>. Acesso em: janeiro de 2023.

Ele poderia acontecer, eu não estou falando que não poderia, poderia acontecer [...] No Carnaval, Semana Santa, Reveillon...para quê? [...] Por si só já tem... Já tem o turista [...] Não sou contra, eu sou contra nos dias que ele acontece. A forma que acontece... Não adiantou tirar da Semana Santa. Porque a Semana Santa, o Corpus Christi, ele é 40 dias após a morte de Cristo. Então ele continua pra mim, ele tem a ligação com a Semana Santa.

O evento desde o retorno após pandemia continua sendo realizado em feriados prolongados, como no ano de 2023 que ocorreu na véspera do feriado do dia do trabalhador, porém não são encontrados dados exatos sobre a quantidade de venda de ingressos disponibilizadas. Foram divulgadas algumas matérias no G1 Sul de Minas com alguns dados referente a 6ª edição do evento, uma delas em que a Chefe do Departamento de Turismo, Carla Gonzalez, fala da estimativa de fluxo de pessoas: "No cadastro do hóspede até agora temos 2360 pessoas no sistema, mas infelizmente o pessoal não está realizando o cadastro, só quem está hospedado na parte de cima, por precisar do voucher. Mas a previsão é de 20 mil a 25 mil pessoas entre público passante e hospedado".<sup>48</sup> Em outra matéria divulgam que a 6ª edição do evento ocorrerá na cidade conhecida como uma das mais místicas do Brasil, pois o evento “tem em sua identidade a diversidade, a acessibilidade e a sustentabilidade, propondo uma conexão entre música boa, energia positiva, natureza e toda a magia de São Tomé para cerca de 10 mil pessoas de todos os estados do Brasil e de outros países”.<sup>49</sup>

Esses eventos se apropriam da narrativa “místicas” em suas divulgações (com fadas, gnomos...) e até mesmo divulgando um outro nome para se referir a cidade, como por exemplo, “Montanha Mágica”.<sup>50</sup> Para o evento em 2024 que já conta com “8” atrações confirmadas (Armandinho, Edi Rock convida Dexter, Matuê, Planta e Mato Seco, Marcelo Falcão convida Cynthia Luz, Nando Reis e convidado surpresa, e Emicida convida Drik Barbosa e Rashid) , a plataforma de vendas anuncia que o evento ocorrerá no feriado prolongado de Corpus Christi para todos se reunirem mais uma vez na “Montanha Mágica” – termo este que é um novo jeito de se referir à cidade de São Thomé das Letras.

---

<sup>48</sup> São Tomé das Letras deverá receber número de turistas três vezes maior que a própria população durante o STL Festival, *G1 Sul de Minas*, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/stl-festival/noticia/2023/04/28/sao-tome-das-letras-devera-receber-numero-de-turistas-tres-vezes-maior-que-a-propria-populacao-durante-o-stl-festival.ghtml>. Acesso em: outubro de 2023.

<sup>49</sup> De Ventania a CPM 22: STL Festival chega à 6ª edição em São Tomé das Letras; saiba tudo., *G1 Sul de Minas*, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/stl-festival/noticia/2023/04/01/de-ventania-a-cpm-22-stl-festival-chega-a-6a-edicao-em-sao-tome-das-letras-veja-tudo-do-festival.ghtml>. Acesso em: outubro de 2023.

<sup>50</sup> Site de vendas para edição de 2024, que ocorrerá no feriado de Corpus Christi. Disponível em: <https://ipass.com.br/stlfestival>. Acesso: janeiro de 2024.

Figura 4 – Imagens de divulgação do STL Festival de 2024



Fonte: Capturas de tela (2024) do Instagram oficial do evento (compilação da autora).<sup>51</sup>

Este outro nome para referenciar a cidade é questionado em entrevista pela moradora Tiana, contando de um ocorrido: “No portal de São Thomé lá colocaram ‘bem-vindo à Montanha Mágica’. Em menos de vinte... de vinte e quatro horas o povo de São Thomé fez tirar... Como é que é bem vindo da montanha mágica? Cadê o nome da cidade? Quem nasceu na montanha mágica? Olha que nível que chegou”. Procurando saber sobre o desenrolar desta situação, pois atualmente não consta mais esse letreiro com a frase “Bem-vindos a Montanha Mágica”, não encontramos nada no site oficial da prefeitura, somente uma repostagem em uma página de Facebook, chamada “São Thomé Sobre as Pedras” de uma possível nota oficial da prefeitura conforme imagem abaixo:

Figura 5 – Nota de esclarecimento sobre alteração do nome no portal da cidade, postada em janeiro de 2022 em uma página de divulgação da cidade.<sup>52</sup>

<sup>51</sup> Instagram @stlfestival, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2XeoNLOekH/?igsh=NHNnOXhyZDNmZDhu> e Instagram @stlfestival, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0kBEExWlc7E/?igsh=MW9mNHA4OTlhOXJtOQ>. Acesso em: janeiro 2024;

<sup>52</sup> A nota de esclarecimento não foi encontrada no site oficial da prefeitura e também em suas demais mídias.





Fonte: Captura de tela (2024) da página do Facebook “São Thomé sobre as Pedras”.<sup>53</sup>

O STL Festival não é o único evento grandioso que trabalha na vertente mística, e muito menos o primeiro que gerou problemáticas locais. Muito antes deste, ocorreu um evento na cidade divulgado como “O Mundo Imaginário”, em 2012. Não estenderemos muito sobre este evento aqui, mas é importante elencar o ocorrido apontando como a cidade já passava por carência de regulamentações de eventos que só veio à tona com a TAC de 2019. Cientes que em questão de estrutura e público o objetivo aqui não é compará-los, mas sim mostrar que há 7 anos antes das discussões públicas sobre a realização de eventos de grande porte, já era despontado na cidade os problemas causados por este setor quando não há uma grande fiscalização e normativas para a atividade – se haviam, não foram encontradas.

O festival “O Mundo Imaginário” resultou e se encerrou com a morte de um jovem atingido por um raio em sua barraca no camping do evento, noticiado também pelo G1 Sul de Minas.<sup>54</sup> O evento em questão foi objeto de pesquisa de monografia de Vinicius Vieira em

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/share/wXBuQy6M3jz7wJrn/?mibextid=WC7FNe>. Acesso em janeiro 2024.

<sup>54</sup> Vídeo mostra suposto raio que matou universitário em rave, *G1 Sul de Minas*, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2012/10/video-mostra-suposto-raio-que-matou-universitario-em-rave.html>. Acesso em: janeiro de 2023.

2013, que esteve no local para fazer a pesquisa de campo que tinha como objetivo analisar as motivações que levam o público a participar de festivais de música eletrônica, especificamente este que ocorreu em São Thomé. Dentre os motivos elencados pelo autor e obtidos através de entrevistas, constava ideais semelhantes à Nova Era, como por exemplo, inserir em movimentos da contracultura e busca por espiritualidade. Neste festival foi divulgado pela organização do evento que a festa contaria com “90 DJ's e 20 bandas, tocando em quatro pistas com estilos musicais diferentes, sendo duas de música eletrônica (Trance Stage e Goa Stage), uma de reggae e rock psicodélico (Tributo Woodstock) e uma com som ambiente, para descanso (Chill Out)” (VIEIRA, 2013, p.35).

Também é discorrido por Vieira (2013) todos os problemas estruturais do evento que agravaram com a forte tempestade com raios ocorrida, impossibilitando que itens básicos chegassem ao evento para reposição, pois como o evento ocorreu no distrito de Sobradinho e o acesso seria por estrada de terra, os caminhões ficaram presos na lama. Acarretando em um momento que as pessoas saquearam um dos caminhões com bebidas que estava no local, viralizando na época um vídeo no youtube (atualmente como 459 mil visualizações<sup>55</sup> intitulado “maluco da moto serra”, onde ocorre uma briga neste momento com um rapaz tentando atacar as pessoas com esta ferramenta.

Em notícias no G1 Sul de Minas, é relatado que o evento recebeu cerca de 3 mil pessoas e 300 barracas em um suposto espaço reservado para camping onde era área de preservação permanente. Ademais, foi elencado que não foi concedido a autorização do CODEMA (Conselho Municipal de Conservação e Defesa do Meio Ambiente) para o evento acontecer por questões ambientais e estruturais, e que a festa continuou por algumas horas mesmo com a morte de uma pessoa. Não houve na época pronunciamento oficial dos organizadores pois não foram encontrados. Situações como estas podem impactar negativamente no nome da cidade, como elencado por alguns entrevistados, que apontam que muitos acham que São Thomé das Letras é uma “terra sem lei”.

Atualmente é encontrado notícias fora da vertente mística sobre a cidade, divulgações como feita pela página do “Minas Ninja” no Instagram, como por exemplo, sobre a Festa da Rua de Baixo, que se trata de uma mostra cultural com Folia de Reis, Congada, Capoeira, dentre outras manifestações. <sup>56</sup>Porém, em maio de 2023, foi feita uma publicação por esta mesma

<sup>55</sup>Maluco da moto-serra - Festival o mundo imaginário. Youtube, 16 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mr38DANFvpA>. Acesso em: janeiro de 2023

<sup>56</sup> Instagram Minas Ninja, Festa da Rua de Baixo celebra a cultura afro-brasileira em São Thomé das Letras. 17 de novembro de 2023. Instagram: @minasninja. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Czv3r9\\_O1R4/?igsh=Z3FjZG9la24zMjRt](https://www.instagram.com/p/Czv3r9_O1R4/?igsh=Z3FjZG9la24zMjRt)>. Acesso em: novembro de

página (Minas Ninja) que gerou muita repercussão local, com comentários de turistas, moradores, artesãos e “malucos de br” – este último debateremos a seguir seu conceito. Levantamos este ocorrido em entrevista, que será aos poucos relacionados com os comentários das postagens que foi acompanhada desde o seu primeiro dia de publicação. O assunto principal da postagem desdobrava em “Artesãos de rua e Malucos de BR resistem em São Thomé das Letras”, com o seguinte texto:

@minasninja: São Tomé das Letras, em Minas Gerais, é uma cidade turística conhecida por suas belas paisagens naturais e cultura alternativa. Os Índios cataguás habitavam a região onde tempos depois cresceu a cidade. A principal atividade de São Tomé era a exploração de minerais, devida a abundância na região. Na década de 70, com intensas repressões culturais e artísticas nas grandes cidades por conta da ditadura, alguns Híppies e a Malucada de BR começaram a vir para São Tomé, fazendo acampamentos e expondo suas artes pelas ruas da cidade. Por serem de cultura nômade, difundiram o nome da cidade por todo o país, que logo ficou conhecida mundialmente como cidade turística. A cidade até hoje se apropria da cultura Híppie e alternativa, entretanto recentemente a @prefeituradesaothomedasletras junto com o apoio da @pmmg oficial está reprimindo violentamente os artesãos que tentam manter a cultura de expor suas artes nas calçadas da cidade (Prática tradicional da Malucada De BR). Após muita luta alguns espaços foram cedidos para a exposição da arte, entretanto são espaços que, principalmente a noite, ficam inviabilizados, marginalizando a Malucada de BR, que deve ser reconhecida como patrimônio imaterial da cidade. Além do fato de que o enquadramento de qualquer espaço delimitado e ou feira/banca descaracteriza a cultura de exposição do "pano" e o "mangueio" na rua e muitos não são contemplados com tais imposições. Cadastro, feiras, bancas e carteirinhas são meios institucionais que não compactuam com a identidade da Malucada de BR, nem da cultura nômade da arte de rua! Uma luta nacional está correndo desde 2007 junto com o @iphangovbr para o reconhecimento desta cultura. São Tomé deveria ser cidade modelo da harmonia entre a cultura de rua e o turismo local!! Pedimos socorro!! Estamos em resistência!<sup>57</sup>

O próprio texto divulgado divide em dois grupos as pessoas que começaram a frequentar São Thomé das Letras desde a década de 1970, entre híppies e malucos de br. Não apresentam nenhuma liderança, assim como na Nova Era, sem instabilidade organizacional e de muitas mudanças, podendo estes serem adeptos de alguns dos ideais do movimento citado. O primeiro grupo, de híppies, já foi mencionado em outras pesquisas sobre a cidade e o segundo termo “Maluco de Br” ainda não encontramos em pesquisas específicas sobre a cidade. Este foi definido por Antônio Neto (2017, p.4) como aqueles que

---

2023; Minas Ninja, Resgate e Tradição: Começa hoje a III Mostra Cultural da Rua de Baixo em São Thomé das Letras. 11 de novembro de 2022. Instagram: @minasninja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ck00Rx8OFTb/?igsh=MWVkdTI1M3NnNW0yMw>. Acesso em: novembro de 2022.

<sup>57</sup> Minas Ninja, Artesões de Rua e Malucos de BR resistem em São Thomé das Letras. 4 de maio de 2023. Instagram: @minasninja. 4 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrdno1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.

adotaram um modo de vida comunitário, consideram-se transeuntes, e se autodenominam artesãos nômades, mas entre eles, se comunicam por “maluco”, “maluco de estrada” ou “maluco de BR”. Conhecidos no senso comum como “hippies”, os malucos de BR assumem um modo de vida que transpassa da mudança frequente de habitat, é um processo constante de transformação, de circulação entre subjetividades que gera uma configuração cíclica de sujeitos e espaços. Desde a sua constituição, tais indivíduos não compartilham de valores tradicionais fundados na economia capitalista, uma instituição, para este movimento, que tem desconsiderado outras concepções axiológicas e culturais.

É defendido na postagem mais uma necessidade de reconhecimento no local, a da malucada de BR como patrimônio imaterial da cidade. Também foi objetivado na pesquisa de Santos (2022) o reconhecimento formal sobre o misticismo em São Thomé das Letras como também analisado por ele a ausência de um processo sobre esta questão. São muitas as narrativas existentes em uma pequena cidade contribuído desde a ausências e dificuldades de estudos completos sobre os “enigmas” do povoamento e construção do arraial como também pelas suas diferentes ocupações a partir da década de 1970, principalmente nos dias de hoje que a cidade tem a presença de “artesões” e “malucos de br”. Santos (2022, p.14) arguiu sobre o dilema das linhas místicas que estão entre

“viver entre a resistência ou tensão do reconhecimento, no sentido de que o esotérico e o místico e suas manifestações culturais sociais possam, embora evidentes e de presença vivenciada na vida da cidade thomesense, exigir-se que os protocolos sejam realizados para serem considerados patrimônio cultural imaterial da cidade de São Thomé das Letras.”

Reconhecer a malucada de br como patrimônio imaterial é um desafio maior ainda tendo em vista que ainda não há nada formalizado a nível nacional mediante tentativas deste grupo, como ocorreu em Brasília no entre os dias 7 a 11 de agosto de 2015 o primeiro “Encontro das BR” a fim de discutir sobre as lutas pelo reconhecimento deles como uma manifestação cultural brasileira. Em questão, conforme resumo do encontro por Rafael Lage (2015) em um site destinado a causa chamado “Beleza da Margem” foram duas conquistas na reunião com o Ministério da Cultura e o IPHAN, sendo a prima a abertura cedida pela Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural em marcar futuras reuniões; e a segunda com o IPHAN, com o recebimento da carta para analisar o pedido de inventário cultural. Além disto, Lage (2015) aponta que há duas revoluções acontecendo, “uma é institucional, é a luta para esclarecer as instituições governamentais da legitimidade da malucada em utilizar o espaço público [...] A

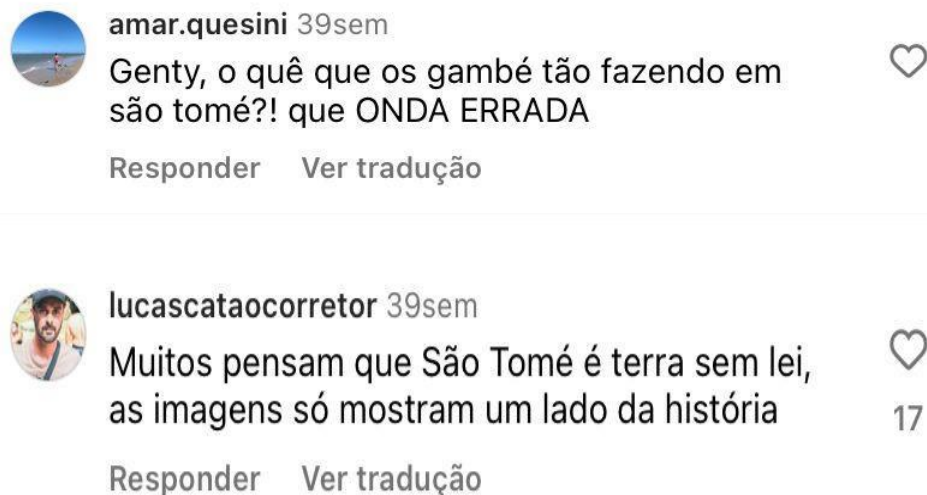


outra revolução é interna e só depende da própria malucada. É juntar as cinzas do que resta e renascer. A malucada nunca foi uma coisa fixa”.<sup>58</sup>

Diante da luta por reconhecimento da forma em que a “malucada de br” se estrutura a nível nacional e no caso da pesquisa que aqui se insere com os conflitos gerados com estes em São Thomé das Letras resultado de uma ação repressiva da PM, foram observados comentários de moradores que solicitavam ao Minas Ninja uma outra versão sobre os fatos na visão de moradores antigos da cidade, como também o aparecimento da versão de artesões, malucos e possíveis turistas. É chamado a nossa atenção alguns comentários na publicação de pessoas tentando mostrar o que anteriormente levantamos aqui, que o local não é uma “terra sem lei” em contraste com pessoas surpresas que ali existem ou resistem normativas. Padre Edinho também usa o termo de “terra sem lei” defendendo que

a visão que o povo tem daqui é que é uma terra sem lei. [...] Aqui é uma cidade como qualquer outra cidade e às vezes o poder público tem dificuldade em por rédeas no negócio, justamente por causa dessa imagem. Com medo de perder. Só que precisa ser assim. Tem um lugar para expor? Então expõe no lugar de expor. Porque do jeito que estava, atrapalhava até o lugar de passar carro.

Figura 6 – Comentários divergentes na publicação do Minas Ninja em relação ao local ser uma “terra sem lei”.



Fonte: Captura de tela (2023).<sup>59</sup>

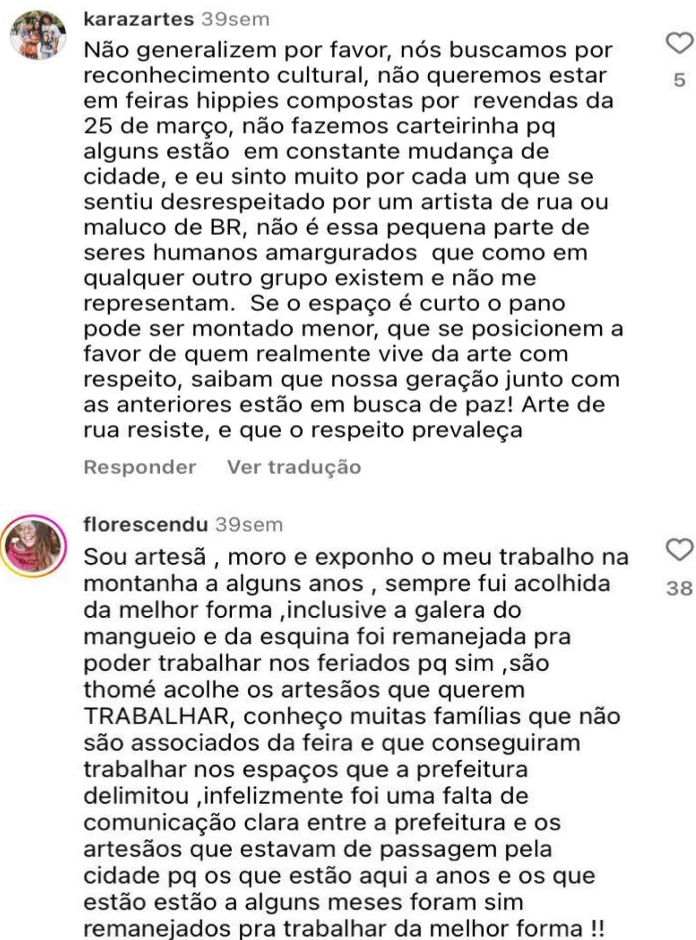
<sup>58</sup> LAGE, Rafael. Resumo do primeiro Encontro das BR, realizado em Brasília de 7 a 11 de agosto de 2015. 28 de agosto de 2015. Disponível em:

<https://belezadamargem.wordpress.com/2015/08/28/resumo-do-primeiro-encontro-das-br-realizado-em-brasilia-de-7-a-11-de-agosto-de-2015/> Acesso em: setembro 2023.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrdno1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.

Entre tantas divisões dos grupos sociais que debateram sobre o ocorrido, foram levantados opiniões dos moradores sobre o ocorrido e os envolvidos. Padre Edinho, divide em sua percepção em três grupos estes que chegam à cidade: “tem os artesãos, que merecem todo o respeito, estão fazendo o seu trabalho. [...]. E tem esses malucos de BR e tem os ‘favozeiros’. Que eram as pessoas que ficavam na porta de mercado pedindo as coisas. Coisa que a gente imagina encontrar em cidade grande”. Segundo a entrevistada, Edinéia Francisca da Silva empresária no ramo de hotelaria, “tem turista que tem medo deles – referindo a malucada de br – tem alguns que não [...] uns fica pedindo dinheiro na porta do mercado coisa que não tinha aqui antigamente, gente de fora que mora aqui que não tem casa, não tem trabalho [...] ficam dormindo na praça...”.

Figura 7 – Comentários na publicação do Minas Ninja classificando as diferenças e percepções entre malucos de br e artesões.

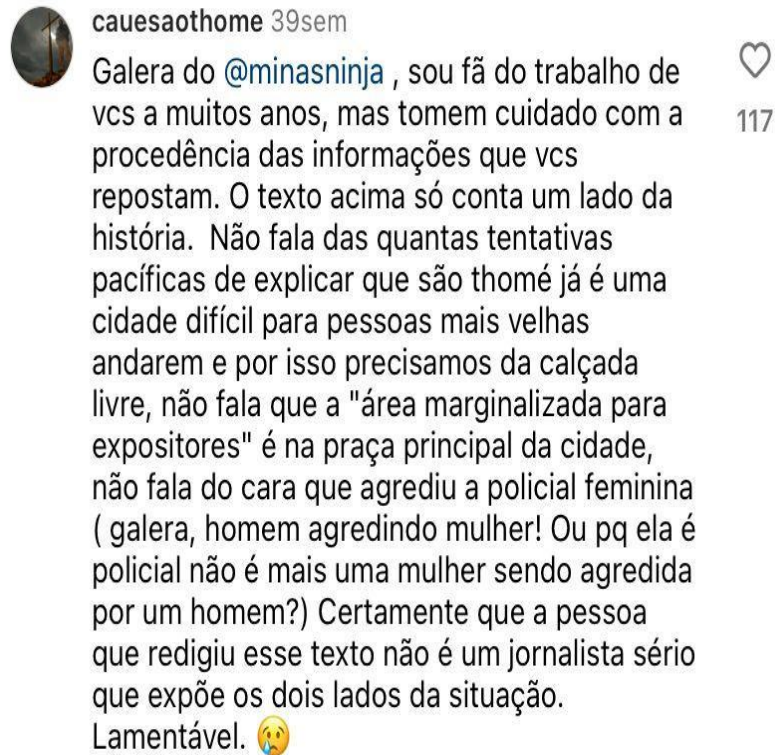


Fonte: Captura de tela (2023).<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrдно1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.

Padre Edinho ao contar sobre os lugares que as pessoas dormem, descreve uma situação em relação a um patrimônio histórico local: “Padre Robson, tava conversando comigo que ele teve que chamar a polícia porque tem uma galera que tava morando do lado da igreja... no banco da praça lá, e estava usando a própria parede da igreja para fazer churrasco”. Houveram dois comentários de um mesmo perfil que mais repercutiu na publicação, elencando as disputas de espaços, questionamentos sobre regimentos que não são seguidos pelos malucos de br mas que se aplicam a moradores locais.

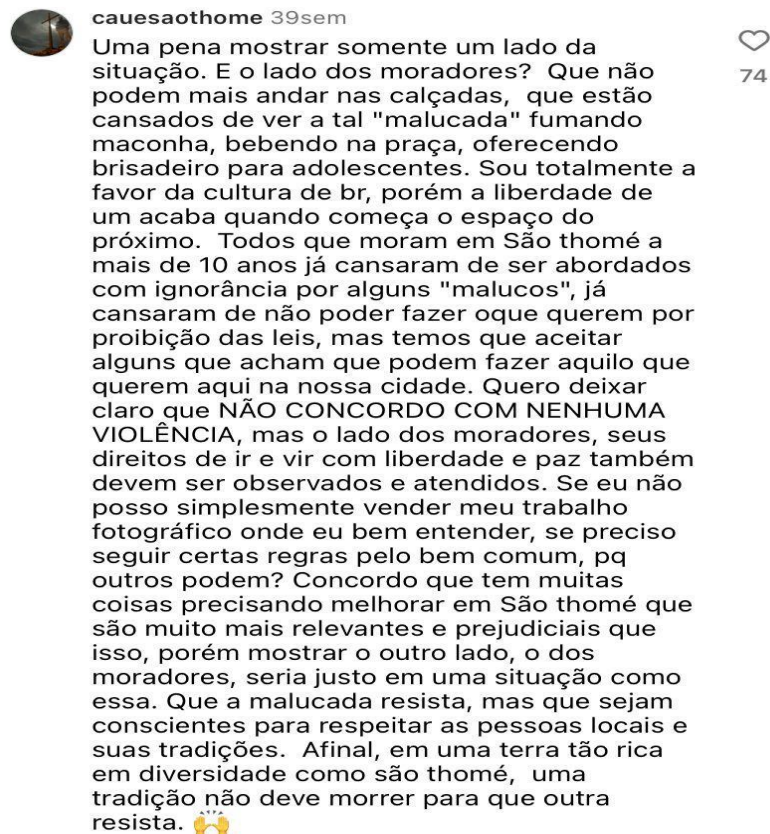
Figura 8 – Comentário na publicação do Minas Ninja sobre uma outra perspectiva sobre a malucada de br e conflitos locais com este grupo.



Fonte: Captura de tela (2023).<sup>61</sup>

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrdno1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.

Figura 9: Continuação do comentário pelo mesmo seguidor sobre conflitos no espaço material e simbólico, como também a solicitação ao Minas Ninja em mostrar uma outra perspectiva do ocorrido.



Fonte: Captura de tela (2023).<sup>62</sup>

Moradores em entrevista para esta pesquisa e nos comentários da publicação se mostram a favor da liberdade de expressão, como também elencam ligações sociais com os “malucos de br” ou hippies, e reconhecem o trabalho destes em uma percepção de que não se pode generalizar atitudes isoladas de alguns, mesmo que recorrente. Estes fatos são principalmente elencados nas narrativas de Felet e Sancho ao serem questionados sobre o ocorrido e possíveis interseções com este grupo. Felet ao falar deste grupo em que sua maioria não são nativos nos conta da pluralidade entre eles: “até hoje eu tenho muita amizade com a galera que está nesse lado místico, alternativo. Eu tenho uma amiga lá em cima que é bruxa, ela faz poção e tudo.

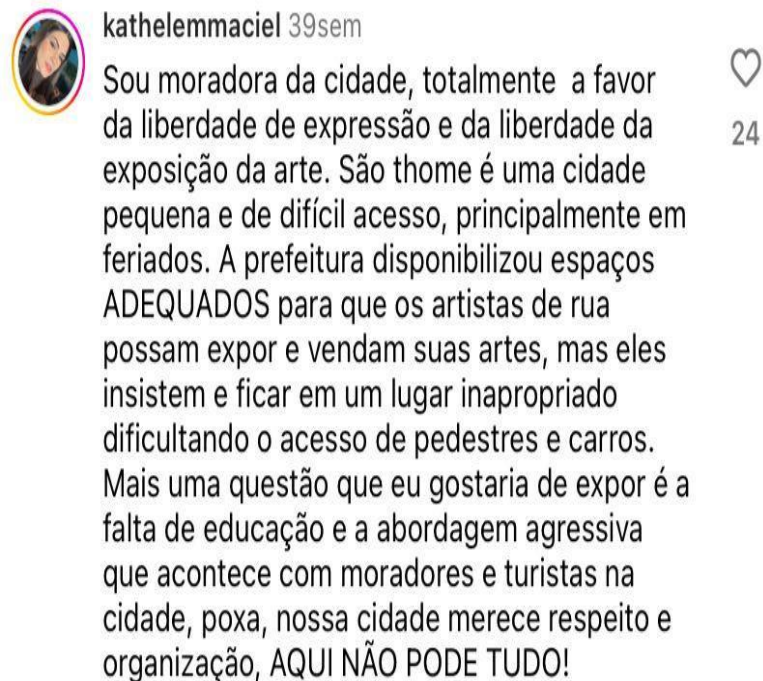
<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrdno1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.



Tem a outra que é cartomante, tem outro que é ateu totalmente”. Por outro lado, Sancho enfatiza mais sobre o ocorrido mas não deixando de mostrar sua conexão com eles:

Não sou a favor de polícia, não gosto de polícia. Sou amigo da maioria dos hippies que moram aqui, só que eu acho que também... Tem gente que quer fazer o que quer, meu. Então não... Na onde pode, pode. Na onde não pode, não pode. Simples assim, meu. Não é verdade?... ... É o que eu te falei, ali no passeio não é lugar deles ficar, entendeu? Porque ali tem uma pessoa ali que às vezes está de cadeira de roda e precisa passar [...] eu acho que eles não tão certo mas eu acho que o direito deles trabalhar eles têm também. Mas tem que ter o lugar certo. Eu acho que deitado na rua bebendo não é um lugar de trabalhar. Você não está trabalhando onde você está bebendo, curtindo. Às vezes você está usando droga e tudo no mesmo lugar, então eu acho que isso não é maluco. Isso aí pra mim não é maluco. O maluco não faz isso. Tudo junto não né meu?

Figura 10 – Comentário na publicação do Minas Ninja, a favor da liberdade artística mesmo elencando os problemas enfrentados no contexto local.



Fonte: Captura de tela (2023).<sup>63</sup>

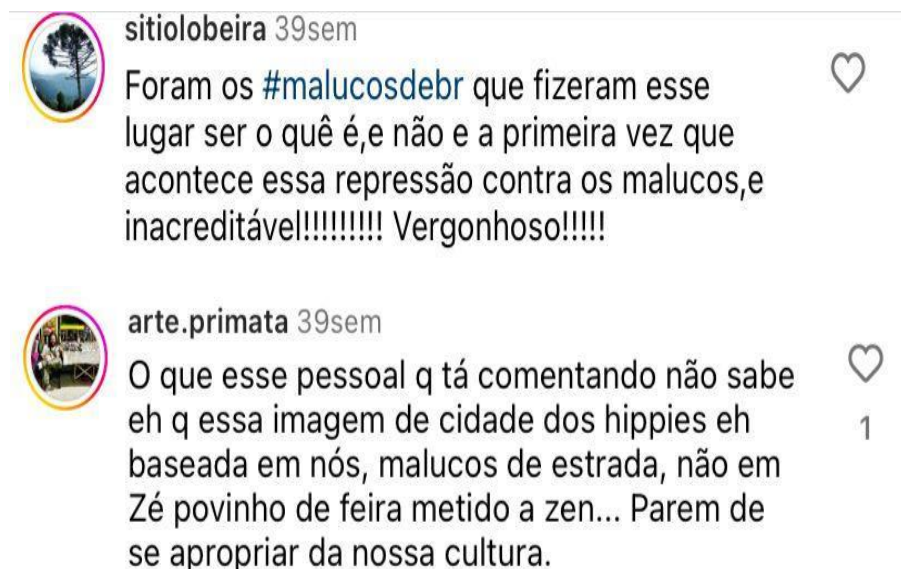
Alguns comentários também foram em defesa da malucada de br (não sendo indicados e identificados se foram feitos por moradores ou não), que opinaram que estes fizeram a cidade ser reconhecida turisticamente e que eles são a identidade da cidade. Padre Edinho lamentou

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrdno1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.

em entrevista essa ideia e expõe sua opinião: “O turismo trouxe um crescimento, trouxe, trouxe, sim, mas por outro lado a gente tem que escutar esse tipo de acusação. Que nós somos um bando de morto de fome se não fosse o turismo. Mas o problema não é o turismo, é o turismo desenfreado”. Determinados comportamento de alguns que se intitulam como maluco de br, como o que foi elencado pelo Sancho em que alguns trabalham com a arte no mesmo lugar em que usam drogas, trouxeram impactos negativos para a cidade acarretando a imagem de que quaisquer moradores da cidade também são adeptos de tais atos. Tiana se mostra em entrevista indignada com a visão de muitos que visitam a cidade e tem a ideia generalizada sobre a aceitação por todos do uso de droga, defendendo que

Essa imagem aí também teria que ter sido derrubada, da maconha, da droga, não sei o quê, entendeu? Teve amigos meus em São Paulo que contavam que foi conhecer São Thomé com 17 anos, e que falam “não volto mais lá”, que é uma cidade de maluco, droga anda solta, que não sei o que... Peraí, eu nasci nesta cidade, eu nasci ali dentro, a mãe e o pai teve 10 filhos, mas nunca usou droga não. Não é todo mundo. Acabam resumindo todo mundo em um todo, entendeu? Aí é mais fácil esse lado vender... Olha, entenda isso, olha, é mais fácil vender esse lado do que vender a nossa história. Sabe? Quando eu falo vender não é financeiro não, o vender é as pessoas aceitarem. Você entendeu? É mais fácil fazer isso do que vender a nossa história. Olha que... é sair de uma essência para se mascarar. É mascarar. Eu levo por esse lado. A gente está saindo de uma essência, se mascarando de uma cidade de louco, de uma cidade de tudo pode.

Figura 11: Comentários na publicação do Minas Ninja em defesa da malucada de br.



Fonte: Captura de tela (2023).<sup>64</sup>

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr0qcvyqT1p/?igsh=cWFrdno1ZGlya2lo>. Acesso em: maio de 2023.

Na pesquisa realizada por Bordonal e Souza (2018, p.7) foi evidenciado que o aumento de consumo de drogas está ligado à atividade turística, pois muitos enxergam a cidade como um local para poderem se extravasar e as drogas mais comercializadas são maconha, cocaína e LSD. Referente a opinião da população local se o turismo influenciou no aumento do tráfico e consumo de drogas, os pesquisadores obtiveram os seguintes resultados quantitativos em que um pouco mais da metade se mostrou concordar, sendo 13,40% dos que discordam totalmente, 11,34% discordam, 8,24% não concorda ou discorda, 29,89% concordam e 34,02% concordam totalmente. Para a moradora Felet a comercialização do místico contribuiu nesta imagem negativa de uso de drogas e criação de um rótulo a respeito de todos aqueles residentes no local, assim opina:

é um místico sujo que eles venderam. Igual barato do “brisadeiro” (brigadeiro com maconha), sabe? Igual chegou aqui – referenciando o cachoeira que trabalha - esses dias um cara perguntando “tem brisadeiro aí, tem o do Verde?”, e eu falei que não aqui não tem. Sabe? Porque assim, é uma imagem que passa de quem é de São Tomé, você fica com um rótulo, todo lugar que você vai, você fica com esse rótulo horrível.

Figura 12: Pedaco de pedra colocado no jardim da praça central com a mensagem “Não vicie em Drogas, vicie-se em cuidar da natureza”.



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Entre todas as problemáticas de um turismo místico vendido e as narrativas dos moradores continua sendo observado que com a presença da Eubiose no local há quase um

século e dos hippies e malucos de br por cerca de 50 anos, foram necessários levantar aqui a presença destes grupos que podem encaminhar para incorporação destes ideais no local por partes dos nativos. Assim, conforme D’Auria também apontou (apud NETO, 2000, p.273) “são inegáveis os efeitos culturais recíprocos que as culturas se oferecem no decorrer dos contatos”. Porém isto não exime o fato de pensarmos a cultura como um termo enredado, do qual Thompson (1998) aponta que esta

ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos, culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.

Guardada as proporções da necessidade apontada por Santos (2022) de reconhecer o misticismo como patrimônio imaterial local em que a “imprensa foi o difusor da identidade de São Thomé [...] Esta atmosfera que envolvia personagens locais, regionais e forasteiros, que tinham apoio da comunidade na exploração do local na formação da história da cidade”, não pudemos deixar de lado a história oral sendo contraposta aos interesses econômicos de uma possível formação de identidade através da mídia. O pesquisador Santos (2022) em seu curto prazo para uma monografia utilizou da imprensa, notícias e papers (além do levantamento bibliográfico) para analisar a memória coletiva local, porém aqui a história oral vem sendo nosso guia principal para analisar os fragmentos escondidos no conceito da cultura em questão, que daremos luz às manifestações fora da linhagem mística no próximo capítulo. De tal forma que tentaremos ser capaz de lançar a dúvida escondida nas narrativas de alguns nativos, como indagado por Padre Edinho: “será que a nossa cultura, digamos, a nossa cultura nativa, ela não é capaz de atrair o turista também? Também tão grande quanto uma outra cultura que foi importada pra cá?”. Analisaremos e traremos à tona onde se encontra essa “cultura” ou recairemos na contestação emblemática feita por Felet de que “infelizmente, São Tomé não é mais Santo nem nosso, nem é pra nós mais”.



*"Só o outro me interessa. Afinal, é no encontro que  
nossa existência faz sentido."*

*(Emicida – Documentário AmarElo)*

### CAPÍTULO III

#### **Desdobramento do uso do espaço para manifestações culturais locais: análise de casos e seus significados de sociabilidades**

Levantados no capítulo anterior os eventos e acontecimento especificamente pautados em narrativas místicas e seus desdobramentos, tanto em aspectos positivos ou negativos, buscaremos agora evidenciar como determinadas manifestações se encontram dentro de um espaço enredado com o turismo. Halbwachs (2006) considera que os espaços são meios de sociabilidades, que influencia na vida de um indivíduo e conseqüentemente de sua comunidade, como também, é influenciado por eles. Assim, ao trabalharmos a história oral com primazia nesta parte que encerrará esta pesquisa, temos em vista que cada “memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali se ocupa, e que este lugar muda segundo as reações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 2006, p.51).

O local estudado vem sofrendo interferências para atender a demanda turística, impactando na vida social destes moradores, assim vão aceitando e incorporando a realidade em razão das questões econômicas. Todos entrevistados nos relataram das alterações de sociabilidades nas ruas em que moram, onde moradores foram vendendo e mudando de casa, dando lugar ao comércio para atender a demanda turística. Padre Edinho nos conta sobre as alterações no entorno da praça principal “aqui vivia em um ritmo de arraial. Hoje, assim, é mais cada um no seu canto, mas ainda há uma interação, né? [...] Mas se você olha na praça, em volta da praça só tem seis moradores, só seis moradores e gente daqui. E dos seis moradores, olha... 2, 3, 4... são idosos”.

Seria insuficiente pensar somente sobre o espaço, sabendo que suas transformações são advindas para atender a principal atividade econômica local – o turismo. De tal forma, analisar como a relação dos moradores com o tempo pode estar transformando o cotidiano local, nos ajudará a entender as adesões e ou afastamentos das manifestações locais, estas que são feitas por e para os nativos. Thompson (1998) ao pensar em como esta relação do tempo no cotidiano se alterou com a Revolução Industrial, nos mostra como este fator passou a ser algo em que se deve gastar produtivamente e não de forma ociosa, afetando a disciplina de trabalho, no aspecto social e econômico. Em uma sociedade capitalista “ninguém passa o tempo e sim o gasta” (THOMPSON, 1998, p. 272).

Isto aplicado a São Thomé das Letras em um contexto do turismo instalado, torna-se indispensável pensar a questão da relação dos moradores com o tempo. De acordo com Santos

(2022, p.29) “São Thomé das Letras é um daqueles lugares em que o tempo, inexplicavelmente, parece correr mais devagar. Aqui e ali, os sinais de “modernidade” despontam nas construções, nos meios de transporte, nas vestes e falas das pessoas”. Todavia, as modernidades podem não estar presente de fato no sentido material para todos, mas no cotidiano de trabalho e na exploração de uma identidade em prol do turismo em que se mostra a procura exaustiva por um suposto progresso, não caberia aqui a dissociação do tempo como algo que deve ser gasto de forma produtiva. Até mesmo no aspecto material, visivelmente percebemos São Thomé das Letras com muitas “modernidades” para atender o turismo, com construções de grandiosas pousadas em seu entorno, diversos passeios de turismo sendo ofertado em veículos 4x4, quadriciclo, dentre outros.

Diante das notícias previamente apresentadas, relatando do fluxo de turistas em feriados e eventos, se frequentarmos a cidade hoje com um olhar analítico, intercalando a narrativa dos nativos que estão sempre em trabalho, e relacioná-la com as raras imagens do documentário “Sam Thome, sobre a pedra o homem” notaremos rupturas sociais e econômicas, possivelmente ocasionada pelo turismo. Este documentário em questão de 1983, produzido pela Escola de Belas Artes UFMG, traz pequenos recortes da vida social e econômica do local na época, relatando desde causos sobre Chico Taquara, aparecimento de OVNI, festa do Padroeiro, trabalho em pedreiras, construção da Igreja do Rosário, dentre outros temas, mostrando um estilo de vida diferente de hoje onde vemos um centro em sua maioria comercializado. O modo de viver sustentado pela pedra diante da trajetória até os dias de hoje em que se encontra a sobrevivência pelo turismo a fim de atender em certas ocasiões a demanda de 25 mil pessoas, se encontra a modernidade, onde tudo se comercializa, principalmente o tempo.

Dentre os documentários analisados para esta pesquisa, a diretora e roteirista Marcela Bossinger, se demonstrou cirúrgica em trazer à tona figuras de São Thomé das Letras que foram esquecidas, que não fazem parte de uma dita memória oficial do local, tendo em vista que pouco se encontra sobre eles como protagonistas. O uso do tempo de forma produtiva se encarregou de expor outras figuras, demonstradas no capítulo anterior, que fazem parte do imaginário vendido pela cidade. Não cabe aqui compará-los em importância social, porém arrancar do silêncio outros que não tiveram a mesma oportunidade de reconhecimento. Seu primeiro documentário de 2022 intitulado “D.Alvina”<sup>65</sup>, trata-se desta mulher descendente de indígenas por parte de mãe, e de negros por parte de pai, que foi curandeira e parteira não somente

---

<sup>65</sup> BOSSINGER, Marcela. D.Alvina - O Filme. 1 de agosto de 2022. 1 vídeo (37 minutos). Publicado por: São Thomé e Tal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iwJIV2a1INk> . Acesso em: agosto de 2022.

ajudando pessoas do local mas também muitos que iam de outras cidades em busca do poder de suas mãos. De uma pessoa que hospedava pessoas vindas de fora, detentora de uma sabedoria ancestral que é enaltecida pelo entrevistado do documentário João Nicanor (amigo de D.Alvina), o mesmo fez uma analogia de como hoje o que era visto e nomeado por curandeira muito se espalha no local como reiki, uma terapia de cura também através das mãos. O movimento Nova Era, conforme Silas *et al.* (apud Frigerio, 2016, p.17), incorporava elementos de diversas culturas regionais também era composto pelas “ciências não ortodoxas, as religiões estranhas ou heréticas e as medicinas não convencionais”, podendo encontrar ao estar em contato com uma mulher como esta, parte de ideais por eles procurados. Ainda este mesmo entrevistado, nos deixa a certeza em sua fala de que “São Thomé das Letras não é só cidade mística não, tem coisa na terra, ou melhor, na pedra...” e questiona sobre o misticismo abstrato e a figura de D.Alvina: “São Thomé das Letras é famoso por que? E não é só misticismo, uma alegoria, uma venda de uma fantasia... Ela existiu – referindo a D.Alvina – em carne e osso”.

A última obra cinematográfica analisada desta mesma roteirista, chamado “São Thomé das Letras Apagadas”<sup>66</sup>, foi almejado evidenciar relatos de moradores sobre sua visão sobre a cidade, composto por narrativas saudosista de um tempo em que muitos viviam em comunhão, sem trancas nas portas de casa, memórias de uma cidade tranquila. Além disto, ocorreu uma exposição na Praça Barão de Alfenas antes da estreia do filme no dia 2 de dezembro de 2023, evidenciando imagens daqueles que foram escravizados na região, protagonistas da história local. Na ocasião em que estivemos presentes, foi observado uma grande movimentação no local, que contou com roda de conversa, apresentação musical e pôr fim a exibição do filme.

Figura 13: Banner da entrada da exposição que consta como objetivo citado trazer  
 “Uma das perspectivas que foi jogada para as margens. Um trecho das muitas letras  
 apagadas..”

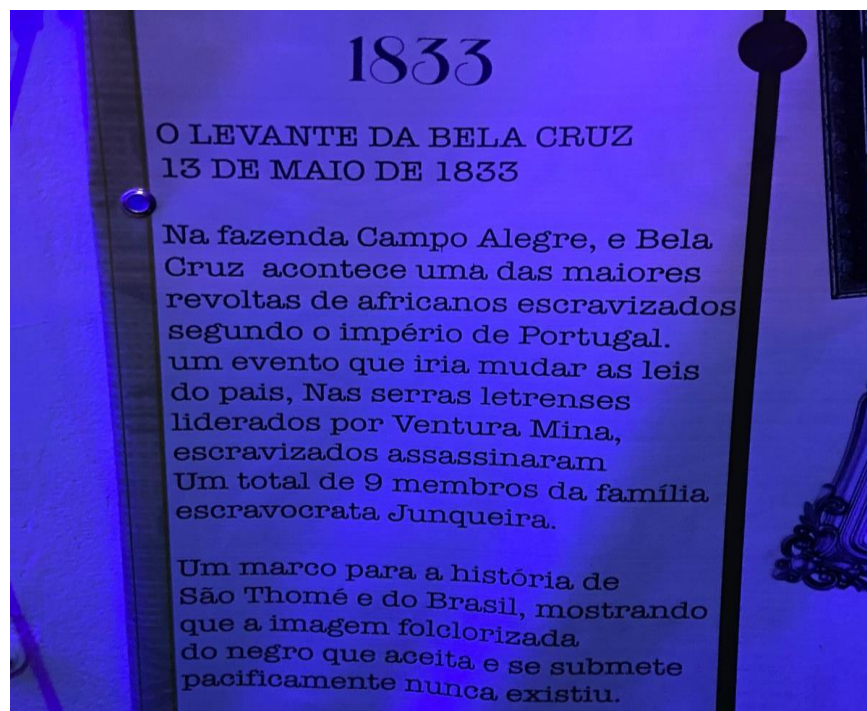
---

<sup>66</sup> BOSSINGER, Marcela. São Thomé das Letras Apagadas - O Filme. 6 de dezembro de 2023. 1 vídeo (28 minutos). Publicado por: ASCOM STL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hmLfff3wgys> . Acesso em: dezembro de 2023.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Figura 14: Recorte do banner de informações sobre a história da cidade, evidenciando a história do negro na região como protagonista.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Figura 15: Foto elaborada por Marcela, da moradora Dona Fátima, conforme placa informativa, nasceu na Fazenda Bela Cruz, palco da Revolta mais importante do Sul de Minas.



Fonte: Elaborada pela autora. (2023)

Com os objetivos de revisitar a história diante da divulgação e produção destes documentários nos ocuparemos adiante da adesão nas manifestações, costumes, e eventos que compõe o calendário local, que são de expectativas sociais pelos moradores, buscando entender os anseios das realizações destes e como se fazem presente na memória coletiva. Foram quatro deles observados: a primeira foi a Semana Santa, que já sofre interferências desde a década de 1980 como apontado por D’Auria e hoje se encontra em momentos de resistências, reestruturações com o ambiente transformado; a segunda, a Festa de Agosto, que um dia foi festa do povo e hoje é uma festa comercializada; a terceira, a Festa da Rua de Baixo, representando a memória dos negros no local, uma festa de rua, que mesmo com suas rupturas hoje vem ganhando espaço através de lutas; e por fim a quarta, Festa da Rua de Cima, também uma festa de rua, originada de um costume familiar e compartilhado com a comunidade, imponente, e que também apresentará suas lutas de sobrevivência. Para essas duas últimas, não foram encontradas referências bibliográficas específicas sobre elas, nos respaldamos na história oral.

### 1. Festa de Agosto

A Festa de Agosto desde o seu princípio se mostrou como um ponto de encontro para além do religioso, como já demonstrado nas pesquisas de D’Auria (2000). Perdeu seu intuito inicial passando para um sentido totalmente comercial, com shows de renomes nacional e barraquinhas de todos os tipos, resultando em 2019 no evento “Resgatando Nossos Sabores”, na tentativa de retomar o que já foi um dia para ser feito um evento para o povo local. Quando questionados sobre este evento de “resgate” poucos tiveram o conhecimento e ou participação. Conforme D’Auria (2000, p.295) “nas festas aconteciam, com a aprovação da igreja, as missas, leilões, alvoradas, ladainhas, procissões, etc. Os bailes eram vistos pelos religiosos com reserva, mas os jogos tinham sua total desaprovação”. Ocorrem ainda na cidade leilões até mesmo proporcionado pela igreja para arrecadar fundos, principalmente no mês de janeiro, conforme relatos das entrevistas com Jenifer e o Padre Edinho.

Nas pesquisas realizadas por D’Auria no final da década de 1990, a autora já apontava que na Festa de Agosto já não havia mais procissões, pois, as ruas ficam lotada de barraquinhas e turistas. Se hoje estas ruas lotadas impedindo a celebração ocorre não é em decorrência somente da cidade divulgada em larga escala para além da região, pois conforme algumas entrevistas, até o final do século passado ela ainda era uma festa regional, ou seja, mesmo regional já existiam esses fatores complicadores que podem ter sido ampliados nos últimos anos. Assim Felet nos relembra da regionalidade da festa: “Era uma coisa assim, vinha turista mas vinha mais o pessoal de Cruzília, o pessoal de Três Corações, de São Bento. Era uma festa mais regional pro povo aqui, porque era mesmo uma comemoração, né? Como era a festa da Colheita, era uma comemoração do povo, né?”.

Para além do ponto de encontro meramente social, alguns moradores elencam o adjetivo “colheita” para explicar as motivações das festas, que também apareceram brevemente nas pesquisas de D’Auria(2000) e por outro lado, o termo é questionado por Padre Edinho e Tiana. A ideia de uma “Festa da Colheita” está emaranhada ao motivo que as pessoas se reuniam para agradecer, assim o morador Sancho relata que “essa festa foi feita para agradecer, né? Agradecer a plantação. Aí juntava os agricultores e o pessoal vinha pra cidade. E agora se tornou festa de agosto, mas a tradição é festa da coleita, né?”. Além de um momento de agradecimento, homenageavam o santo Thomé, porém hoje a homenagem ao santo não faz parte mais da programação. Tiana argumenta: “não, não sei da onde que surgiu a ideia de festa da colheita. Sabe? Porque pra nós nunca foi festa da colheita, é festa de agosto, e era uma coisa muito esperada”. Estas dúvidas sobre o nome pode ser explicado pelo relato do Padre Edinho, sobre a ausência de uma liderança religiosa presente, pois conforme seus estudos nos livros do tombo

da paróquia, São Thomé das Letras por ser uma cidade de difícil acesso ficou por quase um século sem padre, entre os anos de 1889 a 1989, tendo apenas uma missa por mês no local, e com a ausência de um “líder” dificultava a transmissão de costumes e seus entendimentos.

Atualmente os motivos principais da festa não são em devoção ao santo São Thomé, este festejo vem sendo realizado no dia 3 de julho conforme o calendário oficial da Igreja católica. Os desdobramentos para essa separação da celebração ao santo na festa e a ausência de procissões não são somente em decorrência do grande número de turistas no local, remontam ao roubo ocorrido da imagem de São Thomé. A imagem roubada era apontada como a que seria a original encontrada na gruta pelo escravizado João Antão que criaram as narrativas das origens da construção do arraial. O roubo ocorreu em 1991, apontado por D’Auria (2000) pelos registros da Igreja, e elencado como também mostrado o registro no livro do Tombo pelo entrevistado Padre Edinho nos relatando como o ocorrido feriu a população.

A imagem foi roubada na Semana Santa de 1991, nunca houve nada concreto sobre os envolvidos no crime ocorrido. Neste mesmo ano, D’Auria (2000) relata que a cidade recebeu uma réplica e desde então o dia de São Thomé passou a ser celebrado no dia 3 de julho, com a chegada da nova imagem. Padre Edinho nos conta do seu desejo de conquistar para a cidade a relíquia do santo São Thomé e como foi alcançar este sonho:

a chegada à relíquia foi um sonho que eu tinha a muito tempo, que foi eu que consegui pra compensar uma perda muito grande. É claro que mesmo se tivesse o santomézinho aí, ter a relíquia era coisa do outro mundo, né? Mas o povo aqui foi muito machucado em 91 quando roubaram a imagem de santomé [...] Isso pro povo foi como arrancar um pedaço do coração da comunidade [...] Mas a gente agora tem um pedaço do santo. Da pessoa. Não é uma imagem feita por uma pessoa. É a pessoa do Tomé. É um pedaço do osso dele. A gente conseguiu lá na Itália numa catedral que tinha as relíquias dos 12 apóstolos, eles tiraram fragmento e mandaram pra gente.

A moradora Jenifer conta de sua participação neste acontecimento que em sua visão “a chegada da relíquia de São Thomé parece que trouxe um pouco de união para as pessoas de São Thomé”. Isto pode até ser evidenciado na celebração da chegada pelo relato de Padre Edinho:

o Padre Robson, ele tem aberto as portas da igreja para quebrar essa barreira, de que a igreja é só do povo do lugar. Tanto é que no dia da relíquia tem um desses hippies – chamado Téó – que tocou uma gaita de fole e fez homenagem para São Thomé, no meio da procissão. [...] E isso foi bonito, foi lindo de se ver. E quantas pessoas que você via no estilo hippie, vindo diante da relíquia, pegando a relíquia, ficando emocionado.

Em contrapartida a ausência de procissão em relação aos dias atuais, Padre Edinho nos relata desde os momentos das dificuldades de realização de procissão como também da permanência, porém realizada no dia 3 de julho:



Não dava para fazer procissão. Você saía com o São Thomé na procissão, tem vídeo, tem um vídeo que chama “sobre a pedra o homem”<sup>67</sup> que é o Chico Bento, lá de Três Corações, narrando. E ele mostra essa festa. A procissão sai da matriz, chega, chega de onde é a pizzaria “Ser”, aí o Padre Zé Luiz pega o megafone e fala assim, ‘vamos virar o santo que não dá pra passar a procissão’. Vira o santo. Aí ele vira o santo e desce de volta pra igreja. [...] Essa festa, desde a sua originalidade, ela tem alvorada. Seis horas da manhã tem a banda de música que toca, e tem os sinos, né? Aí depois às nove tem a primeira missa. [...] . Então é uma fila enorme de santo, é gente, é banda. Então a festa se manteve. E cresce, cada ano ela cresce...

É impossível negar conforme D’Auria (2000) que o turismo foi responsável pelas grandes transformações nestas festas locais, feita para o povo da cidade. A autora elenca o registro do Livro do Tombo da paróquia que já era relatado o grande fluxo de turistas no local, fazendo com que o povo vivesse em função de atender esta demanda. Rupturas essas que são lamentadas até mesmo por aqueles que nasceram na década de 1990 com o turismo já presente mas que ainda vivenciaram uma festa que era para o povo da cidade. Hoje os moradores relatam como é uma época de muito trabalho e que para alguns ainda é muito esperado, principalmente o dia de domingo e segunda feira, conforme relatos em entrevistas com Jenifer:

domingo talvez seja um dia mais tranquilo. Muito mais tranquilo. Sabe aquele encontro de pessoas somente da cidade? Aquele encontro que você sai e conversa com as pessoas, você vê todo mundo sorrindo, você vê um conversando com o outro, ninguém pensando, tipo, nossa, eu tenho que arrumar minha casa... Porque aqui em São Tomé muitas pessoas alugam casas e tudo mais. Então, tem que receber hóspede, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. É um dia que o pessoal de São Tomé está curtindo. [...]É igual na segunda-feira da festa de agosto, que é o dia que o pessoal vai para as barraquinhas. Às vezes, tipo, eu mesmo vou, às vezes não vou comprar nada, mas simplesmente eu vou encontrar várias pessoas ali da cidade, vou conversar.

O entrevistado Padre Edinho aponta como muitos questionam a presença da música de estilo sertanejo, pois conforme as narrativas vendidas sobre a cidade poucos conseguem compreender. Tanto ele como as entrevistadas Jenifer e Edinéia explicam que a população rural de São Thomé das Letras é do sertanejo, desta forma entres os três dias de festas, o domingo é “reservado” para atender o povo local. Mostrando até mesmo um ponto de interseção com aqueles vindos de fora. Assim Padre Edinho nos conta sobre o dia que é em prol dos nativos:

Aí o povo fala... ‘mas o povo do lugar gosta de sertanejo?’ Claro! Quem gosta de rock, de reggae, é o povo de fora. Hoje a gente curte também, a gente gosta, mas o povo daqui, o povo da zona rural daqui, é sertanejo. Mas os outros dias a festa é feita pensando no povo de fora, no turismo místico...

---

<sup>67</sup> Referindo-se ao documentário anteriormente citado “Sam Thomé, sobre a pedra o homem”.

## 2. Semana Santa

A Semana Santa nos últimos trinta anos foi abordada de duas formas em pesquisas bibliográficas: por um lado D’Auria (2000) elenca registros no livro do tomo da paróquia principalmente nos anos de 1992 e 1993 como uma manifestação que enfrentava dificuldades em decorrência do turismo, sendo um feriado que a cidade recebia muitos turistas sem conhecimento e respeito pela religiosidade do povo; de outro lado Fleisher e Faleiro (2012) discorrem que nesta época devido a imposição de respeito da Igreja Católica era uma época mais tranquila. Encontrar os possíveis desdobramentos no local que resultaram nessa segunda resolutive não é um objeto central aqui, mas sim entender os enfrentamentos atuais, que são fatos devido à realização do STL Festival, e reconhecimento da cidade como local turístico, em que o um dos fatores resultou na criação da lei regulamentadora para grandes eventos, tornando proibido ocorrer eventos deste porte durante este feriado católico.

Analisando os desdobramentos de tal ação da criação da lei perante poder público, foi aqui elencado que o ponto de partida foi a questão dos impactos ambientais, porém para constar a proibição deste tipo de evento no feriado católico, possivelmente haveria ocorrido contestações deste grupo. Isto foi amplamente abordado em entrevista com o Padre Edinho, que confirma a insatisfação perante aos membros deste grupo da realização de eventos nesta época, afirmando que:

Quando esse povo chegou, aqui já tinha a Semana Santa. A Semana Santa aqui, só de paróquia, tem 180 anos. Então, digamos, quando começou a Semana Santa? Não sei, pode ter começado a 250 anos atrás. No mínimo 180. Com registro. Com registro, porque tinha pároco. Infelizmente, o primeiro livro do Tombo, que seria o mais precioso, desapareceu.

São mais de um século e meio de uma celebração local, de ricos rituais em que o Padre Edinho explica sobre a existência de duas formas de realização desta celebração:

“A Semana Santa aqui, existia a Semana Santa original e a Semana Santa que eu vi e agora nós podemos dizer que temos um resgate da originalidade da Semana Santa”. Esta “Semana Santa original” segundo ele era composta por celebrações em passinhos, e composta por motetos<sup>68</sup>, da mesma forma como realizado em cidades cujo reconhecimento são por esses feitos, como São João del-Rei. Conta que ao tentar realizar desta forma encontraram dificuldades, dizendo “Que nem a última vez, a gente tentou fazer o resgate dos motetos, a gente não conseguiu passar no passinho da Benvinda de tão lotado, tão cheio que o Padre não quis passar, mas, às vezes, parte um pouco de falta coragem de vamos enfrentar isso aqui”.

Estes espaços que hoje alguns em sua parte são tombados, nos fazem pensar os motivos que levaram a preservação para além de sua arquitetura a ser comercializada, pois podem servir

---

<sup>68</sup> Elementos musicais sacros.

como pontos de referências, que se dão como ferramentas para as recordações se apoiarem, e desta forma, para seguir com costumes. Pautando assim na relação da memória coletiva com o espaço, Halbwachs (2006,p.) nos encaminha aqui a compreensão de que “nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis, e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo do cômodo onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro”.

São disputas pelo espaço imaterial, para dar-lhes significados. Diante de enfrentamentos, um dos relatados nos chamou a atenção – ataque ao esquife do Senhor morto - de como se fez presente na memória de praticamente todos os entrevistados, sem ao menos fazermos menção através de perguntas, mesmo ciente dos fatos. É relatado por Padre Edinho a ocasião em que

Na época do padre Luizinho foi a época em que o STL Festival era no sábado de Aleluia. E a semana santa já vinha sendo bombardeada desde a década de 90 por causa do turismo. A cidade enche muito. Sem show já enche e aí coloca o show... Aí que piorou. E a gente ouve agressões a Semana Santa. Houve procissão de gente tacar lata de cerveja no esquife do Senhor Morto. Houve procissão de entrarem com o carro no meio da procissão e quase atropelar pessoas. Houve procissão de a gente passar com o santo na rua e o povo começar a gritar, rir, debochar.

O desconhecimento da grandiosidade estrutural e ritualística diante das inúmeras narrativas místicas sobre o local, oculta costumes como este que encaminham os moradores a acreditarem somente na potencialidade do lado místico como algo interessante a ser divulgado sobre o local. Não somente as pessoas de fora, turistas, moradores desconhecem a grandiosidade elencada pelo Padre que explica a decorrência disto também pelo quase um século sem a presença de um padre, assim relata em entrevista:

A gente tinha a estrutura material muito boa, muito boa, mas a estrutura cultural totalmente descaracterizada [...] a Semana Santa, durante muitos anos, acabou não acontecendo. Então, a paróquia acabou sendo sucateada materialmente e principalmente culturalmente, ritualmente, culturalmente, digamos assim, nesses 100 anos sem padre. [...] O turismo místico parece que ele fecha os olhos das pessoas para abrir para outras possibilidades.

Mesmo com essas disputas, aqueles que foram entrevistados em sua maioria participam deste tipo de celebração mesmo não tendo ligação e ou sendo declaradamente católico, como no caso de Felet, que diz participar por questões de tradições. Já Tiana, recorda com saudade da Semana Santa sem um grande fluxo de turistas nos locais, pois o que lhe impede de sua participação atual é o tempo, a rotina de trabalho, contando que consegue participar até quinta ou sexta feira, pois depois o foco está no comércio, que inclusive aborda as questões das procissões e o respeito do estabelecimento perante a tradição:

aí é religião e cultura nossa. E não tem... já virou... ali atrás você passa, não tem mais... não fecha os comércios. No começo até fechava as portas, sabe lá, que a procissão tava passando, fechava as portas por respeito, respeito. Hoje aberto tá, aberto fica. Você tem que pedir, por favor, abaixa o som, porque a procissão tá passando...

O funcionamento do comércio impede até mesmo que as procissões sigam as mesmas rotas, pontos de parada e horário, onde tudo deve ser pensado em como inserir os costumes católicos em meio a demanda turística. Jenifer, participante assídua, nos relata:

Hoje em dia já é totalmente diferente né, principalmente Semana Santa, eu cresci... começava cinco e meia da manhã que o pessoal ia para a procissão da penitência né aí depois que o pessoal da penitência chegava eu lembro que a gente criança ia para a igreja que tinha as missãozinhas ... aí depois a gente ia para a missa à noite e era assim a rotina da semana santa. Hoje em dia as missãozinhas de criança não existe mais um pouco porque não tem pessoas para ajudar tanto na igreja... fui acólita também para ajudar na igreja durante algum tempo pela correria eu não tive como continuar [...] Esse ano (2023) o Padre fez a profissão às duas da manhã. E teve muita gente. [...] E mudamos o trajeto para não ir lá em cima (referindo ao Cruzeiro), porque antigamente a procissão ia lá no cruzeiro. Só que devido ao pessoal estar curtindo, hoje em dia não tem mais isso.

### **3. Festa da Rua de Baixo**

Uma festa de rua, feita pelos moradores da Rua Camilo Rios, com os objetivos iniciais de confraternização entre os moradores desta rua e demais habitantes da cidade. Tivemos conhecimento desta festa através das divulgações feitas em redes sociais, nos levando a campo para observação em 2022. Nesta ocasião, nos chamou a atenção por ser uma festa diversificada na sua programação, como também as falas da moradora Felet que estava narrando a festa que estava acontecendo, sempre lembrando que São Thomé das Letras não se trata apenas de uma cidade mística, enquanto no local aconteciam as programações de congada, folia de reis, roda de causos, capoeira e comidas típicas, no local que estava tomado por moradores e turistas. A entrevista com Felet, nos encaminhou para uma rica conversa gravada com uma das organizadoras do evento, a Tiana, que aqui destacará suas narrativas devido ao envolvimento e responsabilidade pelo festejo.

Desde 2018 a Festa da Rua de Baixo faz parte do calendário oficial de eventos municipal, que foi instaurada através da Lei 1472/2018<sup>69</sup>, mediante justificativas de que através da lei objetiva-se o resgate da festa:

---

<sup>69</sup> Câmara Municipal de São Thomé das Letras, Lei Ordinária nº 1472/2018 de 19/06/2018. Disponível em: <https://www.legislador.com.br/legisladorweb.asp?WCI=LeiTexto&ID=62&inEspecieLei=1&nrLei=1472&aaLei=2018&dsVerbete=festa>. Acesso em: agosto 2023.

Com o passar do tempo esse costume foi sendo esquecido e as festas da Rua de Baixo acabaram. Hoje, porém, seus moradores retomaram a luta pela preservação de suas tradições com o retorno da “FESTA DA RUA DE BAIXO”, um projeto que visa o envolvimento da população negra e nativa de São Tomé das Letras em atividades culturais relacionadas à tradição popular de Minas Gerais, integrando a comunidade por meio de atividades folclóricas, de forma lúdica e educacional, resgatando a história e os costumes de nossos ancestrais e do tempo em que as portas permaneciam abertas e cadeiras se espalhavam naturalmente nos passeios para que pudessem apreciar as festividades de rua.

Figura 16: Divulgação da programação da Festa da Rua de Baixo de 2023, em que é possível observar a presença de diversas manifestações como: congada, capoeira, folia de reis, dentre outras .



Fonte: Captura de tela (2023)<sup>70</sup>

Com a presença da narrativa mística impulsionada pelo turismo, em um espaço transformado para atendê-lo, pode contribuir para aceitação de uma realidade, deixando de lado festas como esta que houve uma ruptura temporal. O espaço não é apenas um lugar em que um grupo se insere, mas é onde também ele transforma e ocorre ações. Assim devemos pensar para além de sua estrutura física, mas também que “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo a que se sujeita e se adapta às coisas

<sup>70</sup> Instagram @africanizarstl, 16 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Czusn-xAbVu/?igsh=MWttbZQ1MXRrYWhldA>. Acesso em: novembro 2023.

materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 2006, p.133), criando lugares que são agentes na memória coletiva. Assim, questionamos Tiana sobre as circunstâncias que levaram a Festa ser interrompida, e ela nos explica desde as motivações iniciais da realização como também possíveis motivos que levaram a ruptura parcial:

O povo da rua. Foi falecendo. Foi falecendo, foi mudando. Venderam, vendendo as casas. [...] Na verdade quem fazia eram minhas tias. E essa festa hoje, no ponto de história, depois de você viver bastante e tal, e você fala assim, essa festa era, eu acredito hoje que era a junção deles, eles juntavam pra fazer um fim de semana onde eles celebravam a alegria deles. Porque você imagina, eu falei pra você aí, uma pessoa que lavava a roupa da metade da cidade, carregava a lenha pra metade da cidade, para barões, vamos colocar assim? Entendeu? Se julgavam barões, entendeu? Ainda tem isso hoje tá! Tem muitos aí que ainda se julgam. Eita! Se julgavam barões... Então, uma pessoa aqui lavava a roupa da metade da cidade, em ribeirão. Não era em casa, não tinha água. Era ribeirão. Lavava a roupa da metade da cidade. Buscava, carregava lenha para a metade da cidade. Limpava a casa do povo. Tem que ter um dia que tem que ir, de vamos fazer alguma coisa aqui pra extravasar, né?

Na própria justificativa da elaboração da lei para oficializar este evento no calendário municipal, justificativa a necessidade para “defender do esquecimento, tais comemorações, é de extrema importância para o resgate e promoção da nossa cultura e para garantir às novas gerações o acesso à diversão e lazer oriundos da tradição popular, bem como, despertar o interesse pelos conceitos e preservação da cultura local.” Este lazer como forma de extravasar conforme colocado por Tiana, nos faz pensar da forma como Thompson (1998, p.16) elaborou a relação da gentry e a plebe no contexto da revolução industrial com a relação do tempo como algo a ser produtivo, arguindo que “as cerimônias, e as procissões dos ofícios, que no passado faziam parte do calendário corporativo... no século XVIII ainda podiam ser celebradas em ocasiões especiais... No século XIX, perderam o endosso consensual dos respectivos “ofícios”, eram temidas pelos empregadores e pelas corporações, por propiciarem explosões de alegria e distúrbios.” (p. 16)

A retomada da festa em 2018 partiu-se de um desejo individual em uma conversa informal de Tiana com seu primo Gerson, mas que hoje conta com a ajuda dos moradores das ruas, até mesmo daqueles que não vivenciaram de fato o início da festa que não há uma datação certa, porém Tiana acredita-se que ela existe há cerca de 50 anos, mesmo sem nada documentado. Nos conta da sua conversa com Gerson e seus anseios para que a história deles, moradores, tivesse luz no contexto atual em que a cidade se encontra:

Tava vindo de mercado aí, não sei de onde tava vindo, e eu encontrei com ele aqui na porta de casa, ele falou, ‘Tiana, vamos fazer a festa da rua de baixo’ – disse Gerson. Aí eu falei, vamos. E vamos fazer assim. Ele falou, “vamos voltar a fazer ela”. Falei, vamos. Só que vamos mudar um pouco o jeito dela.

Aí ele falou assim, “lá vem você enfeitar o pavão”. Aí eu falei, não, que eu gosto. Eu amo. Eu falei mais tarde, eu te procuro e a gente conversa sobre essa festa. Fiquei o dia inteiro matutando, como é que ia ser a festa? Qual que ia ser o corpo? Como é que você podia desenhar uma festa, não tirando o que fazia antigamente, mas juntando alguma coisa? Aí eu falei, quer saber? É a hora de a gente botar... Descer desse muro que você fica escondido, é descer do muro que você fica escondido. Eu falei, vamos fazer a festa, a mostra cultural afro. Vamos contar a nossa história. E ele disse, “e como assim?” São Tomé é nós. São Tomé foi fundado pelo nossos antepassados. Falei “ô Gerson, você já viu algum lugar que fala de nós aqui? Não. Então vamos começar a falar!

Atualmente a Festa depende de apoio da prefeitura e demais comerciantes para ser realizada que entram como “apoiadores”, não só neste quesito como muitos costumes foram enfraquecendo com o tempo, também é necessário apoio de Folia de Reis, Congadas, Grupo de Capoeiras, dentre outros, de cidades da região. Continua sendo realizada as comidas típicas gratuitas, com destaque para a broa de pau a pique, patrimônio imaterial registrado a nível municipal. Tiana nos conta um pouco sobre os elementos desta festa:

hoje ela tomou outra proporção, não descaracterizando ela, isso aí não é minha intenção, continua tendo broa, continua tendo café, só não faz os quantão, continua tendo a fogueira, continua tendo de graça na rua para todo mundo. Não perdeu, não perdeu a essência da festa que eles faziam? Tanto que tem a roda de causas, senta os mais velhos, conta uns causos antigos, de São Tomé, e ninguém é melhor do que esse povo para falar sobre a sua história. [...] Contando isso ali, o Tomé Rosa, o Sr. Cardoso, o Tomé Cardoso, independente de cor. Quando eu falo a Mostra Cultural Afro, é só pra tirar esse grito que tá aqui, entalado, entendeu? É só pra tirar isso. Pra mostrar que a gente tem voz aqui. Porque ficou sim senhor, não senhor a vida toda.

Figura 17: Apresentação do grupo Afoche Vozes de Orum (de São Paulo) e mesa de comidas típicas, na Festa da Rua de Baixo de 2023.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).



A Festa é bem recebida por muitos moradores no local, entre todos os entrevistados, foi afirmado que sempre participam mesmo com uma passagem breve pelo local, pois é um ponto de encontro dos moradores. Assim, podemos observar que esta festa existe na tentativa de buscar no passado um elo no presente, que conforme é defendido por Nora (1993), os usos destes lugares de memória reafirmam uma identidade pela repetibilidade, pela memória-dever e resistência em meio a uma narrativa prevalecente – a mística neste contexto. Contudo, mostra-se como este evento pode ser a representação do lado funcional dos lugares de memória.

#### 4. Festa da Rua de Cima

Tivemos um conhecimento tardio sobre esse festejo que ocorre em Junho, no dia de São João, talvez por uma normalização dos costumes de festas juninas. Porém este evento se mostrou presente na memória coletiva dos entrevistados como uma festa realizada para o povo da cidade, que através destes relatos orais que obtivemos a magnitude da importância da festa, como também as adversidades em sua realização. Para compreender este costume local, nos recorremos aos relatos orais de Sancho, que hoje toma a frente da organização que sempre esteve a cargo de sua família – a tão conhecida família Medeiros. Nosso primeiro questionamento é sobre a datação da festa e o mesmo nos conta sobre a não ter precisão da data mas recorre a um quadro como um marco para ter uma noção do tempo de existência

aproximadamente 50 anos atrás, viu? [...]Aquele quadro ali... de São João, ele tem 50 anos aqui. [...] Ah ele é o quadro da festa né. Era uma festinha que era... que fazia uma fogueira pra quentá do frio né...Aí começou a fazer o quentãozinho...Aí começou a falar, tem um quentão, vou fazer uma pipoquinha para as crianças.

Figura 18: Imagem de divulgação da Festa da Rua de Cima (Arraiá do Sô João) com pedido de doação para festa ser realizada.



Fonte: Imagem retirada da página do Facebook de Ivan Medeiros (Sancho).<sup>71</sup>

<sup>71</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2018081305191404&set=pb.100009686616572.-2207520000&type=3>. Acesso em dezembro de 2023.



Atualmente a festa tomou proporções maiores segundo relatos de Sancho, com a presença de turistas, e ainda continuam recebendo ajudas dos moradores, pois as comidas também são ofertadas gratuitamente. Conta com a ajuda de sua sobrinha Ayla de 26 anos para organização da festa, além do apoio de prefeitura que no ano de 2023 trouxe uma grande quadrilha junina de Belo Horizonte para a programação da festa, e de amigos que voluntariamente se oferecem para tocar, contando com diversos estilos de música.

Figura 19: Momento da Rua Jefferson Gonzaga (rua de cima) ocupada durante a Festa da Rua de Cima de 2023.



Fonte: Imagem retirada da página do Facebook de Ivan Medeiros (Sancho).<sup>72</sup>

Esta festa também se encontra em situações de resistências em alguns momentos, primeiro pelo espaço onde ocorre, e segundo por ser uma festa gratuita que vem crescendo. A festa vem sendo realizada no dia 24 de junho, independente do dia da semana em que cair, pois o costume se encontra em celebrar o dia de São João. A questão do espaço, se desdobra por ser

---

<sup>72</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2021796844819850&set=pb.100009686616572.-2207520000&type=3>. Acesso em novembro de 2023.

uma festa que vem crescendo e ser realizada em uma rua pequena<sup>73</sup>, nos contando como já tentaram impedir a realização da festa:

o vizinho ali do açai ali que denunciou nós esse ano (2023), do açai não, do sushi. Deu um fuxico, denunciou, veio até o bombeiro, deu um fuxico, porque a fogueira é perto do bar dele... e ele acha que é muito grande, ele tem medo. Tem um lugarzinho de fazer do lado da rua. É o único lugar que tem um jeito de fazer a fogueira no cantinho que é perto dele e ninguém nunca tinha colocado obstáculo. [...] Ele diz que tem muito prejuízo por causa da fogueira. Eu não sei, ele fica a semana inteira fechado. Por que ele tem que abrir no dia da festa, que é uma vez por ano?

Além disto, Sancho elenca as tentativas de comercializar a festa, retirando ela de onde hoje ela é feita, vendendo ingressos. Mas sua opinião é bem clara sobre isto: “a gente não tem intenção de tirar a festa daqui não. Porque aqui é o coração, e se você tirar o seu coração você não funciona, então a gente acha a melhor forma”. Conta que se for para a festa sair de onde ela é hoje e comercializar, ele não seguirá com a festa e que só irá parar de fazer se sua mãe não quiser mais, uma senhora também nascida e criada no local que participou um pouco da entrevista. Sancho relata que abordam a questão da festa ser com comida gratuita: “já tentaram comercializar ela. Dizem que hoje em dia nada mais é de grátis”. Estes enfrentamentos para a realização da festa, se dão em uma sociedade moderna que conforme Thompson (1998, p.298) “todo tempo deve ser consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente passe o tempo”. Assim, não limitando apenas a este evento, é analisado que a realidade destes festejos e costumes dos moradores nativos de São Thomé das Letras, marcam confrontos entre os costumes e a possibilidade de comercializá-los.

---

<sup>73</sup> Rua Jefferson Gonzaga.

### Considerações finais

Tivemos ao longo da pesquisa de campo dois enfrentamentos com um só sujeito: o tempo. Este que trabalhamos aqui guiado por Thompson se mostrou na prática, através das adversidades vindas com a disponibilidade de tempo do trabalhador nativo para as entrevistas diante da demanda da atividade turística e o tempo de pesquisa em um objeto multifacetado que podiam nos encaminhar para diversos caminhos. Além disto, o turismo como mal necessário, ainda silencia vozes que são dependentes dele, em que uma das entrevistas realizadas não obtivemos autorização para utilizá-la aqui. Do proposto inicialmente, faltaram duas entrevistas para atingir a quantidade proposta, porém de um viés qualitativo e não quantitativo em que a pesquisa se insere, as entrevistas que foram feitas nos serviram com êxito para discorreremos entre os objetivos específicos almejados. Ainda assim, nestas entrevistas foram observados diversos pontos que nos mostram que o objeto de estudo não se deu como esgotado para futuras análises, pelo contrário, nos mostraram como podem até mesmo ramificar em gênero, raça e classe social. Em um primeiro momento, para pesquisas futuras, almejamos entrevistar mais moradores nativos da geração mais nova, em que sua existência e lembranças são de um contexto místico amplamente mais divulgado, para entender a fundo sobre os motivos em que não estão tão inseridos nos festejos e costumes locais, apesar de termos concluído até o momento que ainda há a participação deste grupo, mesmo que de forma mais branda. Desta forma, futuramente poderemos entender melhor de qual narrativa este grupo se insere, das unicamente místicas ou a de seus sucessores onde o místico não é dominante.

Em gênero, nos chamou a atenção um relato de uma entrevistada (a qual não foi cedida a autorização de uso da sua entrevista) elencando pontos positivos do turismo para as mulheres com as novas oportunidades de trabalho surgidas neste ramo, uma vez que anterior ao ciclo do turismo a economia local e possibilidades de emprego se encontrava no setor rural ou em pedreiras, destinados majoritariamente aos homens. Ainda que nesta pesquisa os entrevistados foram compostos de diferentes classes sociais e econômicas, com este mesmo relato citado e a não autorização de seu uso, podemos pensar nas classes sociais e econômicas, de um lado aqueles possivelmente dominados pelas atividades econômicas advindas do turismo na posição de empregados em que há a possibilidade de silenciamento sobre os impactos negativos diante da condição da dependência econômica; e do outro lado os empregadores, este último grupo que nos chamou a atenção positivamente, uma vez que como demonstrado alguns deles foram incentivadores para que a cidade possuísse uma regulamentação para a realização de grandes eventos, almejando atendimento de qualidade e não quantidade ao ser pensado no retorno da

atividade turística a longo prazo no local. Em raça, foi percebido a recente busca de pessoas negras e iniciativas terceirizadas (como os filmes e exposição de Marcela Bossiger), de colocarem em evidência a sua história como protagonistas constituintes da história local, sendo um dos objetivos da realização da Festa da Rua de Baixo.

Ao que concerne os objetivos de analisar pontos de encontro e narrativas sobre a identidade local das duas diferentes gerações de nativos proposta, daqueles que narram lembranças que antecederam o turismo fortemente instalado e daqueles que vivenciaram somente experiências em que o turismo já era uma realidade local, foram observadas falas saudosistas até mesmo pela geração mais nova, de uma trajetória em que o fator místico não era predominante, demonstradas principalmente pelas entrevistadas Felet e Jenifer que nasceram em um contexto em que a atividade turística já se inseria como importante fonte de renda. Ainda assim, nenhuma das gerações nega a existência de uma energia diferente no local, porém sem sobrecargas e relatos sensacionalistas da forma que por vezes foram elaboradas pela mídia.

Foram diversas as lutas observadas no campo, de contexto econômico e social, desde eventos relacionados a costumes locais à eventos com a finalidade turística. Constatamos com os desdobramentos do STL Festival que moradores nativos não só enxergam a importância econômica de eventos como este, como também possuem afinidade social nele desde que seus costumes e cotidiano não sejam alterados bruscamente. Estes costumes e manifestações culturais locais buscam mais espaços para atuação desde o século passado, e tem a participação das duas gerações, porém os mais novos com menor presença. Possivelmente a menor atuação da geração mais nova nestes pontos de encontros da comunidade local é resultado do campo transformado desde a concepção material, em que o ambiente neste caso externaliza majoritariamente perspectivas místicas, que indubitavelmente influenciam na memória coletiva e percepção sobre os lugares e seus usos. São notados a existências de pontos de interseção, em que a comunidade abraça a ideia do místico e traz para dentro de suas manifestações, como a citada participação de um hippie no dia da chegada da relíquia do santo São Thomé e também a comercialização do local através da imagem de liberdade de expressão artística.

A narrativa mística tem sido presente no cotidiano dos moradores para além do comercial, e os caminhos demonstrados na pesquisa de Santos (2022) para patrimonializar o místico no local se mostra como um fator importante diante de tantos conflitos. Regulamentar, reconhecer, e colocar em contexto o que ali é comercializado pode resultar na diminuição de conflitos espaciais e culturais, desde que paulatinamente tragam também narrativas e manifestações que foram deixadas de lado diante do uso do espaço somente em prol do turismo.

Temos uma parte do centro tombado, o lado material valorizado, mas é preciso dar sentido simbólico para estes lugares, e vimos que somente a narrativa mística que mesmo com grande importância não sustentará sozinha, pois esta em dominância como a ideia de única identidade local tem gerado insatisfações.

Os conflitos locais são debatidos além da esfera dos moradores nativos diante da visibilidade que hoje a cidade tem em um cenário nacional. Percebemos isto no decorrer da pesquisa em que uma das fontes propostas a serem analisadas inicialmente através de uma imprensa tradicional de jornais reconhecidos não foram suficientes para entender os embates atuais, uma vez que muito é debatido em redes sociais. Nesses debates foram percebidos como o trabalho dos jornais desde a década de 1970 em divulgar o local como uma terra mística é perpetuado ainda nos dias de hoje, que ocasionaram distorções sobre a cidade ser um local liberal, como se as regras, leis e ordens em que a sociedade segue em demais regiões, ali não cabem. Analisar redes sociais nos trouxeram grandes resultados mas também desafios em referenciar estas fontes, de uma esfera da história pública do tempo presente em que a cidade se insere. A cidade vende algo – o místico – que hoje é contestado por alguns, apontando que a cidade não se resume a apenas isto.

Concluimos que o objeto de estudo enfrenta um desafio, de mapear dentro de um curto espaço, os diferentes costumes que ali são inseridos, uma vez que parte do místico, da malucada de br, artesões, não se dão como grupos consistentes com líderes, instituições definidas, dando margens a muitos entendimentos. A ausência de reconhecimento destes em uma esfera nacional, dificulta ainda mais a situação micro, sem um norte a seguir. Além destes, os próprios moradores nativos que antecedem o místico e seus sucessores se veem em um ambiente transformado, com uma ideia inserida do místico desde os tempos que o local era de difícil acesso, tornando difícil manter tradições católicas e demais manifestações. O poder público se encontra em uma balança em equilibrar o “progresso” através do turismo e incentivar a retomada e permanência de manifestações locais, como tem demonstrado ao apoiar as festas de rua e católicas através de leis oficializando estas datas no calendário municipal e resguardando sua possibilidade de repetibilidade, para que não ocorra nestas épocas intervenções bruscas nestas pela demanda da atividade turística. Finalizamos, com a expectativa de que haja o entendimento da importância de todos esses grupos e que sejam inclusos ao redesenhar os rumos sobre a identidade da cidade, tomando o turismo como ferramenta para divulgação destes, ampliando formas de divulgar a cidade através do turismo arqueológico, histórico e cultural dos nativos e daqueles que estes receberam e vem incluindo em seu cotidiano, os místicos e todos aqueles que desdobram através de seus ideais tão plural.

## Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.13-18.

\_\_\_\_\_. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. P.34-48.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p.157-201.

\_\_\_\_\_. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Editora Unicamp, pp.373-396.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BORDONAL, Sarah; SOUZA, Guilherme. Impactos sociais e culturais causados pelo turismo em São Thomé das Letras - MG: uma visão dos moradores. Forum Internacional de Turismo do Iguassu, 2020.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 1989. Rio de Janeiro: Editora Bertrand.

CAMPO, Hécio. Espaço urbano e turismo em Tiradentes – MG. Revista espaço acadêmico, Nº132, pp.182-191, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14935/9116>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

CHAUVEAU, Agnès (Org.). Questões para a história do tempo presente. Bauru: Edusc, 1999.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do patrimônio. Trad: Luciano Vieira Machado. 3ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia. “Patrimonialização do patrimônio”: ensaio sobre a relação entre turismo e patrimônio cultural” e produção do espaço. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº31, pp.95-104, 2012. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:k1Y-NyUUT0EJ:www.journals.usp.br/geousp/article/download/74255/77898+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 de março de 2018

D’AURIA, Carla. São Thomé das Letras na encruzilhada das fontes e dos saberes. UNICAMP, 2000.

DARTON, Robert. Apresentação. In: *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.59-79.

FUNARI, Pedro Paulo; PINKSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2001, p.7-14.

FLEISHER, David; FALEIRO, Rodrigo. São Thomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. IN: *Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações* – Stephen Grant Baines... [et al.]. organizadores. – Brasília: Ibama; UnB/Ceppac; IEB, 2012.

GINZBURG, Carlo. Introdução. In: *História Noturna: Decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp.143-180.

GONÇALVES, José Reginaldo. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. P.25-33.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? In: *REVEL, Jacques. Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p.251-262.

GUERRIERO, Silas. et al. Os componentes constitutivos da Nova Era: A formação de um novo *ethos*. *Revista de Estudos da Religião*, Vol.16, n2, 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 1 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terrence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JEUDY, Henri Pierre. *Espelhos da cidade*. Tradução: Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p.111- 153.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MARTINS, Aterlane. Os “lugares” e sua dimensão imaterial. *Formação de Mediadores de Educação para patrimônio*. Fundação Demócrito Rocha: 2020.

MENESES, José. *História e Turismo Cultural*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MENESES, Ulpiano. Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da. *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. SP: Hucitec, 1996, pp. 88-99



MORAES, Marieta; AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

MORIN, Violette. El objeto biográfico. In: MOLES, A. et al. Los objetos. Traducción: Silvia Delpy. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1969.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. *História, memória e tempo presente*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 20-36.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduados de História*. São Paulo: PUCSP, vol.10. dez. 1993, p.7-28

OLENDER, Marcos. O afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, p.322-340.

NETO, Antônio Cláudio. Conflitos culturais e políticas de identidade: estudo do I Encontro Nacional de Malucos de BR. CECULT/UFRB. Santo Amaro, 2017.

NETO, Francisco Paulo. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINKSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. SP: Contexto, 2001. P. 53-66.

NEVES, Rodrigo; CARNEIRO, Eder. Imagens do patrimônio e turismo: metamorfoses e “mercadorização” do território central de Tiradentes, Minas Gerais. *Espaço & Geografia*, Vol.15, n 2, 2012. Disponível em: [file:///F:/users/Downloads/espa%C3%A7o-e-geografia-neves-unb%20\(1\).pdf](file:///F:/users/Downloads/espa%C3%A7o-e-geografia-neves-unb%20(1).pdf). Acesso em: 12 de setembro de 2018.

PEREIRA, Tatiane Moraes, COSTA, Luciane Cunha da, SANTOS, José Roberto Araújo, RIBEIRO, Roberto Pazos. Turismo religioso: análise e tendências Tatiane. V Seminário Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo, Belo Horizonte, 2008.

PINKSKY, Carla (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINKSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. SP: Contexto, 2001. P. 15-27.

SALES, Cristiano Lima. A Estrada Real nos cenários arqueológico, colonial e contemporâneo: construções e reconstruções histórico – culturais de um caminho. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João Del – Rei. Departamento de Ciências Sociais, Política e Jurídicas, 2012.

SANT’ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. P. 49-58.

SANTOS, Fábio Marques Ferreira. A patrimonialização do esotérico e do místico na cidade de São Thomé das Letras-MG: o dinamismo da previsão, requisitos, atributos ao seu reconhecimento à luz do seu patrimônio cultural imaterial. Trabalho de conclusão de curso



(Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Graduação em História (bacharelado), 2022.

SOUZA, JOCYARE. Onomástica e discurso: O memorável no processo histórico e social de urbanização. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 57, n. 2, p. 185–204, 2015. DOI: 10.20396/cel.v57i2.8642401. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8642401>. Acesso em: 6 abril 2023.

\_\_\_\_\_. Serra as letras / São Thomé das letras: designações que enunciam nas relações toponímicas uma forma-sujeito de constituição/identificação do cidadão brasileiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 9, n. 18, p. 51–61, 2006. DOI: 10.20396/lil.v9i18.8659861. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659861>. Acesso em: 6 de abril 2023.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Trad: Thomaz Tadeu - 3ªed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

THOMPSON, Edward. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Vinícius. *Festas Rave e Turismo: fatores motivacionais dos frequentadores de festivais de música eletrônica*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

Zamarco, Fernanda Cristine; Lanzarini, Ricardo. Turismo e paisagem cultural: um estudo de caso de São Thomé das Letras em Minas Gerais, Brasil *Caderno Virtual de Turismo*, vol. 19, núm. 1, 2019 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115459473001>

## APÊNDICE A – Perfil dos entrevistados.

Segue abaixo algumas informações complementares do perfil dos entrevistados que podem contribuir para uma maior elucidação do lugar de fala de cada um deles, divididos em tópicos. Todas as entrevistas foram realizadas entre o final do ano de 2023 e início de janeiro de 2024, e todas que aqui são mencionadas obtivemos autorização de uso pelos entrevistados.

- Sebastiana da Silva: mais conhecida por Tiana, de 51 anos, nascida e criada em São Thomé das Letras. Importante ressaltar a condição étnico racial dela, uma mulher negra, que reivindica em sua fala e prática a negritude local, como agentes da memória. Exerce a profissão de cozinheira desde os 14 anos e atualmente no restaurante Panelinha, que pertence a sua família, localizado no Centro da cidade, na “rua de baixo”. Responsável pela “Festa da Rua de Baixo” junto a sua família e envolvida em assuntos culturais da cidade.
- Pe. Edson Pereira de Oliveira: há 11 anos como padre e atualmente no Santuário da Beata Nhá Chica em Baependi. Nascido em 1985 em São Thomé das Letras, já atuou como guia turístico e frentista de posto no local. Com interesses e estudos na história local, principalmente ligada a religião católica, através de Livros do Tombo da igreja e outras possíveis fontes.
- Jenifer Souza Reis: 26 anos, nascida em Três Corações devido à ausência de maternidade em São Thomé das Letras, onde foi criada desde os primeiros anos de vida. Formada em medicina veterinária, sempre viveu no meio rural e com influências católicas que segue praticante. Além disto, desde a infância ajudou familiares no setor turístico, em que empreendem em supermercados e hospedagens.
- Ivan Donizete Medeiros: 46 anos, nascido e criado em São Thomé das Letras. Um dos responsáveis pela organização da “Festa da Rua de Cima” proporcionada pela sua família Medeiros para a população local, que ocorre na rua Jefferson Gonzaga, onde reside em uma casa com a fachada de pedra, característica local.
- Elifelet Rosa: 32 anos, também nascida em Três Corações devido à ausência de maternidade em São Thomé das Letras, onde foi criada e reside até o atual momento.

Mais conhecida como Felet, é neta de Antônio Rosa, personagem local importante em que o parque municipal é nomeado em sua homenagem. Atua no setor de turismo, em entrada de cachoeira, como também é envolvida com a cultura local. Tivemos o primeiro contato com esta moradora na “Festa da Rua de Baixo” enquanto estava na locução comentando sobre o evento e enfatizando que “São Thomé das Letras não é só misticismo”.

- Edinéia Francisca da Silva: 59 anos, nascida em São Thomé das Letras, sempre residindo na área urbana. Profissionalmente atua no comércio local, atualmente responsável por uma pousada localizada na praça central, mas também já trabalhou com bar e mercearia.